

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
ESTRATÉGIAS DE PENSAMENTO E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO
GRUPO DE ESTUDOS DA COMPLEXIDADE

COMPOR E EDUCAR PARA DESCOLONIZAR

CARLOS ALBERTO PEREIRA SILVA

NATAL - RN

2009

CARLOS ALBERTO PEREIRA SILVA

COMPOR E EDUCAR PARA DESCOLONIZAR

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Educação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria da Conceição Xavier de Almeida.

Co-orientadora: Prof^a. Dr^a. Wani Fernandes Pereira.

Natal - RN

2009

Carlos Alberto Pereira Silva

COMPOR E EDUCAR PARA DESCOLONIZAR

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Educação.

Aprovado em: ____/____/____

Prof^ª. Dr^ª. Maria da Conceição Xavier de Almeida - Orientadora
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Edgard de Assis Carvalho
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Prof^ª. Dr^ª. Izabel Cristina Petraglia
Centro Universitário Nove de Julho

Prof. Dr. Iran Abreu Mendes
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Willington Germano
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Juremir Machado da Silva
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Prof^ª. Dr^ª. Wani Fernandes Pereira
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Catálogo da Publicação na Fonte. UFRN / Biblioteca Setorial do CCSA
Divisão de Serviços Técnicos

Silva, Carlos Alberto Pereira.

Compor e educar para descolonizar / Carlos Alberto Pereira Silva. -
Natal, 2009.

129 f.: il.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria da Conceição Xavier de Almeida.

Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do
Norte. Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Programa de Pós-Graduação
em Educação.

1. Educação - Tese. 2. Conhecimento - Tese. 3. Arte - Tese. 4.
Descolonização - Tese. I. Almeida, Maria da Conceição Xavier de. II.
Pereira, Wani Fernandes. III. Universidade Federal do Rio Grande do
Norte. IV. Título.

RN/BS/CCSA

CDU 37(043.3)

Para minha mãe Ana Pereira, uma sábia
analfabeta, por me ensinar as virtudes do
amor que nem sempre são encontradas
entre os letrados.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, amiga e parceira, Ceíça Almeida, pela profundidade e leveza nas orientações, pelo apoio na criação e consolidação da RECOM e por demonstrar, através do seu exemplo, que é plenamente possível unir alegria, rigor e generosidade. A Wani Pereira, pela cuidadosa co-orientação e pelo carinho. A Edgard Carvalho, pela transmissão da sábia sinceridade indispensável à atividade intelectual. A Edgar Morin, a quem tive o prazer de conhecer no caloroso inverno do ano de 2008, por ter me ensinado que sorrir, cantar, chorar, dançar, abraçar, perdoar é também resistir à crueldade do mundo. A Iran Abreu, Dalcy Cruz, Josineide Oliveira, Juremir Machado, Izabel Petraglia, Willington Germano, Marta Araújo e Ana Lúcia Aragão, pelos ensinamentos.

À minha amada Nana, pela aconchegante cumplicidade, pelo incentivo à minha formação e pela partilha de idéias complexas sobre o mundo e a vida. Ao meu filho Carlos Emanuel por buscar entender a minha ausência e por sempre perguntar carinhosamente ao telefone: “você tá bem, Inho?”. À minha mãe, Ana Pereira, por garantir, com muita labuta, a minha entrada e permanência na escola. Ao meu pai, Manuel Moreira (*in memoriam*), por cultivar em mim o apreço pelo trabalho e o senso de responsabilidade frente às tarefas assumidas. Aos meus irmãos Neide, Carlito, Lenilton e Nice, por torcerem pela minha realização pessoal e profissional.

Ao professor Abel Rebouças, reitor da UESB, e à professora Márcia Gurgel, ex-coordenadora do PPGEd / UFRN, por apostarem na consolidação e na ampliação do intercâmbio acadêmico entre a UESB e a UFRN, surgido da profícua relação RECOM-GRECOM. Aos participantes das diversas ações da RECOM, pela importante contribuição nos debates acerca das idéias apresentadas nesta tese. A Renato e a Simplicio, parceiros na construção da RECOM, pelo compartilhamento de idéias, tristezas, e alegrias, nesta sinuosa itinerância. A Silmara, pelo afetuoso acolhimento e a Elane pela

paciência em ouvir as minhas inquietações. A Nil, Rita, Juliana, Bosco, Venâncio, Samir, Wyllys, Valmir, Rodrigo, Hostina, Louise, pela boa convivência.

Aos compositores musicais e aos autores dos trabalhos científicos presentes nesta tese, por contribuírem para minha formação e alegrarem o meu ser.

Enfim, do fundo do coração, muitíssimo obrigado a todas as pessoas que estiveram sintonizadas comigo nesta árdua e prazerosa jornada.

Éramos uma pá de “apocalípticos”,
De meros “hippies” com um falso alarme...
Economistas, médicos, políticos
Apenas nos tratavam com escárnio.

Éramos “uns poetas, loucos, místicos”...
Éramos tudo o que não era são;
Agora são – com dados estatísticos –
Os cientistas que nos dão razão.

Lenine / Carlos Rennó (*É fogo*)

RESUMO

Industrialização, urbanização acelerada, aumento da riqueza material, expansão da sociedade de consumo, estímulo à competição e degradação ambiental configuram múltiplas dimensões do desenvolvimento existente no Brasil nos últimos quarenta anos. Ao refletir acerca desse processo, esta tese funda-se na compreensão de que ânsia do desenvolvimento é reveladora da existência de um *imaginário autocolonizado*, como diz Serge Latouche, entre parcelas consideráveis da população brasileira. Entendendo que a arte cria *um conhecimento mais profundo e verdadeiro da essência do mundo*, de acordo com a compreensão anunciada por Arthur Schopenhauer, sublinho que os compositores brasileiros, ao enxergarem antecipadamente os sintomas do mal da civilização expresso sob o signo do desenvolvimento, difundiram idéias poeticamente descolonizadoras do nosso imaginário. Convencido de que *podemos e devemos sair fora da linha, inventar novos caminhos, anunciar conhecimentos proibidos, discutir hipóteses não plausíveis, idéias inacabadas*, conforme afirma Maria da Conceição de Almeida, apresento a noção de DESdesenvolvimento como um operador cognitivo potencializador da descolonização do imaginário descortinada por diversas canções de compositores brasileiros.

Palavras-chave: Arte. Descolonização. Complexidade. Educação.

ABSTRACT

Industrialization, accelerated urbanization, increased material wealth, expansion of the consumer society, incentive to competition and environmental degradation represent multiple dimensions of the development existing in Brazil over the last forty years. Upon reflecting about this process, this thesis is based on the understanding that eagerness for development is indicative of the existence of a *self-colonized imaginary*, as Serge Latouche says, among considerable portions of Brazilian people. Understanding that art creates *a deeper and truer knowledge on the essence of the world*, according to the comprehension announced by Arthur Schopenhauer, I point out that Brazilian composers, upon seeing beforehand the symptoms of the evil of civilization expressed under the sign of development, spread ideas which poetically decolonize our imaginary. Being convinced that *we can and must get out of the line, invent new ways, announce a forbidden knowledge, discuss implausible hypotheses, unfinished ideas*, as Maria da Conceição de Almeida states, I present the notion of DESdesenvolvimento as a cognitive operator which potentializes the imaginary decolonization revealed by several songs by Brazilian composers.

Key-words: Art. Decolonization. Complexity. Education.

RÉSUMÉ

L'industrialisation, l'urbanisation accélérée, l'augmentation de la richesse matérielle, l'expansion de la société de consommation, la fomentation à la concurrence et la dégradation de l'environnement configurent des dimensions multiples du développement existant au Brésil au cours des quarante dernières années. En réfléchissant sur ce processus, cette thèse repose sur la compréhension de que l'envie du développement est révélatrice de l'existence d'un *imaginaire auto-colonisé*, comme Serge Latouche le dit, parmi une grande partie de la population brésilienne. En comprenant que l'art crée une *connaissance plus profonde et véritable de l'essence du monde*, selon la compréhension annoncée par Arthur Schopenhauer, je souligne que les compositeurs brésiliens, en voyant en avance les symptômes du mal de la civilisation exprimé sous le signe du développement, ils ont diffusé des idées poétiquement décolonisatrices de notre imaginaire . Convaincu de que *nous pouvons et nous devons sortir de la ligne, inventer de nouveaux chemins, annoncer des connaissances interdites, discuter des hypothèses implausibles, des idées inachevées*, comme Maria da Conceição de Almeida le dit, je présente la notion de DESdesenvolvimento comme un opérateur cognitif potentialisateur de la décolonisation de l'imaginaire dévoilée par plusieurs chansons de compositeurs brésiliens.

Mots-clés: Art. Décolonisation. Complexité. Éducation.

PÁGINAS DE UM REPERTÓRIO

A BELEZA DE SER UM ETERNO APRENDIZ	12
A gente é torto igual Garrincha e Aleijadinho	13
E lá vou eu	18
A arte é irmã da ciência	28
UMA FASCINANTE E TRÁGICA ILUSÃO	37
A tecnociência e o mal da civilização	38
Da modernidade, essa armadilha	40
Quem foi a pátria que me pariu?	47
CAMINHO NA FLORESTA DE ÁRVORES DE CONCRETO	56
A tropa não faz mais viagem	57
Vô corrê trecho, vô percurá u'a terra preu pudê trabaiaá	64
O meu sonho é morar numa favela	69
ELES QUEREM TE VENDER	77
No nosso peito bate um alvo muito fácil	78
Aqui tudo pirou, tudo tá mudado	85
Mania de peitão, mania de peitão	90
TÃO TE MALTRATANDO POR DINHEIRO	94
Olha agora o estrago que está	95
Mas o dragão continua a floresta devorar	98
Não posso respirar, não posso mais nadar	103
ENTÃO SEGUIREI CANTAROLANDO	106
Somos um grão de sal no mar do céu	107
MINHAS ESCOLAS DE VIDA	116
Palavras e sons	117

A BELEZA DE SER UM ETERNO APRENDIZ



Eu fico com a pureza das respostas das crianças:
É a vida! É bonita e é bonita!
Viver e não ter a vergonha de ser feliz,
Cantar, e cantar, e cantar,
A beleza de ser um eterno aprendiz.
Ah, meu Deus! Eu sei
Que a vida devia ser bem melhor e será,
Mas isso não impede que eu repita:
É bonita, é bonita e é bonita!

Gonzaguinha (O que é o que é?)

A gente é torto igual Garrincha e Aleijadinho

Industrialização, urbanização acelerada, aumento da riqueza material, expansão da sociedade de consumo, estímulo à competição, exclusão social e degradação ambiental configuram múltiplas e complexas dimensões do desenvolvimento existente no Brasil nos últimos quarenta anos. Devido à consolidação do desenvolvimento, que se constitui numa “fórmula tecnoeconômica” capaz de encaminhar a humanidade rumo ao abismo, como diz Edgar Morin (2008a), neste período o Brasil terminou caindo na fascinante e trágica armadilha autocolonizadora. Serge Latouche, ao tecer críticas ao processo de ocidentalização do mundo, sublinha o significado da *autocolonização do imaginário* vivenciada pela sociedade brasileira que vem incorporando, durante décadas, os exógenos rótulos de *povo subdesenvolvido*, *nação emergente* ou *país em desenvolvimento*.

O subdesenvolvimento [e seus sucedâneos *nação emergente* ou *país em desenvolvimento*] é, antes de mais nada, um julgamento trazido do exterior sobre uma realidade modelada pelo exterior. É a interiorização do olhar do outro, esse processo de autocolonização do imaginário que é uma cilada

às sociedades não ocidentais na dinâmica infernal da ocidentalização. (LATOUCHE, 1999: 126).

Neste triste-alegre tempo, a canção esteve em, praticamente, todos os lugares: rádios, televisores, cinemas, templos, terreiros, lares, estádios, teatros, automóveis, feiras, praças, academias, *shoppings*, mas muito pouco nas escolas. Múltiplos foram os temas abordados pelos compositores nos mais diversificados gêneros, estilos e linguagens musicais: vários compositores criaram inúmeras canções que versaram sobre as aventuras e desventuras do amor romântico, sobre as belezas naturais do nosso país tropical, sobre o autoritarismo reinante na política e, também, sobre múltiplas dimensões do desenvolvimento existente no Brasil.

Nesta tese, ao tecer uma abordagem acerca deste multifacetado contexto histórico, reflito sobre o desenvolvimento existente no Brasil, tendo como fio condutor certas canções propagadoras da descolonização do nosso imaginário. O argumento principal está vinculado à compreensão anunciada por Arthur Schopenhauer (2001a: 26) de que a arte cria um “conhecimento mais profundo e verdadeiro da essência propriamente dita do mundo”. Por estar convencido de que através da música, a arte “mais penetrante, mais poderosa e mais elevada”, o compositor “faz-se intérprete da sabedoria mais profunda”, conforme diz Schopenhauer (2001b: 274), defendo a seguinte tese: ao tecerem críticas contundentes à expansão urbana e industrial, à sociedade de consumo, à exclusão social e à degradação ambiental, os compositores brasileiros enxergaram antecipadamente os sintomas do mal da civilização expresso sob o signo do desenvolvimento.

Recortei temporalmente o período pesquisado nos últimos quarenta anos por conceber o caráter singular de acontecimentos que atestam a presença de um imaginário autocolonizado no Brasil, tanto no final dos anos sessenta do século XX quanto nos últimos anos da primeira década do século XXI.

No final da década de 60 do século passado, nas nações ocidentais materialmente desenvolvidas, ocorre a expansão da consciência ecológica.

Naquela época emergem movimentos que, ao contestarem o modo de vida baseado no aumento da riqueza material, reconhecem e defendem valores vivenciados por indígenas, camponeses e povos orientais. Com a expansão da consciência ecológica, a questão ambiental é transformada num importante componente das agendas governamentais. Em 1972, ano da Primeira Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente Humano, é publicado o *Relatório Meadows – Limites do Crescimento*, que, ao apontar a inviabilidade da continuidade da expansão industrial ilimitada, defendia como meta o “crescimento zero”. Nesse período, encantado com as promessas anunciadas pela ocidentalização do mundo, o Brasil experimenta um acelerado desenvolvimento econômico e uma desenfreada urbanização. Na Conferência realizada na cidade de Estocolmo, ao ser porta-voz do imaginário autocolonizado, a delegação brasileira, juntamente com representantes de outros países considerados do “terceiro mundo”, insurge-se contra a proposta de crescimento zero com a defesa do direito à experimentação dos mesmos níveis de desenvolvimento alcançados pelas grandes potências ocidentais.

Transcorridas quatro décadas da ocorrência daquele marcante acontecimento, a Organização das Nações Unidas, ocupada com a crise ecológica que se impõe como o grande desafio civilizatório do tempo presente, publica o IV Relatório do Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC). Através desse Relatório, divulgado em fevereiro de 2007, cientistas de diversos países atestam que as ações humanas, fundadas na busca do progresso material contínuo e ilimitado, são as principais causadoras da intensificação do aquecimento global do planeta Terra.

Paradoxalmente, no Brasil, no mesmo momento da publicação do Relatório da ONU, o governo federal lança o Plano de Aceleração do Crescimento (PAC), fundado na ilusória crença no virtuoso poder do desenvolvimento. Entusiasmado com os valores difundidos pela modernidade ocidental, o Presidente da República Federativa do Brasil, apoiado por diversos

segmentos sociais, incorpora a defesa do crescimento econômico como princípio indispensável ao enfrentamento dos múltiplos e graves problemas brasileiros. Guiado pela convicção de que “a retomada do crescimento da economia é o nosso desejo, a nossa obsessão e o nosso sonho”, ao afirmar “agora é chegado o momento de ousar para crescer ainda mais”, o Presidente da República, confirmando a persistência do imaginário autocolonizado, projeta a realização do anacrônico sonho desenvolvimentista.

Nessas quatro décadas, no Brasil e no mundo, antes que os cientistas anunciassem a gravidade dos problemas socioambientais resultantes do desenvolvimento, os artistas já denunciavam os malefícios da expansão planetária do modo de vida ocidental. Há mais de trinta anos, Morin (1999a: 15), em sua reflexão acerca da crise ecológica ao dizer “precisamos considerar as advertências apocalípticas, vindas a princípio de poetas, de sonhadores, de *hippies*, hoje retomadas por cientistas”, confirmava a capacidade de antevisão possibilitada pela arte.

Na sociedade brasileira, os artistas, em particular os compositores, anunciaram antecipadamente os riscos contidos na conversão ao desenvolvimento demonstrando, como fizeram Celso Viáfara e Vicente Barreto, na canção *A cara do Brasil*, que *a gente é torto igual Garrincha e Aleijadinho / ninguém precisa consertar / se não der certo a gente se virar sozinho / decerto então nunca vai dar*. Há cerca de três décadas, no mesmo instante em que Beto Guedes e Ronaldo Bastos, ao contraporem-se à essência da ocidentalização do mundo, na canção *O Sal da Terra*, diziam: *tão te maltratando por dinheiro*, Augusto Jatobá, ao cantar *Matança*, afirmava que *quem hoje é vivo corre perigo*, insurgindo contra a extinção das espécies vegetais e denunciando as ações destrutivas encetadas pelo *homo occidentalis*.

No que se refere ao método, esta tese acolhe os princípios, as idéias, os conceitos e as noções advindas do *Pensamento Complexo*, porque a

Complexidade, concebida como sendo “aquilo que é tecido em conjunto”, ao religar prosa e poesia, sujeito e objeto, natureza e cultura, razão e emoção, possibilita a compreensão multidimensional dos acontecimentos, fenômenos e processos ocorridos na vida. Como enfatiza Morin:

O pensamento complexo tenta religar o que o pensamento disciplinar e compartimentado disjuntou e parcelarizou. Ele religa não apenas domínios separados do conhecimento, como também - dialogicamente - conceitos antagônicos como ordem e desordem, certeza e incerteza, a lógica e a transgressão da lógica. É um pensamento da solidariedade entre tudo o que constitui a nossa realidade; que tenta dar conta do que significa originariamente *complexus*: ‘o que tece em conjunto’, e responde ao apelo do verbo latino *complexere*: ‘abraçar’. O pensamento complexo é um pensamento que pratica o abraço. (MORIN, 1997: 11).

Em consonância com a *Declaração Brasileira para o Pensamento Complexo*¹, que concebe “a transdisciplinaridade como dissipação das fronteiras dos saberes instituídos e busca de validação de formas de conhecimentos que rejuntem ciências, artes, tradições e mitos”, assumo a perspectiva transdisciplinar por apostar na religação entre o conhecimento científico e o saber artístico. Entendendo que o objetivo anunciado pela perspectiva transdisciplinar “é a compreensão do mundo presente, para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento”, como destaca Basarab Nicolescu (1999: 46), nesta tese promovo um encontro dialógico entre conhecimentos oriundos das ciências humanas e o saber artístico para refletir acerca do desenvolvimento e da ocidentalização do Brasil.

Ao acolher o método resultante do Pensamento Complexo, incorporo a impossibilidade do estabelecimento da definição, *a priori*, de rígidas etapas e passos seqüenciados no trabalho de pesquisa. Convivendo com *a beleza de ser um eterno aprendiz*, ao introjetar a distinção entre o *método como programa*, derivado da ciência cartesiana, e o *método como estratégia*,

¹Esta Declaração, cujo texto integral pode ser encontrado no livro *Ciclos e Metamorfoses* organizado por Maria da Conceição de Almeida e Margarida M. Knobbe, foi aprovada no I Laboratório Brasileiro para o Pensamento Complexo, realizado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo em junho de 1998. Esse evento foi coordenado pelo Grupo de Estudos da Complexidade (UFRN) e pelo Núcleo de Estudos da Complexidade (PUC – SP).

emergente do interior das ciências da complexidade, fui fazendo o caminho ao caminhar, porque:

O programa é constituído por uma seqüência preestabelecida de ações encadeadas e acionadas por um signo ou sinal. A estratégia supõe portanto *a)* a aptidão para empreender ou procurar na incerteza levando em consideração essa incerteza; *b)* a aptidão para modificar o desenvolvimento da ação em função do acaso e do novo. A estratégia supõe a aptidão do sujeito para utilizar, pela ação, os determinismos e acidentes exteriores e pode se defini-la como método de ação próprio a um sujeito em situação de jogo (no sentido neumanniano do termo) em que, para alcançar os fins, deve submeter-se ao mínimo e utilizar ao máximo os limites, as incertezas e os acasos do jogo. (MORIN, 1999b: 71).

Entendendo que “a complexidade integra, costura, mistura, amplia e compreende”, conforme diz Juremir Machado da Silva (2003: 263), inspirado na imagem do caleidoscópio, encontro no mosaico da discografia produzida nas últimas quatro décadas a minha principal fonte da pesquisa.

Ciente de que “sempre a canção se apresenta como totalidade música-letra”, conforme destaca Morin (1973: 145) e convencido de que o “sentido das letras depende cada vez mais do contexto sonoro”, como ensina o poeta Arnaldo Antunes (2000: 46), julgo ser fundamental que, concomitantemente à leitura das letras, sejam ouvidas as músicas para que possam emergir múltiplos sentimentos tradutores da indescritível inteireza educativa presente nas canções.

E lá vou eu...

Esta tese está fundamentada no princípio de que “todo conhecimento separa e liga o sujeito e o objeto num universo comum”, conforme explicita Morin (1999: 227) em sua abordagem sobre os limites e possibilidades do conhecimento. Ao partilhar desse princípio, indicador da impossibilidade de separação entre o sujeito e o conhecimento preconizada pela ciência moderna, Maria da Conceição de Almeida problematiza a relação dialógica

dos sujeitos com os fenômenos dos quais trata e com o contexto sócio-histórico do qual o cientista é parte integrante.

Tudo que é descrito é fruto de um sujeito imerso numa dada realidade.[...] Cientistas e pesquisadores vêem o mundo a partir do lugar de um observador constituído por sua subjetividade, suas experiências de vida, seus saberes acumulados, sua cultura, sua história pessoal. (ALMEIDA, 2006a: 287-288).

Ao acolher esse princípio, assumo a crítica ao reducionismo da ciência moderna que, almejando uma suposta objetividade, impõe o distanciamento do sujeito em relação à realidade pesquisada. Impregnado do desejo de contribuir na construção de uma *ciência da inteireza*, capaz de reconhecer a implicação do sujeito no conhecimento, anuncio o meu profundo envolvimento ético, afetivo, estético e cognitivo com o tema do qual trato por ter aprendido que:

É importante também que o observador participe do objeto de sua observação; é preciso, num certo sentido, apreciar o cinema, gostar de introduzir uma moeda num *jukebox*, divertir-se com caça-níqueis, acompanhar as partidas esportivas no rádio, na televisão, cantarolar o último sucesso. É preciso ser um pouco da multidão dos bailes, dos basbasques, dos jogos coletivos. É preciso gostar de flunar nos bulevares da cultura de massa. (MORIN, 2007: 21).

Motivado por essa compreensão mobilizadora, contextualizo a indissociável relação existente entre minha vida e a música. Pelo que me foi narrado, nasci numa tarde discretamente ensolarada do outono daquele conturbado ano de 1964, no município de Vitória da Conquista, situado na Região Sudoeste do Estado da Bahia. Logo no meu nascimento a música entra em minha vida, ao receber o nome de Carlos Alberto, como homenagem feita por minha irmã Eunice ao famoso cantor de bolero Carlos Alberto. Àquela época, com a música *Aquece-me esta noite*, de autoria de Mário Rossi e Roberto Cantoral, Carlos Alberto alegrava os meus familiares cantando: *aquece-me esta noite / com todo o seu carinho / estou sentindo frio / aquece o nosso ninho*.

De origem rural, meu pai Manoel Moreira e minha mãe Ana Pereira tiveram muitas dificuldades para criar os cinco filhos sobreviventes, entre os onze que vieram ao mundo. Chegando a Vitória da Conquista, meu pai torna-se feirante, vendedor de goma, farinha e grolão, para prover a nossa família do essencial à sobrevivência. Lembro-me de que nos primeiros seis anos da minha existência, minha casa não possuía luz elétrica, tampouco sanitário e a cozinha tinha como piso o chão batido, em razão da nossa imensa pobreza material.

Minha mãe, lavadeira de ‘roupa de ganho’ e biscoiteira, preocupada com a educação dos filhos, coloca-me logo cedo na escola. Estudando em escola pública, fui considerado inteligente pelas professoras, porém muito ‘encapetado’. Aos oito anos já trabalhava entregando biscoitos nas vendas e vendendo-os na feira. Felizmente, ainda encontrava tempo para jogar bola, brincar de gude, pipa, triângulo e de outros brinquedos que alegravam a minha vida de menino.

Com nove anos, eu já sinto pulsar a minha sensibilidade musical ao ouvir repetidamente, no pequeno ‘toca-discos’ Phillips, pertencente ao meu irmão Lenilton, a 9ª sinfonia de Beethoven e a música *O divã*, composição de Roberto Carlos e Erasmo Carlos, que marcou profundamente a minha infância com essa mensagem:

Minha casa era modesta / Mas eu estava seguro, não tinha medo de nada / Não tinha medo de escuro, não temia trovoada / Meus irmãos à minha volta e o meu pai sempre de volta / Trazia o suor no rosto, nenhum dinheiro no bolso / Mas trazia esperanças.

Na adolescência, continuo trabalhando. Inicialmente, por conta própria como vendedor de bijuterias e, depois, como balconista numa loja de artefatos de couro. Nesse contexto, tenho acesso ao conjunto de cenários que a cultura da época oferece como se fosse o piso de uma casa antiga a compor um desenho mesclado. Como muitas pessoas da minha geração, torço pelo

Flamengo e pelo Serrano, o time da minha cidade. Vou ao cinema nas tardes de domingo para assistir filmes de *bang-bang*, artes marciais, aventuras e dramas diversos. Freqüento discotecas para dançar ao som de Bee Gees, Village People, Peter Frampton, Kim Carnes, Queen, Labionda, entre tantos outros grupos e cantores cujos nomes eu sequer sabia. Ouço no rádio, na televisão e no toca-discos, as músicas de Zé Ramalho, Chico Buarque, Belchior, Vital Farias, Gonzaguinha, Elba Ramalho, Caetano Veloso, Geraldo Azevedo, Simone, Fagner, Zé Geraldo e tantos outros. Também ouço Elomar que, na canção *O violeiro*, contrapondo-se à apologia da riqueza material ao conceber a existência da beleza na pobreza, propõe, como sugere Morin (2005a), uma vivência tecida por *Amor, Poesia e Sabedoria*.

*Tive muita dô di num tê nada / Pensano qui êsse mundo é tud'tê / Mais só
Dispois di pená pelas istrada / Beleza na pobreza é qui vim vê / Vim vê na
procissão u lôvado-seja / I o malassombro das casa abandonada / Côro di
cego nas porta das igreja / I o êrmo da solidão das istrada*

*Apois pro cantadô i violero / Só hái treis coisa nesse mundo vão / Amô, furria,
viola, nunca dinheiro / Viola, furria, amô, dinheiro não.*

Como um bom cristão, participo das atividades do Grupo de Jovens Maranató da Paróquia Nossa Senhora das Vitórias. É no interior do Movimento de Jovens que, no início da década de 80, desabrocha meu senso crítico frente aos problemas sociais e políticos existentes na minha cidade e no país. Ali, intuitivamente, começo a nutrir a desconfiança nas promessas projetadas pelo desenvolvimento tecnocientífico. Aos 18 anos, num Festival de Talentos promovido na paróquia, sou um dos vencedores de um concurso de cartazes por expressar um pensamento que diz mais ou menos assim: não se encante com os fantásticos avanços gerados pela hiper-tecnologia para que seu Deus não seja transformado num robô.

Naquele movimento de jovens, partilhando de uma saudável convivência, tento ampliar a condição de amante-ouvinte de música ao procurar aprender

a bater atabaque e a tocar violão. Não levando jeito para a coisa, não me tornei batuqueiro e como aprendiz de violão não passei da primeira nota da canção *Linda juventude*, de autoria de Flávio Venturini e Márcio Borges, ensinada por meu amigo violonista João Teixeira.

Zabelê, zumbi, besouro, vespa fabricando mel / Guardo teu tesouro, jóia marrom, raça como nossa cor / Nossa linda juventude, página de um livro bom / Canta que te quero cais e calor, claro como o sol raiou / Claro como o sol raiou / Maravilha, juventude, pobre de mim, pobre de nós / Via Láctea, brilha por nós, vidas pequenas da esquina.

Na primeira metade da década de 80, continuo participando ativamente do Movimento de Jovens. Ao mesmo tempo em que leio livros dos teólogos vinculados à Teologia da Libertação, como Arturo Paoli e Leonardo Boff, entro nos movimentos sindical, popular e estudantil. Atuo na oposição sindical dos comerciários; fundo, junto com outros colegas, a associação de moradores do bairro onde moro; filio ao Partido dos Trabalhadores e ingresso na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia como estudante do curso de História. Nesse momento, acontece o primeiro desvio sócio-cognitivo em minha vida: o encontro e encantamento com o marxismo. Concomitantemente à assimilação dos postulados contidos no materialismo histórico, minha fé cristã vai se transmutando na crença na ideologia comunista e se desdobrando numa breve pregação da ingênua assertiva: se há teologia, não há libertação. Dentro deste turbilhão, vivencio múltiplas mudanças. Eu, um amante de futebol, que chorou na derrota do Brasil para a Itália na Copa de 1982, empolgado com o cientificismo marxista, em nome da causa proletária torço contra o Brasil na Copa de 1986.

Ao refletir acerca da relação existente entre cultura e produção de conhecimento, Morin confirma a existência da permanente possibilidade de surgimento dos desvios sócio-cognitivos, reconhecendo a importância dos desviantes na emergência de processos inovadores e criativos.

Em qualquer sociedade, qualquer comunidade, qualquer família, existem diferenças muito grandes de um indivíduo para outro quanto à aceitação, integração e interiorização da Lei, da Autoridade, da Norma, da Verdade estabelecidas. Por isso, há em qualquer lugar uma minoria de desviantes potenciais e, dentro dessa minoria, uma minoria pode marginalizar-se ou eventualmente rebelar se. (MORIN, 2002a: 37).

Destinado a ser uma *metamorfose ambulante* que nunca deixa fossilizar-se por *aquela velha opinião formada sobre tudo*, como ensina Raul Seixas, quase duas décadas após ter me despertado para a militância política, incorporo a compreensão tecida por Morin de que o comunismo configurou-se como uma religião cuja promessa é a salvação terrestre.

A religião infiltrou-se profundamente na promessa marxista, pois de algum modo a realização do novo mundo apresenta-se como um verdadeiro messianismo. O Messias seria o proletariado industrial; o apocalipse, a revolução; a boa nova, o triunfo da sociedade sem classes. (MORIN, 2005b: 26).

Aquelas impetuosas mudanças, vivenciadas no início da juventude, agora são reconhecidas por mim como tendo sido uma grande maré racionalizadora. Felizmente, elas não amputaram a minha sábia-louca-sólida relação com a música. Estudando, trabalhando e atuando politicamente, nunca me apartei dessa dimensão que, ao potencializar o meu *estado poético*, sempre alimentou o meu ser influenciando decisivamente sobre a minha forma de pensar e de agir no mundo. De acordo com Morin (2002b: 137), o estado poético, potencializador de emoções e afetos é vivenciado através de cantos, danças, festas, jogos, rituais, cerimônias, cultos e pode ser alcançado através de vários caminhos: “há o caminho das obras de arte, literatura, poesia, claro, pintura, escultura, música. A música, especialmente, é, ao mesmo tempo, meio e fim que exprime e determina o estado poético”.

Naqueles efervescentes anos 80, curto intensamente as letras e as melodias das inesquecíveis bandas de *rock*. Blitz, Camisa de Vênus, Barão Vermelho, Titãs, Ultraje a Rigor, Biquíni Cavado, Plebe Rude, Capital Inicial, Ira,

Engenheiros do Hawaii, Legião Urbana e Paralamas do Sucesso marcam profundamente a minha juventude. Incansavelmente, eu danço ao som dos rebeldes compositores e cantores como Lobão, Renato Russo, Cazuza, Herbert Viana, Marcelo Nova, Arnaldo Antunes, Dinho Ouro Preto e Edgard Scandurra. Também, curto muito Lulu Santos que, ao cantar *A cura*, nos incita a apostar na vida e na força do desejo.

E se virá / Será quando menos se esperar / De onde ninguém imagina / Demolirá / Toda certeza vã / Não sobrará / Pedra sobre pedra / Enquanto isso / Não nos custa insistir / Na questão do desejo / Não deixar se extinguir / Desafiando de vez a noção / Na qual se crê / Que o inferno é aqui.

Como bom baiano, que traz no corpo e na alma as marcas da mestiçagem, sempre gostei igualmente das festas de São João e Carnaval. Juntamente com a minha namorada, Nana, desloco-me diversas vezes para Salvador, capital do Estado da Bahia, com o objetivo de curtir a grande festa que é o Carnaval. Debaixo de um sol brilhante, junto com milhares de pessoas, arrebatado de emoção danço e pulo ao som dos contagiantes trios elétricos conduzidos pelas bandas Reflexus, Chiclete com Banana, Asa de Águia, Beijo e Cheiro de Amor. Curto, também, a BamdaMel que, cantando a música *Protesto do Olodum (E lá vou eu)*, de autoria de Tatau, difunde um alegre e indignado protesto.

Brasil liderança / Força elite na poluição/ Em destaque o terror Cubatão / Mas mesmo assim / E lá vou eu

Aqui e lá nordestópia / na Bahia existe Etiópia / Pro Nordeste o país vira as costas / Mas mesmo assim / E lá vou eu...

Neste cenário festivo e de grande mobilização social, final dos anos 80, começo a trabalhar como professor numa conceituada escola particular da minha cidade, o Instituto São Tarcísio. Ali, uma aluna, que assim como eu não sabia o que era o *princípio da ecologia da ação*, apelida-me jocosamente de Cacá. De acordo com Morin (2005a: 41) “a ecologia da ação indica-nos

que toda ação escapa, cada vez mais, à vontade do seu autor na medida em que entra no jogo das inter-retro-ações do meio onde intervém”. Ao entrar num contexto de múltiplas inter-relações, aquele engraçado apelido torna-se uma forma carinhosa de tratamento possibilitadora de satisfação em mim. Naquela escola, eu, um professor oriundo das classes populares, ao tecer relações alicerçadas na afetividade com outros colegas possuidores de distintas experiências e alunos pertencentes à heterogênea classe média, descubro que os belos sentimentos, que nos fazem sentir gente, são transclassistas, transpolíticos e transsexuais.

Em 1995, já trabalhando como professor do Departamento de História da UESB, vivencio novas inflexões. Cursando especialização na PUC-MG, deparo-me com uma bela alma, a professora Luzia Ribeiro, que indica a leitura do artigo da filósofa Olgária Matos intitulado *Desejo de evidência e desejo de vidência: Walter Benjamin*. Fico fascinado com o texto que traz, entre os instigantes argumentos, esta afirmação: “a construção da racionalidade iluminista de estilo cartesiano coloca a sensualidade, a sensibilidade, o desejo e a paixão como inimigos do pensamento”. (MATOS, 1990: 284). Mas é, sobretudo, com a leitura do livro *O ponto de mutação* de Fritjof Capra, sugerida pelo colega Jorge Paulo Watrin e pela médica acupunturista Marta Oliveira em meados do ano de 1997, que as portas da minha percepção abrem-se largamente para o acolhimento da crítica à ciência moderna.

No ano de 1999, após o nascimento do meu filho, Carlos Emanuel, ingresso no mestrado em Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília e publico o meu primeiro artigo intitulado *Razão e educação no ocaso do milênio*, no qual teço críticas à razão cartesiana. No curso de mestrado, na primeira disciplina Tópicos em Desenvolvimento Sustentável, a professora Laura Goulart pretendia apresentar o pensamento de três autores: Fritjof Capra, Boaventura de Sousa Santos e Edgar Morin. Em razão da dinâmica da disciplina, propiciadora de intensas discussões, não há tempo para

apresentação do pensamento de Edgar Morin. Ávido por conhecer o seu pensamento, no início do ano 2000, faço a leitura do livro *O pensar complexo: Edgar Morin e a crise da modernidade*, organizado por Elimar Nascimento e Alfredo Pena-Vega e da edição portuguesa do livro *Terra-Pátria* de autoria de Edgar Morin e Anne Brigitte Kern. A partir da leitura desse livro é operado um novo desvio sócio-cognitivo em mim: ao ler *Terra-Pátria*, como num amor à primeira vista, há uma imediata identificação com a reflexão de Edgar Morin. A partir desse contexto, vou tecendo com vigor e leveza a minha compreensão acerca do Pensamento Complexo.

Concluído o mestrado, em 2002, criamos, eu, o professor de Educação Física Renato Figueiredo, o filósofo José Carlos Simplicio e o agrônomo Armínio Santos, um Projeto de Extensão intitulado *Modernidade e Meio Ambiente: das promessas às desilusões*. Em 2003, ano da publicação do meu artigo *Sustentabilidade e transição paradigmática*, organizamos a Oficina de Estudos Edgar Morin e o Pensamento Complexo que conta com a participação da professora Maria da Conceição de Almeida, coordenadora do Grupo de Estudos da Complexidade da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Naquela ocasião, Conceição Almeida, amiga de Morin e conhecedora do Pensamento Complexo, profere a conferência intitulada *Para além da modernidade: por uma ciência que sonha* e também narra a experiência de construção do GRECOM.

Um universo poeticamente multifacetado descortina-se quando ouço Ceíça Almeida utilizar a metáfora da flor do cacto para dizer: “nem tudo são espinhos”, e que, por isso, “devemos fazer uso de nossas potencialidades para proferir a crítica mais severa aos desmandos da civilização, em qualquer de suas formas, sem, entretanto, ficar de mal com a vida”. (ALMEIDA, 2003a: 32). Desse afetuoso encontro, eu e os meus colegas adquirimos a motivação necessária para seguirmos em frente e criarmos em 2004 a Rede de Estudos da Complexidade - RECOM - sediada na

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Campus de Vitória da Conquista.

Com esses encontros científicos, afetivos e poéticos ocorridos nos últimos anos, novas mutações estão sendo processadas em mim. Atualmente, nas atividades acadêmicas, a arte, em especial a música, vem ocupando o lugar de destaque que merece porque, conforme sublinha Edgard de Assis Carvalho (2005: 78), “a música contém sintagmas e paradigmas que estimulam a planilha das emoções e propiciam a renovação dos sentidos”. Na rede das relações sociais e interpessoais venho cultivando alegremente o amor e potencializando o estado poético por ter apreendido um sábio ensinamento de Morin (2000a: 274) que diz: “sorrir, fazer piada, acariciar e abraçar; tudo isso é também resistir”.

No âmbito da atuação sócio-política, também, têm acontecido desvios significativos em minha vida. Filiado ao Partido dos Trabalhadores desde meados da década de 80, solicito o meu desligamento no início do ano de 2004. Entre as várias razões do meu afastamento está a compreensão, destacada em carta enviada ao Diretório Municipal, de que o PT converteu-se ao velho e ilusório mito desenvolvimentista, cuja tradução é o obsessivo desejo do crescimento econômico que aparece como uma porção mágica capaz de contribuir para a solução dos graves e complexos problemas brasileiros. Agora, sem vinculação partidária, tenho buscado exercer a auto-ética, superando os maniqueísmos, com a introjeção do *princípio dialógico* que, conforme afirma Morin (2002b), concebe concorrência, antagonismo e complementaridade entre idéias opostas.

Em síntese, por “encarar o problema complexo em que o sujeito cognoscente, permanecendo sujeito, torna-se objeto do seu conhecimento”, como diz Morin (1999b: 30), nesta tese reencontro-me com a minha própria história através da canção que, ao mobilizar múltiplas emoções, constitui-se num

testemunho privilegiado tanto da minha vida quanto da recente História do Brasil.

A arte é irmã da ciência.

Ao compartilhar da compreensão esboçada por Gilberto Gil, na canção *Quanta*, de que “a arte é irmã da ciência”, e ao defender a tese de que os compositores enxergaram antecipadamente os sintomas do mal da civilização, apresento o entendimento de que a ciência é a irmã comedida, enquanto a arte é a irmã intrépida, ousada e marcada por porções de necessárias desmesuras. Daí porque é possível dizer que arte e ciência são complementares, uma vez que prefiguram a dupla face do *sapiens-demens*.

Na reflexão acerca das origens da ciência ocidental, constato que o seu nascimento está relacionado a um contexto no qual imaginação, fé, magia, intuição e emoção estão indissociavelmente interligadas na prática dos cientistas. Em sua origem, no século XVII, quando a ciência ainda é uma atividade periférica, os cientistas, impulsionados por idéias, mitos e sonhos, são simultaneamente filósofos e artistas. Conforme destaca Morin (2008b: 53), ao refletir acerca da crise dos pressupostos da ciência moderna e sobre a emergência das ciências da complexidade, na raiz das explicações científicas está a imaginação que, juntamente com o empirismo, o racionalismo e a verificação, constitui as “quatro pernas da ciência”.

Sobretudo no final do século XVIII e no século XIX, época da plena consolidação do pensamento científico e do surgimento de diversas áreas do conhecimento, a fragmentação do saber é potencializada. Com a consolidação do conhecimento científico e a expansão da tecnologia, resultante do crescimento das atividades industriais, o discurso derivado da ciência coloca-se como única forma de conhecimento válido. Ao separar-se da arte e da filosofia, a ciência constitui o seu próprio domínio. Com a

expansão do industrialismo e da urbanização, na medida em que acontece a separação entre as atividades científicas, artísticas e filosóficas, a ciência desdobra-se e objetiva-se na tecnologia. Encantados pelos poderes reais e imaginários da tecnociência, os cientistas, possuídos pela razão fechada, passam a negar valor às outras formas de conhecimento. A pergunta “para que serve tal investigação?” ou a exigência de uma aplicação prática passam a ser protocolos normativos de distinção da “boa ciência”.

Ao conceber a filosofia como atividade vinculada apenas à subjetividade e a arte como mera forma de entretenimento, o pensamento científico vivencia uma automutilação impossibilitadora da construção de compreensões multidimensionais acerca dos acontecimentos, fenômenos e processos existentes no mundo da vida. Desse modo, como diz Morin (2008: 167), “a poesia, a arte, que podem ser toleradas ou mantidas como divertimento, não poderiam ter valor de conhecimento e de verdade”. Essa arrogância do conhecimento científico, que pretende ser a única forma de conhecimento verdadeiro, desdobra-se na propagação de fragmentadas e redutoras visões incapazes de contribuir com compreensões alargadas acerca das misérias e belezas presentes na história vivida.

A partir do momento em que, de um lado, aconteceu a disjunção da subjetividade humana reservada à filosofia ou à poesia e, do outro, a disjunção da objetividade do saber que é próprio da ciência, o conhecimento científico desenvolveu maneiras mais refinadas para conhecer todos os objetivos possíveis, mas se tornou completamente cego na subjetividade humana. (MORIN, 2008: 128).

Ao fixarem o critério da compreensão dos fenômenos sempre após a sua ocorrência, os cientistas, obcecados com a procura das certezas absolutas, desdenhando dos atributos cognitivos pertinentes à atividade artística, procuram alcançar o conhecimento objetivo através da observação, da experimentação e da quantificação. Assim, apartada da arte e da filosofia, a ciência, salvo exceções de cientistas desviantes, é acometida por um comedimento impossibilitador da compreensão acerca da multidimensionalidade do mundo e da vida.

Entretanto, mesmo separada da ciência, que se sucumbe à lógica disjuntiva, a arte não entra em estado letárgico. Livre das rígidas regras prescritas pelo conhecimento científico e imersa no mundo da vida, a arte potencializa seu ativismo, sua intrepidez e ousadia criativa. Enquanto a ciência ocupa-se com a análise dos fatos *a posteriori*, a arte estabelece um fecundo diálogo em tempo real com o mundo que não visa à dissecação dos fatos e fenômenos, mas à compreensão da inteireza complexa. Configurando-se como “expressão não retocada da verdade”, como afirma Friedrich Nietzsche (2005: 63), a arte penetra profundamente na subjetividade e na objetividade do mundo, ampliando a compreensão das realidades físicas e metafísicas. Enquanto a ciência, obcecada com a experimentação e a quantificação, despreza a imaginação, o sonho, a intuição, a magia e a emoção, arremessando-os “para o amplo conceito negativo de sentimento”, “a arte, como manifestação suprema e acabada de tudo que existe”, conforme destaca Schopenhauer (2001b: 281), cultiva essas dimensões, integrando-as como operadores cognitivos fundamentais ao pensamento.

No tempo presente, ao reafirmarem as compreensões de Schopenhauer e Nietzsche acerca da existência de complexas relações entre arte e ciência, artistas, filósofos e cientistas comprometidos com a religação dos saberes seguem concebendo a arte como uma poderosa operadora de conhecimentos. Em sua reflexão acerca dos desafios existentes no processo de construção de conhecimentos, Raúl Motta (2008: 73) enfatiza: “la dimensión más importante del pensamiento es su dimensión poética, que permite la invención y la creación individual y social, mediante la facultad imaginante”.

Insurgindo contra a fragmentação e o reducionismo disseminados pelo conhecimento científico moderno, que tem retalhado o todo ao separar natureza e cultura, objetividade e subjetividade, razão e emoção, os cientistas David Bohm e David Peat, explicitam a importância da imaginação na produção de conhecimentos.

Literalmente, *imaginação* significa ‘capacidade de construir imagens mentais’, imitativas das formas de objetos reais. Porém os poderes da imaginação vão de facto muito além, incluindo a concepção de novas formas, até então desconhecidas e que são sentidas não somente como imagens visuais, mas também como sensações tácteis e cinestéticas, e ainda por outras vias que desafiam a descrição.[...] A imaginação é, assim, o início da penetração criativa no domínio do manifesto. (BOHM; PEAT, 1989: 342-343).

Animados por uma tensão vibrante e pela energia apaixonada, os artistas alargam os entendimentos dos múltiplos acontecimentos, fenômenos e processos através do largo emprego da imaginação, dimensão essencial que foi negligenciada pelo pensamento científico moderno. Poeticamente sintonizados com os princípios anunciados por Bohm e Peat, Caetano Veloso e Dona Ivone Lara, ao cantarem *Força da imaginação*, apresentam uma síntese acerca dos amplos poderes da faculdade imaginante.

Força da imaginação, vai lá / Além dos pés e do chão, chega lá / O que a mão ainda não toca, coração um dia alcança / Força da imaginação, vai lá

Quando um poeta compõe mais um samba / Ele funda outra cidade / Lamentando sua dor, ele faz felicidade / Força da imaginação, na forma da melodia / Não escurece a razão, ilumina o dia-a-dia

Quando uma escola traz de lá do morro / O que no asfalto nem é sonho / Atravessa o coração um entusiasmo medonho / Força da imaginação se espalhando pela avenida / Não pra alegrar a fraqueza / Mas pra dar mais vida à vida.

Na produção de conhecimentos tecida pela arte, a imaginação tem como leal companheira a dimensão intuitiva presente nos estados contemplativos. Possibilitadora da emergência de compreensões acerca das múltiplas realidades, sem que haja a mediação das pretensiosas regras da razão analítica, a intuição configura-se como uma potente ferramenta cognitiva. Oswaldo Montenegro e Mongol, ao cantarem *Intuição*, confirmam a pertinência da faculdade intuitiva enfatizando a fecundidade dessa dimensão.

Canta uma canção bonita / Falando da vida em ré maior / Canta uma canção daquela / De filosofia / E um mundo bem melhor

Canta uma canção que agüente / Essa paulada e a gente / Bate o pé no chão / Canta uma canção daquela / Pula da janela / Bate o pé no chão

Sem o compromisso estreito / De falar perfeito / Coerente ou não / Sem o verso estilizado / O verso emocionado / Bate o pé no chão

Canta o que não silencia / É onde principia a intuição / E nasce uma canção rimada / Da voz arrancada / Ao nosso coração.

Impulsionada pela faculdade imaginante e pela dimensão intuitiva, a criação artística nutre-se também da emoção pensante. Ao salientar que “o humano se constitui no entrelaçamento do emocional com o racional”, Humberto Maturana reflete acerca da relação dialógica existente entre razão e emoção. Advogando a proeminência da dimensão emocional na vida humana, Maturana contrapõe-se à desvalorização da emoção empreendida por cientistas racionalizadores.

Dizer que a razão caracteriza o humano é um antolho, porque nos deixa cegos frente à emoção, que fica desvalorizada como algo animal ou como algo que nega o racional. Quer dizer ao nos declaramos seres racionais vivemos uma cultura que desvaloriza as emoções, e não vemos o entrelaçamento cotidiano entre razão e emoção, que constitui nosso viver humano, e não nos damos conta de que todo sistema racional tem um fundamento emocional. (MATURANA, 2005: 15).

Inserida no contexto dos pensadores que se ocupam com a consolidação e a expansão de uma ciência fundada na religião dos saberes, Almeida confirma a importância da emoção no processo cognitivo:

A emoção não pode ser entendida unicamente como um estado de espírito que produz satisfação, contentamento, prazer, mas como uma mobilização cognitiva que inclui também os estados de fúria, rebeldia e descontentamento. É também sob esses estados emocionais que produzimos nossas mundovisões, nossa compreensão do mundo, tanto quanto, mais

especificamente nossas teorias e interpretações dos fenômenos. (ALMEIDA, 1999: 28).

Imaginando, intuindo, emocionando e produzindo conhecimentos pertinentes através de suas canções, Paulo Macedo sublinha a importância da emoção no processo criativo. Sintetizando múltiplas compreensões acerca da vitalidade da emoção, Paulo Macedo, na canção intitulada *Música*, sublinha a primazia da dimensão emocional no saber-fazer-viver poético.

O som que invade toda alma / é claridade / É luz distante é diamante / De brilho raro / A verdadeira cor da música / Não sei / mas é clara... é clara / A voz que leva aos teus ouvidos / Uma passagem / do que já aconteceu contigo / N'outra viagem / De um grande amor / Ou da lembrança boa de uma pessoa

O que se vai ouvir / Vai depender da pulsação / Que vem de dentro do compositor / O que se vai sentir / Da calma ou tempestade / Nada depende da vontade / É a emoção / Quem vai dizer...

Além da imaginação, da intuição e da emoção, a arte nutre-se das virtuosas propriedades advindas da linguagem metafórica. Conforme destaca James Lovelock (2006: 140), em sua reflexão acerca da crise civilizacional anunciada pelas mudanças climáticas, “metáforas são, mais do que nunca, necessárias para uma compreensão generalizada da verdadeira natureza da Terra e dos perigos letais à frente”. Convencida das imensuráveis propriedades cognitivas contidas nas metáforas, Almeida reconhece a pertinência e a capacidade mobilizadora da linguagem metafórica.

A relevância da metáfora não se reduz, entretanto, ao seu papel de ampliação da compreensão dos fenômenos que queremos conhecer, apesar de ser primariamente esse o seu papel. Não se reduz também a um estado anterior à gestação dos conceitos e leis científicas. A metáfora pode ser concebida como uma operação do pensamento pautada pela mobilização do espírito diante do mundo. (ALMEIDA, 2003a: 24).

Ao constituir-se enquanto aposta no estabelecimento de intensas comunicações entre ciência e arte, esta tese insere-se no conjunto de trabalhos tecidos no interior do Grupo de Estudos da Complexidade da Universidade Federal do Rio Grande do Norte por pesquisadores que acreditam na possibilidade da religação dos saberes, porque:

A ciência é apenas umas das formas de conhecimento do mundo e, de sua transformação, não decorrerá necessariamente a mudança profunda das formas de pensar, ao não ser que assuma também ela a coordenação do inadiável intercâmbio entre saberes distintos. (ALMEIDA, 2001: 25).

Para enfrentarmos os múltiplos desafios epistemológicos e sociais configurados no tempo presente, recortado por múltiplas incertezas, penso que é fundamental tecermos diversas religações. Acredito que, no processo de formação de sujeitos críticos e criativos, a religação dos saberes científicos, humanísticos e da tradição constitui-se no grande desafio do século XXI. Religar os saberes no interior da cultura científica, como propõe Morin (2002c), é um dos primeiros imperativos. No âmbito das ciências humanas é urgente superar a compartimentação e o reducionismo ainda existentes. A história, “ciência multidimensional, polidisciplinar”, como diz Morin (2004a: 357), a antropologia, a psicologia, a geografia e tantas outras disciplinas devem construir elos de comunicação entre si para que haja o resgate da ampliada noção de homem que está submersa em razão da incomunicabilidade entre as diversas áreas do saber.

Religar os saberes produzidos pelas ciências humanas com os saberes produzidos pelas ciências naturais configura outro imperativo. Essa religação certamente contribuirá para que as ciências humanas, no diálogo com as ciências naturais, passem a conceber a realidade corpórea e a animalidade do humano enquanto que as ciências naturais poderão assumir a premissa de que o natural é atravessado pelo social. O conhecimento científico, livre da presunção de ser um saber superior, também precisa reconhecer e dialogar com as mundovisões derivadas da arte, da filosofia e

dos saberes da tradição. É disso que fala Morin ao destacar a importância do abraço dos saberes num processo de formação fundado na inteireza do *sapiens-demens*.

A cultura das humanidades favorece a aptidão para a abertura a todos os grandes problemas, para meditar sobre o saber e para integrá-lo à própria vida, de modo a melhor explicar, correlativamente, a própria conduta e o conhecimento de si. [...] Trata-se enfim de demonstrar que em toda grande obra de literatura, de poesia, de música, de pintura, de escultura há um pensamento profundo sobre a condição humana. (MORIN, 2005c: 33-45).

O estabelecimento do diálogo entre cultura científica, cultura humanística e saberes da tradição constitui-se num grande desafio do nosso tempo. O diálogo com saberes transmitidos oralmente de geração para geração por populações ribeirinhas, povos das florestas e outras tantas comunidades que ainda não foram tragadas pela sedutora uniformização empreendida pela ocidentalização do mundo, tem muito a contribuir para que a religação possa expressar um abraço mais amplo entre os diversos tipos de conhecimento. Para Almeida é preciso reconhecer a anterioridade e a pertinência desses saberes, pois:

Em diversos lugares espalhados pelo Brasil, mulheres dispõem de grande sabedoria para tratar as doenças. Elas conhecem os segredos e as qualidades das plantas para curar enfermidades as mais diversas, sabem assistir os nascimentos, fazer partos, cuidar da alimentação da mãe, tratar do recém-nascido, dizer o que se deve ou não comer. Os homens, mais afeitos às longas caminhadas para o trabalho, sabem ler a natureza, a linguagem dos bichos, os segredos da mata. O mundo rural, distante das grandes cidades, tem também seus sábios. (ALMEIDA, 2006b: 108).

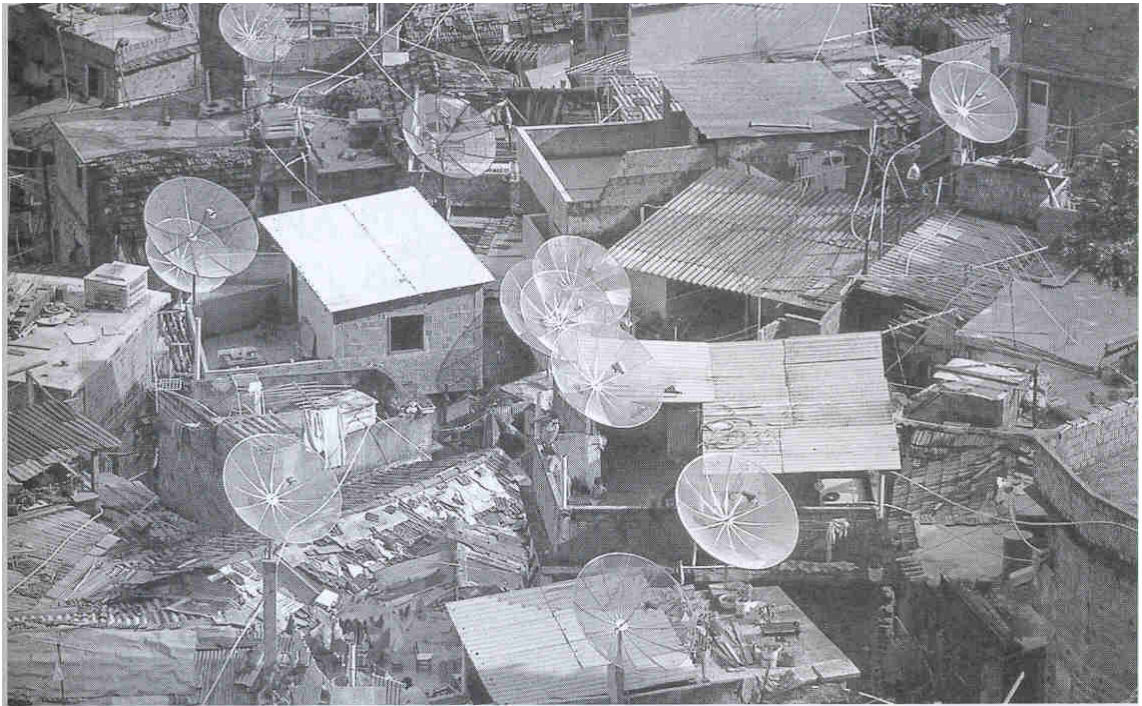
Numa época na qual ainda predomina o pensamento fragmentado e fragmentador, penso que o encontro entre a arte, ousada e intrépida, e a sua comedida irmã, a ciência, pode gerar um fecundo diálogo capaz de possibilitar a superação das mutiladas e unidimensionais (in)compreensões acerca da vida e do mundo propagadas por muitos cientistas.

É preciso estabelecer uma comunicação bem maior entre ciência e arte, é preciso acabar com esse desprezo mútuo. Isso porque existe uma dimensão artística na atividade científica e, constantemente vemos que os cientistas também são artistas que relegaram para uma atividade secundária ou adotaram como *hobby* seu gosto pela música, pela pintura e até mesmo pela literatura... (MORIN, 2008b: 59).

Esse é o desafio apresentado pelas *Ciências da Complexidade* que, ao afirmarem a existência de distinção, oposição e complementaridade entre arte e ciência, proclamam a necessidade do estabelecimento de intensas comunicações entre esses domínios para que possam florescer conhecimentos comprometidos e plenamente encantados com a vida.

Ciente de que *sou uma gota d'água, sou um grão de areia*, como sublinham Renato Russo, Marcelo Bonfá e Dado Villa-Lobos, na canção *Pais e filhos*, apresento aqui uma reflexão, possibilitada pelo encontro dialógico entre a arte e a ciência, acerca do desenvolvimento e da ocidentalização do Brasil. Para isso me faço valer de uma das narrativas poéticas que configura o domínio artístico: a música.

UMA FASCINANTE E TRÁGICA ILUSÃO



Perder uma ilusão nos torna mais sábios do
que encontrar uma verdade.

Karl Ludwig Börn

A tecnociência e o mal da civilização

No tempo presente, o desenvolvimento tecnocientífico avança em níveis exponenciais. Convivemos com um processo que projeta velocidade e eficácia nas informações através da utilização do computador, telefone celular, TV a cabo, dentre outros artefatos que confirmam a magnitude da evolução tecnológica. No âmbito da produção industrial é crescente a introdução de maquinários sofisticados e a participação de robôs na produção, que contribuem para o considerável aumento da produtividade na confecção dos bens materiais. No campo da ciência médica, os progressos são enormes: exemplos são exames capazes de antecipar diagnósticos de várias doenças e os avanços na área da engenharia genética.

Paralelamente à ilimitada evolução tecnocientífica, evidencia-se um paradoxo cruel e desalentador traduzido em múltiplos e inter-relacionados problemas que são potencializados, como afirma Morin (2005d: 165), pelos “quatro motores descontrolados que impulsionam a nave espacial Terra para o abismo: ciência, técnica, economia e lucro”. Esses múltiplos problemas

configuram-se em diversos níveis e através de variadas formas: aumento da exclusão social derivada da cruel desigualdade que impõe a milhões de pessoas a condição de seres descartáveis; banalização da violência refletida em assassinatos, seqüestros, estupros; desesperança vivenciada por adolescentes, jovens e adultos que buscam no consumo de alucinógenos uma válvula de escape para as angústias cotidianas; exploração do trabalho infantil impedidora da realização dos sonhos próprios das crianças e degradação ambiental resultante da ilusória tentativa de dominação da natureza.

Diante desse cenário, muitas pessoas imputam os problemas vivenciados ao afastamento por parte de expressivos segmentos sociais dos desígnios religiosos. Essa explicação balizada em pressupostos religiosos não possui pertinência porque, entre outras razões, além das rivalidades existentes entre incontáveis religiões que semeiam intolerâncias sob o pretexto de estarem propagando eternas verdades, ainda se assiste ao comércio em larga escala da “palavra de Deus”, transformada em mais um cobiçado objeto da sociedade de consumo. Outra explicação refere-se à lógica imposta pelo sistema capitalista que, tendo como fundamento principal o lucro, perpetua as desigualdades sociais agravando os problemas que afetam a vida na Terra. Essa visão revela sua inconsistência quando constatamos que árdios críticos do sistema capitalista, não percebendo que “a hidra tem muitas cabeças”, conforme sublinha Morin (2002d: 24), ao imputarem todos os males ao capitalismo terminam contribuindo para a manutenção das múltiplas angústias individuais e coletivas. Por manterem a crença no progresso ilimitado, a defesa da ciência, da técnica e do desenvolvimento ocidental, muitos contestadores do modo de produção capitalista continuam reproduzindo, anacronicamente, o pensamento daquele que foi um crítico genial da sociedade do seu tempo.

Marx demonstrou uma fé incondicional na ciência moderna e no progresso e racionalidade que dela podia gerar. Pensou mesmo que o governo e a evolução da sociedade podiam estar sujeitos a leis tão rigorosas quanto as que supostamente

regem a natureza [...]. Acreditou sem reservas no desenvolvimento neutro e infinito das forças produtivas, no progresso como processo de racionalização científica e técnica, na exploração sem limites da natureza para atender às necessidades de uma sociedade de abundância para todos. (SANTOS, 1995: 35-43).

Penso que a compreensão do cruel e desalentador paradoxo requer reflexões profundamente críticas acerca da modernidade e do desenvolvimento. Morin e Kern (2002: 83-98), ao dizerem que a civilização ocidental está convivendo não apenas com um mal-estar, mas com um verdadeiro “mal de civilização”, apresentam um instigante questionamento: “nossa civilização, modelo de desenvolvimento, não estará ela própria doente do desenvolvimento?”.

Mobilizado por essa instigante interrogação, ao refletir acerca dos pressupostos histórico-filosóficos da modernidade que é a matriz de onde emerge o desenvolvimento, fundamento a minha compreensão acerca do desenvolvimento e da ocidentalização do Brasil.

Da modernidade, essa armadilha

No medievo, entre os séculos V e XV, a visão de mundo predominante na Europa Ocidental era a visão que posteriormente seria denominada de concepção místico-teológica. Durante este período, as explicações para os fenômenos físicos, naturais e sociais derivavam, quase sempre, da crença na superioridade divina e na passividade do homem. Como esclarece Paulo Miceli:

Durante a época feudal, pode se dizer que a descrença era impossível: Deus era testemunha de qualquer compromisso, todas as atividades deviam ser abençoadas, as distrações precisavam de uma desculpa piedosa, o tempo era medido pelas horas da religião, as doenças e insetos que devoravam corpos e plantações deviam ser esconjurados e - quando não se invocava diretamente a divindade - as verdades só eram aceitas após o juramento sobre os Evangelhos. (MICELI, 1988: 21).

O continente europeu vivencia nos séculos XIV e XV uma crise sistêmica do modo de vida e de produção feudal. Essa crise é impulsionada por múltiplos e interligados fatores, dentre os quais se destacam a retração agrícola, a escassez de metais preciosos, a desagregação do regime servil e o crescente descrédito nas instituições político-religiosas. Esse processo, sucedido por transformações diversas traduzidas no absolutismo, na expansão marítima, no renascimento cultural e nas reformas religiosas, descortina um novo período histórico.

Diante da crise agrária fazia-se necessária a conquista de novas áreas produtoras. Diante da crise demográfica fazia-se necessário o domínio sobre populações não-européias. Diante da crise monetária fazia-se necessária a descoberta de novas fontes de minérios. Diante da crise social fazia-se necessário um monarca forte, controlador das tensões e das lutas sociais. Diante da crise político-militar fazia-se necessária uma força centralizadora e defensora de toda a nação. Diante da crise clerical fazia-se necessária uma nova igreja. Diante da crise espiritual fazia-se necessária uma nova visão de Deus e do homem. (FRANCO JÚNIOR, 1986: 93).

Ao tecer uma analogia entre o contexto histórico do século XV ao século XVIII e a condição feminina durante o período de gravidez, reconheço este período como sendo o tempo de gestação da modernidade. Assim, como na gravidez existem possibilidades de aborto e de nascimento prematuro, naquela época existiram no interior da própria sociedade ocidental múltiplas alternativas civilizatórias que conflitavam com as tendências saídas vencedoras. Um dos exemplos dessa possibilidade de aborto da modernidade pode ser encontrado na Guerra dos Camponeses Alemães, ocorrida na primeira metade do século XVI. Liderados por Thomaz Münster, os camponeses alemães, ao afirmarem “deduzimos das sagradas escrituras que somos livres e livres queremos ser”, foram tradutores de uma racionalidade distinta da racionalidade científica triunfante com o nascimento da modernidade.

No tempo de gestação da modernidade acontecem importantes transformações que resultam no surgimento das nações, na exploração dos

continentes asiático, africano e americano por parte de países europeus, na quebra da unidade da Igreja Católica e numa maior valorização das ações humanas projetada pelo humanismo renascentista. Marcado por progressos no âmbito da ciência e da técnica, nas sociedades da Europa Ocidental, esse período histórico protagoniza a expropriação de camponeses no próprio solo europeu, a escravidão imposta aos negros, o massacre de índios nas terras d'além mar e as perseguições impulsionadas pelos fanatismos religiosos. Ao ocupar-se com a reflexão acerca dessa multifacetada história, Paulo Macedo, na canção *América*, reflete acerca do expansionismo europeu narrando os desdobramentos resultantes da ocupação das vastas terras habitadas por incontáveis povos indígenas.

Riquezas incalculáveis / Traz ambição como um grande mal / Invasões e mortes / Implacável a ira do dominador / Sonhos destruídos pelas mãos do invasor / Que impiedosamente chega / Rouba a paz em nome da coroa de um rei

América, América / Imensidão novo mundo

Impérios foram construídos / Às custas do suor de inocentes / Ambição e glória edificam malfetores / Escravidão que até hoje sacrifica tanta gente / Hermanos tantos mortos em defesa do seu povo

América, América / Imensidão novo mundo.

Naquele tempo de gestação da modernidade, a Inglaterra experimenta uma intensa acumulação de capital, indispensável à expansão industrial. Ainda que não possuísse, como as nações ibéricas, vastas áreas coloniais, essa nação beneficia-se por demais da exploração colonial, em razão dos saques e piratarias realizados e também por serem as nações ibéricas dependentes dos produtos manufaturados. Com a transformação de terras comunais em áreas de pastagens para criação de ovelhas das quais era retirada a lã para as manufaturas têxteis, o fenômeno dos cercamentos dos campos assume particular importância no processo de acumulação capitalista.

Contemporâneo destes acontecimentos, Thomas More, através da arte literária, explicita os dramáticos impactos das transformações sociais ocorridas na Inglaterra no século XVI.

Os inumeráveis rebanhos de carneiros, outrora tão meigos, domesticados e sóbrios, e que agora se tornaram tão vorazes e ferozes que chegam mesmo a devorar os homens. São eles a causa da destruição e despovoamento dos campos, casas e povoações. (MORE, 2006: 29).

No contexto das transformações ocorridas no tempo de gestação da modernidade encontra-se a Revolução Científica, possibilitadora do nascimento das ciências modernas no século XVII. Conforme explicita Luís Roberto Fortes (1981), nesta época Francis Bacon inaugura o método experimental, Isaac Newton explica os movimentos dos corpos, dando um golpe na concepção escolástica, e John Locke, considerado o precursor do liberalismo político, apresenta a necessidade da limitação dos poderes dos governantes. Nesse período, René Descartes lança as bases fundamentais para a construção de uma filosofia racionalista. Descartes acreditava que a perspectiva para a compreensão do universo estava vinculada aos princípios matemáticos. Sua compreensão filosófica alicerçada no pressuposto do “penso, logo existo” fundamenta a separação entre sujeito e objeto e espírito e matéria. Suas idéias possibilitam o surgimento do método científico que está ancorado em quatro princípios.

O primeiro era de nunca aceitar coisa alguma como verdadeira sem que a conhecesse evidentemente com tal; ou seja, evitar cuidadosamente a precipitação e a prevenção, e não incluir em meus juízos nada além daquilo que se apresentasse tão clara e distintamente a meu espírito, que eu não tivesse ocasião de pô-lo em dúvida.

O segundo, dividir cada uma das dificuldades que examinasse em tantas parcelas quantas fosse possível e necessário para melhor resolvê-las.

O terceiro, conduzir por ordem os meus pensamentos, começando pelos objetos mais simples para subir pouco a pouco, como por degraus, até o conhecimento dos mais compostos; e supondo certa ordem mesmo entre aqueles que não precedem naturalmente uns aos outros.

E o último, fazer em tudo enumerações tão completas e revisões tão gerais, que eu tivesse a certeza de nada omitir. (DESCARTES, 1999: 23).

Antecedida pela Revolução Científica, no século XVIII emerge a Filosofia Iluminista. As idéias iluministas, em conformidade com o método inaugurado por Descartes, buscam a explicação dos fenômenos físicos, naturais e sociais fundamentando-se numa concepção essencialmente terrena. Para os pensadores iluministas, os conhecimentos derivados das tradições e das crenças religiosas deveriam ser superados através da afirmação da racionalidade científica. Entre os princípios difundidos pelo Movimento Iluminista, sobressaem a absoluta importância concedida à racionalidade, a crença no modelo físico-matemático construtor de uma suposta objetividade científica e o entusiasmo com a possibilidade da existência de um progresso contínuo e ilimitado. Como destacam Theodor Adorno e Max Horkheimer (1975), o Iluminismo, ao apostar no conhecimento matematizado e na sujeição da natureza pelo homem, transforma o número num cânone considerando-o como algo capaz de contribuir na construção de sociedades livres da ignorância, através da rigorosa implementação da objetividade quantificadora.

Outra transformação não menos importante no processo de gestação da modernidade na Europa Ocidental vincula-se à dimensão política. No final do século XVIII, como um dos principais momentos das mudanças na ordem política européia, ocorre o processo revolucionário francês que põe fim ao regime absolutista naquela nação. A revolução francesa é emblemática no processo de gestação da modernidade porque especialmente dela derivam formas de convivência político-social que são referências para os mais diversos povos no século XIX e XX. Naquela revolução, são consagrados como princípios para a organização da sociedade a igualdade jurídica, a livre concorrência, principal fundamento da economia de mercado, a liberdade religiosa e o ordenamento político assentado na representação e na divisão tripartite de poderes em Executivo, Judiciário e Legislativo.

No contexto de mudanças ocorridas no final do século XVIII, assume significativa importância a difusão das idéias liberais, cujos postulados

sedimentam a organização social e política de inúmeros países, europeus e não-europeus, nos séculos XIX e XX. O liberalismo econômico, amplamente difundido a partir daquela época, possui Adam Smith como um grande expoente. Esse pensador, que vivencia as grandes transformações históricas da segunda metade do século XVIII, preconiza que o interesse individual é a mola propulsora dos sistemas baseados na livre concorrência.

Cada produtor tem em vista exclusivamente sua própria segurança: ao dirigir a indústria de modo a que os bens produzidos alcancem o maior valor possível, está preocupado unicamente com o próprio ganho, e nesse caso, como em muitos outros, é levado por uma mão invisível a promover um fim que não figurava em suas intenções. Nem sempre é pior para a sociedade que esse fim não figure em suas intenções. Ao perseguir o seu próprio interesse, freqüentemente promove o interesse da sociedade de forma mais eficaz do que quando é realmente sua intenção promovê-lo. Eu nunca soube de grandes ações praticadas por aqueles que se dedicam ao comércio em nome do bem comum. Em verdade, esse é um sentimento raro entre os mercadores e bastariam poucas palavras para dissuadi-los de causa tão nobre. (SMITH, 1937: 423, apud HUNT; SHERMAN, 1982: 62).

Ao afirmar o caráter positivo desempenhado pelo mercado, Smith busca demonstrar que, se os consumidores forem livres para aplicar os seus recursos financeiros como desejam e os homens de negócios forem livres para competir sem restrições, as atividades econômicas fluirão livremente. Smith enfatiza que a economia baseada na livre concorrência leva os produtores a aprimorarem constantemente a qualidade de seus produtos e a organizar a produção da forma mais eficiente possível. Assim, segundo esse pensador, que transforma-se numa referência para os capitalistas de todos os tempos, o mercado age como uma “mão invisível” canalizando as motivações egoístas dos homens para atividades promotoras da harmonia e do bem-estar de toda a sociedade.

O nascimento da modernidade ocorrido na segunda metade do século XIX é resultado da confluência das transformações que, entre os séculos XV e XVIII, são anunciadoras da configuração de um novo modo de vida nas sociedades ocidentais. A partir da segunda metade do século XIX, ocorrem

significativos avanços científicos e tecnológicos, propiciados pelo uso da eletricidade e do petróleo como fontes de energia, pela intensa utilização do aço e por importantes descobertas científicas, que são refletidas no surgimento de inúmeras invenções.

Os veículos automotores, os transatlânticos, os aviões, o telégrafo, o telefone, a iluminação elétrica, e a ampla gama de utensílios domésticos, a fotografia, o cinema, a radiodifusão, a televisão, os arranha-céus e seus elevadores, as escadas rolantes e os sistemas metroviários, os parques de diversões elétricas, as rodas-gigantes, as montanhas-russas, a seringa hipodérmica, a anestesia, a penicilina, o estetoscópio, o medidor de pressão arterial, os processos de pasteurização e esterilização, os adubos artificiais, os vasos sanitários com descarga automática e o papel higiênico, a escova de dente e o dentífrico, o sabão em pó, os refrigerantes gasosos, o fogão a gás, o aquecedor elétrico, o refrigerador e os sorvetes, as comidas enlatadas, as cervejas engarrafadas, a coca-cola, a aspirina, o Sonrisal e, mencionada por último mas não menos importante, a caixa registradora. (SEVCENKO, 1998: 9).

Como *cultura nova*, conforme destaca Nelson Mello e Souza (1999), a modernidade configura um fenômeno gerador de novidades diversas. O novo torna-se rotina, em razão da velocidade das múltiplas transformações exemplificadas nas contínuas inovações tecnológicas criadoras de diferentes necessidades e geradoras de mudanças constantes em várias dimensões. Paralelamente ao surgimento das inúmeras novidades, a existência pessoal e coletiva é exposta à insegurança derivada do processo de competição que envolve o conjunto de homens e mulheres. Ao gerar a sociedade de consumo, a modernidade difunde comportamentos fundados na preponderância do *ter* sobre o *ser*. Entre as promessas anunciadas pela modernidade são encontradas as promessas de igualdade, liberdade, paz e de dominação da natureza.

No que respeita à promessa da igualdade os países capitalistas avançados com 21% da população mundial controlam 78% da produção mundial de bens e serviços e consomem 75% de toda energia produzida.

No que respeita à promessa da liberdade, as violações dos direitos humanos em países vivendo formalmente em paz e democracia assumem proporções avassaladoras. Quinze milhões de crianças trabalham em regime de cativeiro na

Índia; a violência policial e prisional atinge o paroxismo no Brasil e na Venezuela, enquanto os incidentes raciais na Inglaterra aumentaram 276% entre 1989 e 1996, a violência sexual contra as mulheres, a prostituição infantil, os meninos de rua, os milhões de minas antipessoais, a discriminação contra os tóxicodependentes, os portadores de HIV ou os homossexuais, os julgamentos de cidadãos por homens sem rosto na Colômbia e no Peru, as limpezas étnicas e o chauvinismo religioso são apenas algumas das manifestações da diáspora da liberdade.

No que respeita à promessa de paz perpétua que Kant tão eloqüentemente formulou, enquanto no século XVIII morreram 4,4 milhões de pessoas em 68 guerras, no nosso século morreram 99 milhões de pessoas em 237 guerras.[...] Depois da queda do Muro de Berlim e do fim da guerra fria, a paz que muitos finalmente julgaram possível tornou-se uma cruel miragem em face do aumento nos últimos seis anos dos conflitos entre Estados e sobretudo dos conflitos do interior dos Estados. Finalmente, a promessa da dominação da natureza foi cumprida de modo perverso. Apenas dois exemplos. Nos últimos 50 anos o mundo perdeu cerca de um terço da sua cobertura florestal. Apesar de a floresta tropical fornecer 42% da biomassa vegetal e do oxigênio, 600 mil hectares de floresta mexicana são destruídos anualmente. As empresas multinacionais detêm hoje direitos de abate de árvores em 12 milhões de hectares da floresta amazônica. A desertificação e a falta de água são os problemas que mais vão afectar os países do Terceiro Mundo na próxima década. Um quinto da população já não tem hoje acesso à água potável. (SANTOS, 2000: 23 -24).

Esses inter-relacionados problemas, associados às preocupações acerca das drásticas conseqüências anunciadas pelo fenômeno das mudanças climáticas, são indicadores atuais da emergência de um tempo de desencantamento da modernidade, no qual o desejo de dominação da natureza e a crença no progresso material ilimitado, certamente, serão reconhecidos como uma trágica ilusão.

Quem foi a pátria que me pariu?

Ao refletir acerca do fascínio exercido pelo desenvolvimento ocidental no Brasil, identifico as circunstâncias em que esse vasto território foi

incorporado ao processo de dominação imposto pelos povos europeus no tempo de gestação da modernidade.

O processo de incorporação das terras brasileiras como área de domínio europeu é resultante da expansão marítimo-comercial portuguesa iniciada no século XV. A partir da chegada da esquadra de Pedro Álvares Cabral em 1500, até o início do século XIX, o Brasil será uma colônia cujo *status* caracteriza-se pela subordinação direta aos interesses da metrópole portuguesa, nos níveis econômico, político cultural e militar.

A exigência de atendimento dos interesses externos impõe ao Brasil, na fase colonial, uma intensa exploração de suas riquezas agrícolas e minerais. A produção da cana-de-açúcar no litoral nordestino e a extração aurífera nas minas, dentre outras atividades, assentam-se no massacre e na destruição das culturas indígenas, no regime fundiário baseado na grande propriedade e na intensa exploração do negro trazido como escravo de longínquas terras. Ao narrar essa história, marcada *pelo prazer e dor a se encontrar na mesma praça*, na canção *Paraíso ilustrado*, Dão Barros descreve a violência possibilitadora da mistura dos povos indígenas, africanos e europeus.

*Na Linha do Equador a natureza esculpiu / Um paraíso secreto de vales,
matas e rios / A amplidão do seu solo se encontrava ilustrado / Por prata,
ouro, diamante e outras riquezas raras / Havia um povo nativo daquilo ali
desfrutando / Sem imaginar que os seus dias de paz estavam contados*

*Pois logo aproximavam embarcações diferentes / Avistaram um monte alto e
gritaram “terra à vista”*

*Portando colar, espelho e em belas roupas vestidos / Desembarcaram na
praia e ludibriaram os nativos*

*Ao tentar escravizá-los se revoltaram em massa / Travaram várias batalhas,
de sangue correr no chão / Lutaram com lança e flecha contra sabre e fuzil /
Nativos foram vencidos, misturaram-se as raças / Formando assim o Brasil.*

Ao ocuparem o território brasileiro *envenenando tudo, engravidando tudo, misturando tudo, domando o índio sem perguntar: será que o índio quer se civilizar?*, como questiona Papalo Monteiro na canção *Meu nome é Brasil*, os portugueses procuram transplantar os valores sócio-culturais dominantes na civilização européia. Desejando que os princípios cristãos, brancos e ocidentais fossem absorvidos pelo conjunto dos habitantes da colônia, os jesuítas, principais difusores dos saberes do colonizador, estruturam os seus discursos a partir de uma compreensão que pretende ser universal por desconsiderar o valor do outro. Considerando os habitantes que aqui viviam como “gente bestial e de pouco saber”, os jesuítas buscam incorporá-los ao mundo cristão negando as suas crenças e os seus costumes que são vistos como idolatria, aberração e barbárie.

Os negros, trazidos da África para o Brasil através do intenso tráfico realizado entre os séculos XVI e XIX, são também submetidos à lógica de dominação implementada pelos europeus no tempo de gestação da modernidade. Aos negros, especialmente, coube o árduo trabalho nas lavouras e nas minas. Para os jesuítas, que também eram possuidores de terras e de escravos, o trabalho é considerado tarefa dos negros. Diferentemente da situação indígena, a escravidão negra não é questionada pelos jesuítas porque eles consideram que as regiões africanas são regiões doentias, sendo os negros portadores do pecado original. Procurando garantir legitimidade ao escravismo moderno, os jesuítas divulgam que os negros terão a salvação cristã adquirida com a submissão ao trabalho forçado. Para o discurso catequizador, o escravo rebelde é um escravo pecador. Como afirma o jesuíta Jorge Benci, ao defender a legitimidade da escravidão, a submissão à escravidão é sinônimo de virtude e de obediência a Deus:

(...) O ócio é a escola onde os escravos aprendem a ser viciosos e ofender a Deus (...) E como os pretos são bem mais hábeis para o gênero das maldades que os brancos, por isso eles com menos tempo de estudo saem grandes licenciados do vício da classe do ócio. (BENCI, 1977: 178 apud VAINFAS, 1986: 103).

Ao projetarem como único caminho a ser seguido o modelo da civilização européia, mesmo enfrentando a resistência de negros e índios ao processo de dominação, os portugueses agem deliberadamente para implementarem no Brasil os valores próprios da concepção cristã, branca e ocidental.

Impulsionada por vários fatores, no final do século XVIII a colonização mercantilista entra em crise. Durante este período ocorre o processo de industrialização da Inglaterra que contribui sobremaneira para o nascimento da modernidade no século XIX. Com o desenvolvimento industrial, gerador do aumento da produção de bens materiais, a relação monopolista entre colônia e metrópole passa a ser firmemente questionada pelos ingleses. Para a burguesia industrial inglesa torna-se fundamental que as colônias, como é o caso do Brasil, implementem relações econômicas baseadas no livre comércio para que haja o escoamento dos produtos industrializados lá produzidos.

Naquele contexto, recortado pelo aumento da exploração portuguesa e pela ocorrência de significativas mudanças no panorama internacional, desenvolve-se no Brasil, especialmente entre a elite colonial, o sentimento emancipacionista. Embalados pelas idéias iluministas importadas da Europa, vários segmentos sociais vão à luta pela emancipação política do Brasil no final do século XVIII em movimentos que, recortados por significativas diferenças, como a Inconfidência Mineira e a Conjuração Baiana, possuem em comum o desejo de pôr fim à dominação portuguesa.

Influenciado pelos conflitos que envolvem França, Portugal e Inglaterra no início do século XIX e que têm como uma de suas conseqüências a transferência da Corte Portuguesa para a colônia, o processo de independência do Brasil insere-se no quadro geral de transformações anunciadoras do nascimento da modernidade no continente europeu.

Os fundamentos filosóficos e jurídicos ordenadores do Estado Brasileiro no século XIX inscrevem-se no ideário advindo do liberalismo europeu. O liberalismo, adaptado a uma realidade completamente distinta do solo onde foi gestado, apresenta seus limites no território brasileiro. No Brasil, tem pouca penetração devido à predominância de um padrão sócio-econômico gerido por categorias rurais. Sendo divulgadores dessas idéias, os segmentos de elite não criticam a propriedade latifundiária, nem tampouco a escravidão.

Os valores associados ao liberalismo: valorização do trabalho, poupança, apego às formas representativas de governo, supremacia da lei e respeito pelas Cortes de justiça, valorização do indivíduo, e da sua autonomia, a crença na universalidade dos direitos do homem e do cidadão, todos esses dogmas típicos do credo liberal tinham dificuldade em se afirmar numa sociedade escravista que desprezava o trabalho manual, cultivava o ócio e a ostentação, favorecia os laços de família, afirmava a dependência, promovia o indivíduo em razão de seus laços de parentesco em vez de seus méritos e talentos como rezava a Constituição, instituía o arbítrio, fazia da exceção a regra e negava os direitos do homem e do cidadão à maioria da população. (COSTA, 1997: 166).

Durante o período Imperial grande parte da sociedade brasileira continua imitando os padrões culturais europeus, sobretudo aqueles propagados pela Inglaterra e a França, consideradas nações símbolos da modernidade nascente. No Brasil, romances e noticiários de jornais evidenciam a importância dos valores europeus para elites econômicas e políticas que têm a Europa com matriz da civilização. Assim, torna-se comum, por parte dessas elites, o consumo de tecidos importados, como a casimira inglesa e os veludos e sedas franceses, que pouco combinam com o intenso calor tropical.

Vários fatores possibilitam o declínio do regime imperial e a conseqüente implantação da República no Brasil no final do século XIX. Na medida em que a produção cafeeira assentada em bases tradicionais sofre um processo de estagnação no Vale do Paraíba e na Região Fluminense, ocorre a expansão da lavoura do café no Oeste Paulista, região onde são aplicadas

técnicas modernas de produção e introduzido o trabalho livre. Não possuindo representação política condizente com o seu crescimento econômico, um novo segmento social, a burguesia cafeeira, passa a direcionar suas críticas ao centralismo imposto pela monarquia projetando a conquista da autonomia provincial para que os problemas regionais fossem agilmente solucionados.

Outro fator decisivo na desagregação da Monarquia vincula-se à crise do escravismo. A partir do momento em que o tráfico de escravos é extinto em 1850, pela forte pressão exercida pela Inglaterra, a escravidão passa a ser firmemente questionada por vários segmentos sociais, sendo finalmente extinta no ano de 1888. Concomitantemente ao processo de extinção do trabalho escravo, o Brasil diversifica-se socialmente com a entrada de milhares de imigrantes e com o desenvolvimento das camadas médias que crescem em meio ao gradativo processo de modernização.

Relevante também é a participação dos militares no processo que resulta no fim da Monarquia. Desprestigiados socialmente no Império, ao voltarem da Guerra do Paraguai, findada em 1870, os militares começam a tomar atitudes questionadoras do regime, exemplificadas na contraposição à escravidão. Este segmento social contribui decisivamente para a decadência do regime monárquico ao projetar a construção do regime republicano como alternativa política para a nação. A união dos fazendeiros do Oeste Paulista com os militares e as camadas médias faz surgir, após o golpe liderado pelo Marechal Deodoro da Fonseca, a República, que nasce inscrevendo em sua bandeira o lema positivista, de Augusto Comte, *Ordem e Progresso*. Estamos ainda sob a égide da modernidade européia.

Num contexto mundial marcado pela Revolução Tecnológica e Científica, que simboliza o nascimento da modernidade na Europa e nos Estados Unidos da América, ocorre a implantação do regime republicano no Brasil. Em razão de o advento da República não vir acompanhado de transformações profundas,

o regime republicano possuirá como traços fundamentais a manutenção da grande propriedade rural, a produção monocultural, especialmente do café, a exclusão de parcelas consideráveis da população do acesso às riquezas e a forte dependência externa, traduzida na submissão econômica e na assimilação dos valores culturais disseminados pela modernidade ocidental.

As elites que assumem o poder com a proclamação da República, encantadas com os valores da civilização ocidental, não têm como compromisso o reconhecimento e a preservação dos saberes e tradições de negros, índios e brancos pobres, possibilitadores da gestação de um caminho original para o Brasil. Daí por que a ânsia do desenvolvimento moderno-ocidental resulta, quase sempre, na violenta negação dos valores culturais das classes populares. A destruição do Arraial de Canudos no sertão da Bahia, no final do século XIX, é uma demonstração emblemática de que as elites republicanas identificam-se muito mais com o continente europeu do que com o miscigenado povo habitante do amplo e diverso território nacional.

No século XX, a nação brasileira procura inserir-se no contexto internacional como uma nação moderna, implementando modelos de desenvolvimento alicerçados na busca da industrialização e na crença da possibilidade de se alcançar um progresso contínuo e ilimitado. Impulsionados por mudanças políticas e institucionais ocorridas a partir dos anos 30 e embalados pelo encanto modernizante, distintos segmentos sociais assumem a condição de *nação subdesenvolvida* imputada ao Brasil, e a muitos outros países, pelas pregações ocidentocêntricas. Progressivamente, parcelas consideráveis da sociedade brasileira acolhem a exógena definição de *povo subdesenvolvido* estampada pelas elites norte-americanas, após a Segunda Guerra Mundial, através do sedutor discurso do presidente Harry Truman, proferido em 20 de janeiro de 1949, que diz:

É preciso que nos dediquemos a um programa ousado e moderno que torne nossos avanços científicos e nosso progresso industrial disponíveis para o crescimento e para o

progresso das áreas subdesenvolvidas. O antigo imperialismo – a exploração para lucro estrangeiro – não tem lugar em nossos planos. O que imaginamos é um programa de desenvolvimento baseado nos conceitos de distribuição justa e democrática. (TRUMAN apud ESTEVA, 2000: 59).

Repentinamente, um mesmo contexto ganha outra inteligibilidade pela aferição de um novo vocábulo: *subdesenvolvimento*. Conforme destaca Gustavo Esteva, em sua explicitação acerca do conceito de desenvolvimento, a transformação de inúmeros e diversificados povos portadores de ricas culturas em *áreas subdesenvolvidas* possui dia, mês e ano marcados.

Começou, assim, a 20 de janeiro de 1949. Naquele dia, dois bilhões de pessoas passaram a ser subdesenvolvidas. Em um sentido muito real, daquele momento em diante, deixaram de ser o que eram antes, em toda a sua diversidade, e foram transformados magicamente em uma imagem inversa da realidade alheia: uma imagem que os diminui e os envia para o fim da fila; uma imagem que define a sua identidade, uma identidade que é, na realidade, a de uma maioria heterogênea e diferente, nos termos de uma minoria homogeneizante e limitada. (ESTEVA, 2000: 60).

No período democrático populista (1946/1964), época marcada pela existência de intensos debates acerca da inserção do Brasil no “clube das nações modernas”, o desejo desenvolvimentista é acompanhado de amplas disputas entre múltiplos segmentos e classes sociais que projetam fórmulas distintas para o alcance do sonho encantado. Tendências nacionalistas, representadas sobretudo por setores do Partido Trabalhista Brasileiro e pelo Partido Comunista Brasileiro, fazem a pregação da limitação da influência econômica estrangeira e da adoção de reformas sociais distributivistas, como a reforma agrária, para possibilitar o alcance do desenvolvimento.

Ilustrativo exemplo do fascínio exercido pelo desenvolvimento sobre a sociedade brasileira é a postura do Partido Comunista Brasileiro. Fundado em 1922, o PCB, mesmo tendo como horizonte utópico a construção do estado socialista, como condição indispensável à instauração da sociedade sem classes, considerava como grandes problemas da realidade nacional a presença do latifúndio e a dominação estrangeira. Conforme sublinha

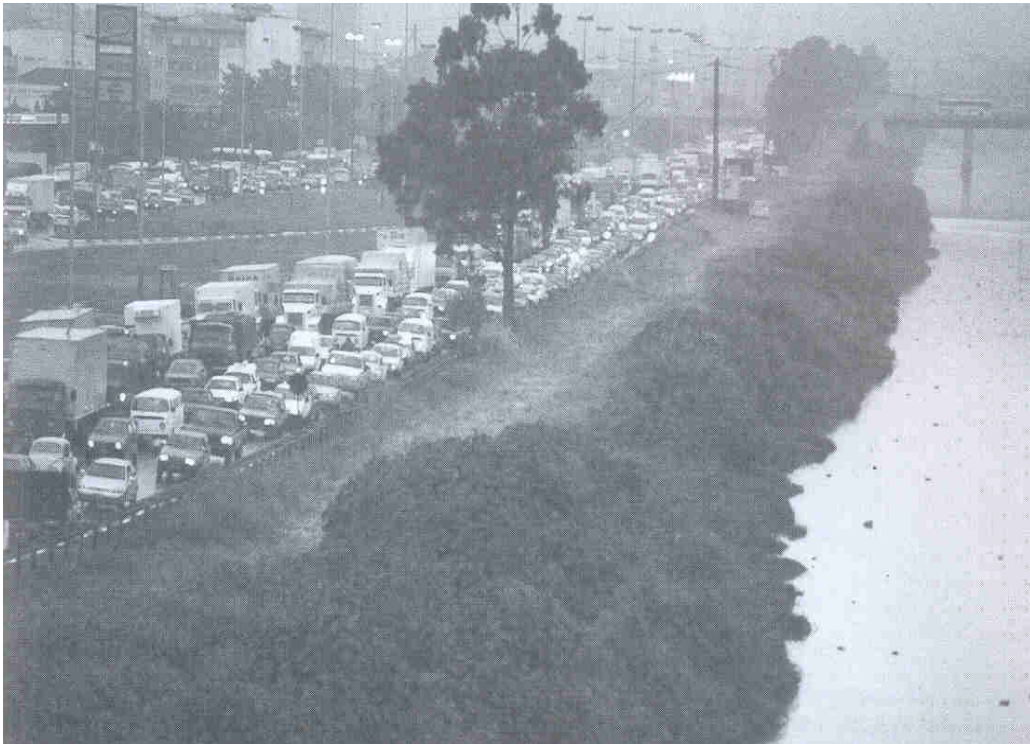
Octávio Ianni (1978: 105-106), a Resolução Política da Convenção Nacional de 1961 afirma: “em sua atual etapa a revolução brasileira é antiimperialista e antifeudal, nacional e democrática”. Apologistas da modernidade, os comunistas, através dessa Resolução, apontam como uma das tarefas essenciais da revolução brasileira “o desenvolvimento independente e progressista da economia nacional, mediante a industrialização do país e a superação do atraso da nossa agricultura”.

Num outro espectro político situam os segmentos sociais que querem o desenvolvimento industrial sem impor nenhuma dificuldade para a penetração do capital estrangeiro e sem a realização de reformas significativas nas estruturas sócio-econômicas do país. Estes são representados no plano partidário, sobretudo, pela União Democrática Nacional e por parcelas consideráveis do Partido Social Democrático. Como desdobramento dessa intensa polarização política, no ano de 1964 acontece o golpe civil-militar e a implantação do regime ditatorial que, entre tantas outras transformações, possibilitará a expansão urbano-industrial associada à degradação ambiental e ao aumento da exclusão social.

Presumivelmente, a história recente do Brasil, recortada pela expansão-decomposição do desenvolvimento, seria outra caso a sociedade brasileira acolhesse e cultivasse a mensagem anunciada pelo compositor Dorival Caymmi. Ao cantar *Saudade da Bahia*, Caymmi, referindo-se às ilusórias promessas projetadas pelo desenvolvimento, naquele tempo já alertava:

Vejam que situação / E vejam como sofre um pobre coração / Pobre de quem acredita / Na glória e no dinheiro para ser feliz...

CAMINHO NA CIDADE DE ÁRVORES DE CONCRETO



Em troca de imagens culturalmente estabelecidas, construídas por homens e mulheres concretos em seus espaços locais, em intercâmbio por mitos concretos, verdadeiramente reais, ofereceram ao homem moderno uma expectativa ilusória, implícita nas conotações do desenvolvimento e na sua rede semântica: crescimento, evolução, maturação, modernização. Ofereceram também uma imagem de um futuro que é simplesmente a continuação do passado: isto é, desenvolvimento, um mito conservador se não reacionário.

Gustavo Esteva

A tropa não faz mais viagem

Nessa reflexão acerca do desenvolvimento existente no Brasil, nos últimos quarenta anos, sublinho a relação oposta e complementar entre a expansão e a decomposição dessa vertente civilizatória. A partir da centralidade assumida pelas canções, reflito sobre os aspectos indicadores da decomposição do desenvolvimento no interior da sua própria expansão. Não tenho a pretensão de sugerir que o desenvolvimento tenha penetrado homoganeamente em todo o território nacional, tampouco que ele tenha sido assimilado ativa ou passivamente pelas múltiplas classes e segmentos sociais. O meu propósito é reconhecer as múltiplas tendências que, progressivamente, foram se tornando dominantes em razão de o desenvolvimento moderno-ocidental se apresentar à sociedade brasileira como único caminho possível para a afirmação do caráter civilizado da nação.

Para além das diferentes conjunturas, registro a distinção entre dois momentos singulares. O primeiro momento, do final da década de 60 até a segunda metade da década de 70, foi o período do *milagre econômico*

brasileiro, potencializador do desenvolvimento industrial e da geração de altas taxas de crescimento do Produto Interno Bruto. O segundo momento, do início da década de 80 até os primeiros anos do século XXI, caracteriza-se pela *desaceleração econômica*, no qual grande parte dos discursos das elites econômicas e políticas apontam como objetivo principal a *retomada do crescimento*². Isso se confirma na postura de grande parte da intelectualidade brasileira que considera as décadas de 80 e 90 como sendo *décadas perdidas* em razão do crescimento do PIB ter sido pouco significativo.

Estamos classificando as duas décadas – 1980 e 1990 como ‘perdidas’ baseados em: nos anos 80, especialmente no declínio econômico; nos anos 90, no impacto social do desemprego e no crescimento errático, entre outras variáveis. (MARICATO, 2001: 22).

No meu entendimento, essa classificação, que aponta para a compreensão das décadas de 80 e 90 como sendo décadas perdidas, é reducionista por julgar os períodos históricos a partir de uma lógica essencialmente econômica. Além do mais, não se pode dizer que, naquelas duas décadas, não tenha ocorrido desenvolvimento nos moldes projetados pela ocidentalização. É disso que fala Emir Sader:

A acumulação capitalista se expandiu no país durante a década de 80. Os lucros bancários e das outras instituições financeiras, por exemplo, nunca foram tão altos. Os produtores, industriais e agrícolas, voltados para o mercado externo, encontraram saída para sua produção a preços lucrativos, fazendo com que a balança comercial brasileira apresentasse um constante crescimento de ano para ano. As empreiteiras continuaram conseguindo grandes encomendas do Estado, ampliando também seu âmbito de ação no exterior. O mercado interno voltado para as camadas de mais alto poder aquisitivo continuou se ampliando, pela sofisticação do consumo – do qual o setor eletrônico e de informática são apenas alguns exemplos - assim como pela produção

²Ainda que tenha havido a partir da década de 80 uma desaceleração do crescimento da economia, conforme estudos do Instituto Brasileiro de Geografia, o Brasil possuía no ano de 2005 o 10º maior Produto Interno Bruto do mundo. Informação obtida na edição do Jornal Folha de São Paulo do dia 22 de março de 2007.

privilegiada de carros de luxo e o sucessivo abandono dos automóveis mais baratos. (SADER, 1993: 70).

No que diz respeito ao crescimento econômico, especialmente a partir de 1968, com o milagre econômico brasileiro, o Produto Interno Bruto cresceu vertiginosamente contribuindo para a configuração do país como uma grande economia no cenário mundial. Iolando Fagundes, ao cantar *Seres urbanos*, apresenta o contexto descortinado pela expansão urbano-industrial.

O perfume da menina / O dióxido de carbono / O brilhante no pescoço / A criança O abandono / Lágrimas de purpurina / Vaga-lume, brilho vago / Um olhar sexy-ator na esquina / Vende amor a porte pago

Seres urbanos, são guetos, tribos / São cultos, néscios, são vulgos índios

São cabeças, braços, pés, passos / Corpos apressados à procura dos alvos / Céticos, fanáticos, ateus / Cada um com seu Deus / Outdoors, autopistas, automóveis egoístas / Vitrines cobiçadas, transeuntes consumistas. / Poder de compra, a estética da política

Seres urbanos, são guetos, tribos / São cultos, néscios, são vulgos índios

Casebres, mansões, contraste fatal / Medo, tensão / Convulsão social / Caíram os muros de ferro e concreto / Se ergueram barreira / Nova ordem é decreto / Latinos, negros, plebeus / Americanos, ricos e europeus / Setas inversas, cada um com seus Deus.

Como resultado da aceleração do desenvolvimento, centros industriais expandem-se, hidroelétricas são construídas, crescem as redes de telecomunicações e as rodovias que contribuem significativamente para a integração física do território nacional. Conforme destacam João Manuel Cardoso de Mello e Fernando Novais, dos anos cinquenta aos anos oitenta, passamos a dispor de todas as “maravilhas eletrodomésticas” possibilitadas pela expansão desenvolvimentista.

O ferro elétrico, que substituiu o ferro a carvão: o fogão a gás de botijão, que veio tomar o lugar do fogão elétrico na casa dos ricos ou do fogão a carvão, do fogão a lenha, do fogareiro e da espiriteira, na dos remediados ou pobres: em cima dos fogões estavam, agora, panelas – inclusive as de pressão – ou frigideiras de alumínio e não de barro ou de ferro; o chuveiro elétrico, o liquidificador e a batedeira de bolo; a geladeira; o secador de cabelos; a máquina de barbear concorrendo com a gilete; o aspirador de pó, substituindo as vassouras e o espanador; a enceradeira, no lugar do escovão; depois veio a moda do carpete e do sinteco; a torradeira de pão; a máquina de lavar roupa; o rádio a válvula deu lugar ao rádio transistorizado, AM e FM, ao rádio de pilha, que andava de um lado para o outro junto com o ouvinte; a eletrola; a vitrola hi-fi, o som estereofônico, o aparelho de som, o disco de acetato, o disco de vinil, o LP de doze polegadas, a fita; a TV preto e branco, depois a TV em cores, com controle remoto; o vídeo cassete, o ar condicionado. (NOVAIS; MELLO, 1998: 564).

Entre outras novidades derivadas da industrialização encontram-se os alimentos enlatados, os refrigerantes, as cervejas enlatadas e os sorvetes industrializados. Esses e outros tantos produtos passam a ser largamente comercializados nos supermercados que progressivamente ocupam o espaço das antigas vendas, bodegas e armazéns. Como espaços privilegiados de consumo, além dos supermercados, surgem as redes de lojas de eletrodomésticos, as revendedoras de automóveis e os *shopping centers*, verdadeiros templos do consumismo que, conforme destaca Cristovam Buarque (2003: 43), são “transformados em símbolo da modernidade graças ao ar condicionado, mas sobretudo às portas que permitem afastar os excluídos”.

Essa intensa industrialização é processada com forte ingerência do capital estrangeiro que passa a influenciar decisivamente na vida econômica do país com a implantação das grandes empresas multinacionais. Símbolo maior do desenvolvimento, entre os inúmeros produtos industriais, o automóvel progressivamente vai ocupando lugar de destaque na sociedade brasileira. Reverenciado como uma verdadeira imagem de adoração pela grande maioria dos habitantes do mundo urbano, como fala Morin:

O automóvel tem uma função mais misteriosa, mais profunda do que a utilidade material; tem um verdadeiro poder afetivo. O desejo do automóvel corresponde a uma necessidade profunda. O investimento material que as pessoas consentem para o possuir é significativo: pessoas e famílias que só dispõem de escassos recursos pecuniários assumem o risco de comprar um automóvel; lançam-se numa operação de crédito que irá desequilibrar o seu orçamento durante um ou dois anos. (MORIN, 1998: 224).

A sedução pelo automóvel gera como resultados inevitáveis a impermeabilização dos solos para a construção de ruas, avenidas e rodovias, os engarrafamentos nas médias e grandes cidades e a geração de inúmeros acidentes que interrompem a vida de milhares de pessoas, tanto nas zonas urbanas quanto nas rodovias estaduais e federais. Além disso, a queima de combustíveis fósseis, propiciada pelo largo uso do automóvel, contribui para o aumento da poluição atmosférica intensificadora do fenômeno do aquecimento global.

Perspicaz e atento às gigantescas transformações resultantes da propagação da civilização do automóvel, Elomar concebe as dificuldades de adaptação dos migrantes ao estranho mundo das metrópoles, preenchido por carros, fumaça e barulho. Na canção *Chula no terreiro*, ao identificar uma trágica conseqüência derivada do desenraizamento sócio-cultural traduzida na inadaptação de muitos sertanejos ao mundo urbano, Elomar registra sua percepção acerca da proliferação do automóvel.

Mais tinha um qui dexô o qui era seu / Pra i corre o trêcho no chão de Son Palo / Num durô um ano o cumpanhêro si perdeu / Cabô se atrapaiano cum a lua no céu / Num certo dia num fim de labuta / Pelas ave-maria chegô o fim da luta / Foi cuano ia, atravessano a rua / Parou iscupiu no chão pois se ispantô cum a lua / Fícô dibaxo das roda dos carro / Purríba dos iscarro oiano prá lua, ai sodade.

De sua parte, Paulo Macedo evidencia a importância da preservação das boas tradições populares e percebe as drásticas mudanças surgidas com o advento da civilização do automóvel. Ao relembrar a vida dos antigos

tropeiros que se dedicavam às atividades relacionadas ao abastecimento das comunidades existentes no Planalto da Conquista, Paulo Macedo, cantando *Viola festeira*, saudosamente sintetiza as transformações ocorridas no cotidiano, na segunda metade do século XX.

Êh vida tirana / A tropa não faz mais viagem / A leva do boi que embarcou / Foi por cima da rodagem / Êh “vagalumiô” / A viola riscou uma toada / Saudade é meu bem na janela / Acenando pra estrada.

Entre tantas novidades propiciadas pelo desenvolvimento, insere-se a difusão dos aparelhos televisores. Conforme destaca Sérgio Mattos (2000), quando ocorre a implantação da TV Tupi, em 1950, existiam no Brasil apenas 200 televisores pertencentes aos membros da elite econômica. Enquanto no ano de 1999, a quantidade de televisores preto e branco e a cores alcança o número de 53.500 aparelhos.

Ao compor a música *A televisão*, Chico Buarque fala das transformações anunciadas pela propagação da TV, registrando as mudanças sócio-culturais derivadas desse processo. Com maestria e certa ironia, Chico percebe que os relacionamentos interpessoais progressivamente vão perdendo espaço para relações mediadas por esse poderoso e impessoal meio de comunicação.

O homem da rua / Com seu tamborim calado / Já pode esperar sentado / Sua escola não vem não / A sua gente / Está aprendendo humildemente / Um batuque diferente / Que vem lá da televisão / No céu a lua / Que não estava no programa / Cheia e nua, chega e chama / Pra mostrar evoluções

O homem da rua / Não percebe o seu chamego / E por falta d'outro nêgo / Samba só com seus botões / Os namorados / Já dispensam seu namoro / Quem quer riso, quem quer choro / Não faz mais esforço não / E a própria vida / Ainda vai sentar sentida / Vendo a vida mais vivida / Que vem lá da televisão

O homem da rua / Por ser nego conformado / Deixa a lua ali de lado / E vai ligar os seus botões / No céu a lua / Encabulada e já minguando / Numa nuvem se ocultando / Vai de volta pros sertões.

Com o crescimento do número de telespectadores, a televisão transforma o cotidiano de relações de homens, mulheres e crianças por ela afetadas. Brincadeiras de meninos e meninas nas ruas³, prosas e causos partilhados junto ao fogão, estórias contadas pelas avós, vão sendo substituídos pelas novelas, telejornais, programas humorísticos, filmes e programas de auditórios, transmitidos diuturnamente pelas telas da TV. Imponentemente, a televisão passa a ocupar o lugar de destaque na sala, onde crianças, homens e mulheres atentamente ouvem, vêem, e emocionam-se com as diferentes mensagens que “saltam” do aparelho eletrônico para dentro do ambiente familiar.

Portadora de uma ambivalência singular, a televisão, ao mesmo tempo em que limita o diálogo entre as pessoas e difunde a cultura de consumo, também é responsável pela difusão de programas e mensagens comprometidas com a busca de solução de várias questões sociais. Não é raro encontrar na programação televisiva, inclusive nas novelas, mensagens direcionadas à superação do preconceito étnico e sexual, à busca de inserção social dos portadores de necessidades especiais e programas dedicados aos cuidados com a saúde. Assim, preenchida pelos paradoxos pertinentes aos artefatos tecnocientíficos, a televisão também pode educar porque, como diz Morin (2001: 113), “as pessoas sempre aprendem alguma coisa com a televisão”.

³Muitas são as brincadeiras de crianças, cujo lugar privilegiado era a rua, que perderam espaço ou até mesmo desapareceram com a propagação da televisão. *Ciranda-cirandinha, trinta e um olé, triscou-pegou, cai no poço, anelzinho, tonga*, são algumas dessas criativas e alegres brincadeiras.

Vô corrê trecho, vô percurá u'a terra preu pudê trabaiá

No mundo rural, a partir do final da década de 60, ocorrem substanciais transformações modernizadoras potencializadas por ações governamentais assentadas nas políticas de crédito agrícola. Dentro desse contexto, surgem os complexos agroindustriais que, ao incorporarem máquinas, fertilizantes e adubos em grande quantidade no processo produtivo, contribuem decisivamente para a ocorrência de drásticas mudanças no espaço geográfico. Como exemplifica José Augusto de Pádua (1991), o impacto da modernização é intenso: em 1950, havia na agricultura brasileira 8.372 tratores e utilizavam-se 89 mil toneladas de fertilizantes químicos contra 527.096 tratores em 1980 e 3.100.000 toneladas em 1978.

Atento às transformações, Elomar descreve as intensas migrações que ocorrem no Brasil. Na canção *Curvas do rio*, o “príncipe da caatinga”, como o apelidou Vinícius de Moraes, destaca que o desejo de muitos sertanejos não é a permanência em definitivo na ‘cidade grande’ e sim o retorno, com algum recurso capaz de possibilitar a garantia da sobrevivência em sua terra natal. Denunciando as dificuldades a que são submetidos os trabalhadores rurais e demonstrando sensibilidade frente às questões ecológicas, Elomar, ao manifestar preocupação com o destino do homem do campo, ressalta a necessidade do cuidado com a Terra.

*Vô corrê trecho / Vô percurá u'a terra preu pudê trabaiá / Prá vê se dêxo /
Essa minha pobre terra véia discansá / Foi na Monarca a primeira
dirrubada / Dêrna d'intão é sol é fogo é tái d'inxada / Me ispera, assunta
bem / Inté a bôca das água qui vem / Num chora conforme mulé / Eu volto
se assim Deus quisé*

*Tá um apêrto / Mais qui tempão de Deus no sertão catinguêro / Vô dá um
fora / Só dano um pulo agora in Son Palo, Triang'Minêro / É duro môço êsse
mosquêro na cozinha / A corda pura e a cuia sem um grão de farinha / A*

bença Afiloteus / Te dêxo intregue nas guarda de Deus / Nocença ai sôdade viu / Pai volta prá curva do rio.

Ah mais cê veja / Num me resta mais creto prá um furnicimento / Só eu caíno / Nas mão do véi Brolino mêrmo a deis pur cento / É duro môço ritirá prum trecho alei / C'ua pele no osso e as alma nos bolso do véi / Me ispera, assunta viu / Sô imbuzêro das bêra do rio / Conform num chora mulé / Eu volto se assim Deus quisé / Num dêxa o rancho vazio / Eu volto prá curvas do rio.

Concomitantemente à expansão dos empreendimentos monoculturais tradutores de formas de pensar linearmente assentadas nas *monoculturas da mente*, conforme denuncia Vanda Shiva (2002) ao refletir sobre a negação da diversidade patrocinada pelo desenvolvimento, ocorrem grandes migrações internas no Brasil. Expulsos dos campos, ou atraídos pela possibilidade de encontrarem condições de vida mais confortáveis nas áreas urbanas, milhões de homens e mulheres, posseiros, meeiros, arrendatários e pequenos proprietários rurais deslocam-se para as cidades que não param de crescer. Assim, o desenvolvimento gera uma sociedade em frenético movimento.

Movimento de homens e mulheres que se deslocam de uma região a outra do território nacional, de trem, pelas novas estradas de rodagem, de ônibus ou amontoados em caminhões paus-de-arara.[...] Movimento de uma configuração de vida para outra: da sociedade rural abafada pelo tradicionalismo para o duro mundo da concorrência da grande cidade, ou para o mundo sem lei da fronteira agrícola; da pacatazinha cidade do interior para a vida um tanto agitada da cidade média ou verdadeiramente alucinada da metrópole. Movimento também de um emprego para outro, de uma classe para outra, de uma fração de classe para outra, de uma camada social para outra. (MELLO; NOVAIS, 1998: 585-586).

Mesmo não possuindo qualificação específica para os trabalhos existentes no mundo urbano, por serem politécnicos e versáteis, muitos homens inserem-se nos empregos criados pela construção civil ou até mesmo nas indústrias e incontáveis mulheres encontram ocupação como empregadas domésticas

nas residências das famílias da ascendente classe média. Outros tantos migrantes envolvem-se com trabalhos informais e temporários ou transformam-se em *refugos humanos* completamente excluídos do desenvolvimento implementado no país.

Ao abordar a temática das migrações, Vital Farias, na canção *Saga de Severinin*, retrata a situação de milhares de camponeses que, mesmo não possuindo as riquezas materiais prometidas pelo mundo urbano, vivem alegremente no campo por garantirem o sustento de suas famílias com o trabalho na roça. Porém com a avassaladora modernização da agricultura, não são poucos os posseiros, como *Severinin*, que vêem suas terras serem usurpadas pela ganância de grileiros comprometidos com a busca do enriquecimento rápido e fácil.

Peço a atenção dos senhores / Pra história que eu vou contar / Falo de Severinin lavrador tão popular / Que morava numa palhoça / E cultivava uma roça perto de Taperoá / E Severinin todo dia lavrava a terra macia / E terra lavrada é poesia

Mexe com mão na terra / Sobe esta serra corta esse chão / Planta que a planta ponte / Por esses montes lã de algodão

Severinin vivia até feliz / Enchendo os olhos com bem d'rais / E mesmo a plantação tava bonita em flor / E ao seu lado a sua companheira / Tinha o seu amor

Mas como diz o ditado e haverá de se esperar / Depois de tudo plantado / Fazendeiro pede pra Severinin desocupar / Já tinha até fruta madura / Jirimum enrramando no terreiro / E tinha até um passarinho / Que além de ser seu vizinho / Ficou muito companheiro

Chega tanta incerteza / A alma presa quer se soltar / Luta, luta sozinho / Qual o caminho de libertar

Severinin ficou sozinho e só / Ingratidão não pode suportar / Correu para o sul / Aí a construção se viu / De uma vez por todas / De uma vez por todas / Desabar.

Hélio Contreiras e Val Macambira também refletem sobre esse processo. Na canção *Três passarinhos*, eles relatam o fim trágico de muitos camponeses que, fugindo da seca e da exploração dos grandes proprietários, deixam seus lugares em busca da sobrevivência nas cidades. Ao construírem uma síntese acerca do rompimento dos laços de companheirismo e de amizade existentes no mundo rural, possibilitado pelo novo modo de vida assentado na impessoalidade, na indiferença e na frieza das relações existentes nas metrópoles, Contreiras e Macambira narram a tragédia entranhada no desenvolvimento.

Eram três passarinhos / Livres lá no sertão / Que deixaram seu ninho / Em tempo de aflição / Arribaram pra cidade / Em busca do de comer / Certo que não sabiam / O tanto que iam sofrer

Serafim se empregou na construção civil / Bate ferro, vira massa / Como um mundo nunca viu / O segundo sentou praça / Carregava um fuzil / Ele logo virou bicho / E deixou de ser gentil / Bate pau era seu nome / Não temia assombração / E de tanto dar porrada / Até ganhou promoção

O terceiro, cantador / Nunca teve imitação / No repente era doutor / Martelo, quadra e mourão / Cantobelo lhe chamavam / Assum preto do sertão / Por onde ele andava / Se alegrava o coração

Um dia parou a obra / Por não ter mais condição / O patrão dizia sim / Serafim dizia não / Chamaram o do fuzil / Pra dar uma solução / Cantobelo avisado / Chegou numa aflição / Bate-pau velho de guerra / “Não cometa um estupor / A gente é terra com terra / E eu sou é cantador / Se lembra quando menino / Nas lonjuras do sertão / A gente cantava um canto / De cantiga de irmão?”

O tempo ficou parado / Um agouro solto no ar / O povo olhou de banda / E começou a debandar / O cantador abriu um riso / E um abraço de irmão / Ordens pra mim são ordens / E não têm mais discussão / Cantobelo caiu de bruço / Serafim virou fera / Faca-peixeira na mão

Mais um tiro, uma facada / E o sangue correu quente / Na poeira desse chão / Como três braços amigos / Na morte se deram a mão.

Estas migrações resultam num profundo desenraizamento social e cultural de milhões de habitantes desse país-continente chamado Brasil. Encontrando emprego nas cidades, como trabalhadores da construção civil ou como operários industriais, milhares de migrantes, ao serem submetidos às novas formas de exploração patronal, vêm-se envolvidos com movimentos reivindicatórios que se intensificam no país a partir da segunda metade da década de 70. Muitos se inserem na sociedade urbana como defensores da manutenção da injusta ordem social, tornando-se responsáveis pela repressão aos movimentos de protesto. Alguns assumem a condição de cantadores das alegrias e tristezas do povo brasileiro, enquanto outros tantos se transformam em seres descartáveis pelo desenvolvimento.

Essas significativas transformações ocorridas na sociedade brasileira são captadas por Rosemberg Oliveira. Na canção *O mundo cidade*, Rosemberg descreve o triste cenário erguido com o avanço da industrialização e o drástico processo de urbanização.

Caminho numa floresta / De árvores de concreto / No asfalto escuro e ardente / Sem ver o céu azul / Olhando nas vitrines enfeitadas vejo / Manequins dando risadas / Feito pássaros depenados e nus / Das janelas, meio fumaça, só / Os olhares dos espectros do Rio de Janeiro, Bairro de Istambul

O mundo cidade vai um dia raiar / As aves canoras calarão os seus bicos / A natureza desaparecerá / As montanhas altas perderão os seus picos

Há pouco a floresta desapareceu / Simplesmente para dar lugar / A um enorme prédio de alvenaria / Com isso o sol, ligeiro, inalou / A gota de oxigênio / Que na terra ainda resistia / Adeus Pithecanthropus Erectus / Da vila de Salvador / Mero subúrbio de Alexandria.

Nesse percurso, no qual a sociedade brasileira experimenta uma acelerada penetração dos “valores ocidentais, da ciência da técnica, da economia, do desenvolvimento, da dominação da natureza” como “uma verdadeira conversão”, conforme explicita Latouche (1996: 64), ocorre uma acelerada e drástica transição demográfica: a porcentagem da população urbana, que era de 31,24% em 1940, passou a ser de 81,23% no ano 2000.

O meu sonho é morar numa favela

Paralelamente à expansão urbano-industrial, o Brasil configura-se como uma sociedade extremamente desigual, preenchida por milhões de seres humanos excluídos socialmente. Papalo Monteiro e Paulo Macedo, na canção *Miserê*, explicitam a triste sina de milhões de meninos e meninas que, em várias partes desse imenso Brasil, recebem como herança do desenvolvimento uma vida fundada na absoluta miséria.

Quebrando pedra, penando, cortando cana, em cana / Tô labutando no cabelo do sisal / Tô na estrada cantando, vendendo sonhos / Tô na boca da fomalha, cara suja de carvão / Buscando lenha, lenhado, comendo lixo catado / Na madrugada tô com a arma na mão / Pela manhã estirado, corpo furado de balas / Tô morto vivo enfeitando a candelária, cheirando cola, vendendo pó, vendendo o corpo / Tô com fome, tô esmolado, roubando pra sobreviver / Tô apanhando, virando bicho, virando câncer / Tô na rua brincando de matar e de morrer / Tomando sol, bebendo chuva, eu tô com frio, cimento frio / Tô enrolado nas notícias do planalto / Eu tô doente, eu tô largado, eu tô caçado, eu tô, eu tô / Saí de casa, fui pra rua e da rua fui pro mato / Do mato para o espaço, pense você nesse caso / Tanto sabido, tanto

esperto quanto otário / O que vai ser de você amanhã quando eu crescer? / Com a barriga cheia de promessas / Alimentando sonhos na calçada / E o coração de luto traz as marcas / Da inocência já assassinada / A esperança jurada de morte / O que é certo nessas linhas tortas? / Pois quando grito mesmo frente a frente / Só vejo as costas de um mundo calado

Sou meninos e meninas pelo mundo / Crianças escravas batendo às portas do futuro...

Como a exclusão social é um fenômeno visceralmente vinculado ao processo de ocidentalização do mundo, contingentes de excluídos são encontrados em inúmeros países cuja matriz civilizatória é a modernidade ocidental. Ao refletir acerca do fenômeno da exclusão social que impõe a milhões de pessoas a condição de *refugo* em âmbito planetário, Zygmunt Bauman sintetiza a condição desses humanos, tanto no Brasil quanto em outros lugares do planeta.

Ser declarado redundante significa ter sido dispensado pelo fato de ser dispensável – tal como garrafa de plástico vazia e não retornável, ou a seringa usada, uma mercadoria desprovida de atração e de compradores, ou um produto abaixo do padrão, ou manchado sem utilidade, retirado da linha de montagem pelos inspetores de qualidade. ‘Redundância’ compartilha o espaço semântico de ‘rejeitos’, ‘dejetos’, ‘restos’, ‘lixo’ – com *refugo*. O destino dos desempregados, do ‘exército de reserva de mão de obra’ era serem chamados de volta ao serviço ativo. O destino do refugo é o depósito de dejetos, o monte de lixo (BAUMAN, 2005: 20).

Submetida e seduzida pelas encantadoras promessas projetadas pelo desenvolvimento, a sociedade brasileira constitui-se numa das sociedades mais desiguais do mundo. Como demonstra o *Relatório de Desenvolvimento Humano 2008*, publicado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, o Brasil ocupa o 70º lugar no Índice de Desenvolvimento Humano. No campo, a estrutura fundiária brasileira caracteriza-se pela concentração fundiária e pela expansão das excludentes atividades empreendidas pelas elites econômicas vinculadas ao agronegócio. Conforme

destaca João Pedro Stédile, há no Brasil uma gigantesca concentração de terras.

Os três milhões de pequenos proprietários que possuem menos de 10 hectares representam 53% do total, mas têm apenas 3% de todas as terras. Na outra ponta 50 mil grandes proprietários representam apenas 0,83%, mas possuem 43,5% de todas as terras agricultáveis do Brasil. (STÉDILE, 1998: 21).

Nesse cenário, o fenômeno da exclusão social adquire visibilidade apresentando-se como um dos principais problemas do Brasil contemporâneo. Conforme pesquisa realizada pelo Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas, intitulada *Mapa do fim da fome*, no ano de 2001 o Brasil possuía cerca de 50 milhões de pessoas em situação de indigência, o que correspondia ao percentual de 29,26% da população. Não é a toa que se multiplicam a cada dia políticas governamentais assistencialistas e compensatórias que visam enquadrar essa população através da ocupação apaziguadora, do incipiente consumo ou do controle da violência.

Convivendo com os contrastes e paradoxos existentes numa grande metrópole, Gabriel O Pensador tece uma contundente crítica à exclusão social resultante do desenvolvimento. Distante da linguagem formal presente nos discursos bem comportados originados da ciência moderna, o *rap O resto do mundo* assume o perfil de um verdadeiro tratado poético acerca da situação dos excluídos. Ao denunciar a trágica condição à que estão submetidas “as verdadeiras vítimas dos desmandos da civilização, privadas dos alimentos do corpo e da alma”, conforme destaca Almeida (2003b: 288), Gabriel O Pensador, sem pedir licença, solta o verbo contra a vida indigna imposta, em nome do desenvolvimento, a milhões de brasileiros.

Eu queria morar numa favela / Eu queria morar numa favela / Eu queria morar numa favela / O meu sonho é morar numa favela

Eu me chamo de excluído como alguém me chamou / Mas pode me chamar do que quiser seu doutor / Eu não tenho nome / Eu não tenho identidade / Eu não tenho nem certeza se eu sou gente de verdade / Eu não tenho nada / Mas gostaria de ter / Aproveita seu doutor e dá um trocado pra eu comer / Eu gostaria de ter um pingo de orgulho / Mas isso é impossível pra quem come o entulho / Misturado com os ratos e com as baratas / E com o papel higiênico usado / Nas latas de lixo / Eu vivo como um bicho ou pior que isso

Eu sou o resto / O resto do mundo / Eu sou mendigo, um indigente, um indigesto, um vagabundo

Eu sou... eu não sou ninguém / Eu tô com fome / Tenho que me alimentar / Eu posso não ter nome mas o estômago tá lá / Por isso eu tenho que ser cara-de-pau / Ou eu peço dinheiro ou fico aqui passando mal / Tenho que me rebaixar a esse ponto porque a necessidade é maior do que a moral / Eu sou sujo, eu sou feio, eu sou anti-social / Eu não posso aparecer na foto do cartão postal / Porque pro rico e pro turista eu sou poluição / Sei que sou um brasileiro / Mas eu não sou cidadão / Eu não tenho dignidade ou um teto pra morar / E o meu banheiro é a rua / E sem papel pra me limpar / Honra? / Não tenho / Eu já nasci sem ela / E o meu sonho é morar numa favela

Eu queria morar numa favela / Eu queria morar numa favela / Eu queria morar numa favela / O meu sonho é morar numa favela.

Numa realidade preenchida por opulência e miséria, a violência de todos os tipos torna-se uma inoportuna e constante companhia. Latrocínios, seqüestros, extermínios, chacinas, exploração sexual de crianças e adolescentes, violência policial, violência contra a mulher e tantas outras formas de violência física e simbólica banalizam-se e passam a compor permanentemente a paisagem urbana e rural dessa imensa nação.

Apesar de o Brasil ser a oitava economia industrial do mundo, apresenta uma taxa anual de mais de 25 homicídios por 100 mil habitantes por ano, taxa bem maior do que as outras sete maiores economias. Os Estados Unidos, o país mais violento do Grupo dos Sete (G7), têm hoje uma taxa de onze por 100

mil habitantes. Em 1997, ocorreram no Brasil mais de 40 mil homicídios numa população de 156 milhões de habitantes. (PINHEIRO, 2001: 294).

Ao refletirem acerca do fenômeno da violência urbana, Gabriel O Pensador e Aninha Lima compõem a canção *Palavras repetidas* em interação espiritual com os compositores Renato Russo, Marcelo Bonfá e Dado Villa-Lobos que, na década de 80, repetiam incansavelmente a lição: *é preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã / porque se você parar para pensar, na verdade não há*. No início do século XXI, repetindo esse refrão mobilizador ao dizerem: *teu filho morreu? o meu também / morreu assaltado, morreu assaltando*, Gabriel O Pensador e Aninha Lima insurgem-se contra a nua e crua banalização da violência no Brasil.

A Terra tá soterrada de violência / De guerra, de sofrimento, de desespero / A gente tá vendo tudo, tá vendo a gente / Tá vendo, no nosso espelho, na nossa frente / Tá vendo, na nossa frente, aberração / Tá vendo, tá sendo visto, querendo ou não / Tá vendo, no fim do túnel, escuridão / Tá vendo no fim do túnel escuridão / Tá vendo a nossa morte anunciada / Tá vendo a nossa vida valendo nada / Tô vendo, chovendo sangue no meu jardim / Tá lindo o sol caindo, que nem granada / Tá vindo um carro-bomba na contramão / Tá vindo um carro-bomba na contramão / Tá vindo um carro-bomba na contramão / Tá rindo o suicida na direção

“É preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã / Porque se você parar pra pensar, na verdade não há”

A bomba tá explodindo na nossa mão / O medo tá estampado na nossa cara / O erro tá confirmado, tá tudo errado / O jogo dos sete erros, que nunca pára / 7, 8, 9, 10... cem / Erros meus, erros seus e de Deus também / Estupidez, um erro simplório / A bola da vez, enterro, velório / Perda total, por todos os lados / Do banco do ônibus ao carro importado / Teu filho morreu? meu filho também / Morreu assaltando, morreu assaltado / Tristeza, saudade, por todos os lados / Tortura covarde, humilha e destrói / Eu vejo um Bin Laden em cada favela / Herói da miséria, vilão exemplar /

*Tortura covarde, por todos os lados / Tristeza, saudade, humilha e destrói /
As balas invadem a minha janela / Eu tava dormindo, tentando sonhar*

*“É preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã / Porque se você
parar pra pensar, na verdade não há”.*

Em sua contribuição para a ampliação do entendimento acerca da violência no Brasil, Alba Zaluar destaca que, entre múltiplas causas, o fenômeno da violência possui estreitas relações com a centralidade do *ter* na sociedade moderna. Enfatizando que a violência não resulta apenas do quadro da desigualdade social, Zaluar sugere que, especialmente no estrato juvenil, o fenômeno da violência está relacionado com a existência de um *etos da hipermasculinidade* potencializado pela cultura de consumo.

Há várias pesquisas que mostram que os Estados mais pobres do Brasil são também os menos violentos. Londrina é uma cidade riquíssima para os padrões brasileiros, mas é violenta. Campinas também. Nos Estados, percebe-se também que os municípios mais pobres são menos violentos. [...] Se a desigualdade explicasse a violência, todos os jovens pobres entrariam para o tráfico. Fizemos um levantamento na Cidade de Deus e concluímos que apenas 2% da população de lá está envolvida com o crime. Como explicar que a maioria das pessoas não se envolveu com o tráfico? Certamente tem algo a mais aí. (ZALUAR, 2004).

Em razão do esvaziamento do poder do Estado, no que diz respeito à adoção de arrojadas políticas sociais e devido à falta do cultivo de utopias realistas possibilitadoras do descortinamento de sociabilidades menos violentas e mais harmoniosas, o fenômeno da violência tem sido enfrentado, quase sempre, com a busca da ampliação da legislação penal e com a tentativa de garantir maior eficácia aos atos de repressão, tanto no Brasil quanto em outros países. Bauman, em sua reflexão acerca da condição das incontáveis *vidas desperdiçadas* pelo avanço da “civilização do excesso, da superfluidade, do refugo e da sua remoção” nessa época de *modernidade líquida*, confirma o caráter da transformação das funções dos poderes governamentais.

Um aspecto fatal dessa transformação foi revelado bem cedo e desde então tem sido bem documentado: a passagem do modelo de comunidade incluyente do 'Estado social' para Estado excluyente, 'penal', voltado para a 'justiça criminal' ou o 'controle do crime'. (BAUMAN, 2005: 86).

A busca do combate à violência com mais repressão e menos com a adoção de arrojadas políticas sociais, e com a disseminação de valores e atitudes garantidores da dignidade dos humanos em sua plenitude, pode ser comprovado no apelo de vários segmentos sociais, de grande parte da mídia e de inúmeros agentes políticos para que haja a redução da maioria penal e, até mesmo, a introdução da pena de morte no Brasil. Escrito no momento de comoção resultante da morte do menino João Hélio em fevereiro de 2007, o artigo *Razão e sensibilidade*, do filósofo Renato Janine Ribeiro, constitui-se num exemplo da existência de uma histeria coletiva favorável ao aumento da repressão contra a criminalidade.

Esse assunto me faz rever posições que sempre defendi sobre (na verdade, contra) a pena de morte. [...] Se não defendo a pena de morte contra os assassinos, é apenas porque acho que é pouco. Não paro de pensar que deveriam ter uma morte hedionda, como a que infligiram ao pobre menino. Imagino suplícios medievais, aqueles cuja arte consistia em prolongar ao máximo o sofrimento, em retardar a morte. Todo o discurso que conheço, e que em larga medida sustento, sobre o Estado não dever se igualar ao criminoso, não dever matar pessoas, não dever impor sentenças cruéis nem tortura - tudo isso entra em xeque, para mim, diante do dado bruto que é o assassinato impiedoso. Torço para que, na cadeia, os assassinos recebam sua paga; torço para que a recebam de modo demorado e sofrido. [...] A punição com a morte se justifica ora pela gravidade do crime cometido, ora pela descrença de que o criminoso se possa recuperar. No caso, as duas razões comparecem. Parecem irrecuperáveis, e seu crime é hediondo. Não vejo diferença entre eles e os nazistas. [...] Quando penso que, desses infanticidas, os próprios colegas de prisão se livrarão, confesso sentir um consolo. Mas há algo hipócrita nisso. (RIBEIRO, 2007).

Nesse cenário, enquanto Presidentes da República, Governadores de Estado, Prefeitos Municipais, Senadores, Deputados, Vereadores e significativas parcelas da sociedade civil organizada continuam apostando no desenvolvimento como verdadeira panacéia para todos os males, a exclusão

e a violência seguem causando irreparáveis estragos no esgarçado tecido social.

ELES QUEREM TE VENDER



São cabeças, braços, pés, passos
Corpos apressados à procura dos alvos
Céticos, fanáticos, ateus
Cada um com seu Deus
Outdoors, autopistas, automóveis egoístas
Vitrines cobiçadas, transeuntes consumistas
Poder de compra, a estética da política.

Iolando Fagundes (*Seres urbanos*)

No nosso peito bate um alvo muito fácil

A sociedade de consumo, um dos pilares do desenvolvimento, constitui-se nas nações ocidentais enquanto fenômeno sedutor de significativas parcelas da população que concebem o domínio de riquezas materiais como sendo o verdadeiro sentido da vida. É disso que fala Erich Fromm, ao refletir acerca do modo de vida baseado no *ter*.

Consumir é uma forma de ter, e talvez a mais importante da atual sociedade abastada industrial. Consumir apresenta qualidades ambíguas: alivia ansiedade, porque o que se tem não pode ser tirado; mas exige que se consuma cada vez mais porque o consumo anterior logo perde sua característica de satisfazer. Os consumidores modernos podem identificar-se pela fórmula: *eu sou = o que tenho e o que consumo* (FROMM, 1987: 45).

Em consonância com a compreensão anunciada por Fromm, acerca da excessiva preocupação com acumulação de riquezas materiais existente na sociedade moderna, Almeida, ao discorrer sobre a “síndrome da substituição, do descartável e do excesso”, descreve alguns sintomas da cultura do consumo.

Vivemos a cultura do excesso. Nossas casas, nossos apartamentos se assemelham a *micro-shoppings*. Vários aparelhos de televisão, dois computadores: cada um para nos plugar com o mundo de forma quase igual, mas com especificidades que justificam a existência de todos eles numa mesma casa. Nos tornamos consumidores individuais de imagens e informações. Novos e antigos automóveis se acumulam nas garagens das casas de classe média e dos condomínios onde se confinam os mais ricos. Um carro para a cidade, outro para o campo, outro para a praia. Um para o filho, outro para o pai. Assim cada um em seu automóvel não precisa conversar, da mesma forma com não há conversa entre o conjunto de pessoas que partilham alimentação nos *fast-food*. (ALMEIDA, 2003b: 297).

Ao avaliar a importância da publicidade no mundo industrial, Morin, em 1968, já atestava que as pessoas afetadas e encantadas com o consumismo transformam-se concomitantemente em sujeitos e objetos da sociedade de consumo⁴. Atualmente, a condição de sujeito-objeto, incorporada por muitos indivíduos, é permanentemente confirmada com a difusão dos comportamentos estéticos difundidos por modelos, artistas, escritores, esportistas, cantores, religiosos, e por inúmeras celebridades instantâneas forjadas nos *reality shows* existentes no mundo midiático.

Neste jogo em que se desenvolveu o universo consumacionista com os seus delírios, as suas delícias e os seus vícios, o indivíduo é ao mesmo tempo sujeito e objeto: a mercadoria humanizada, embebida dos seus sonhos e da sua afetividade, é a escrava do homem rei, mas ele próprio é a estranha mercadoria, produzida em série e torna-se dependente de objetos quase ou nada dotados de realidade objetiva. (MORIN, 1998: 233).

A partir sobretudo da segunda metade do século XX vai sendo construída no Brasil uma dinâmica sociedade de consumo, com o conseqüente surgimento de ambientes e hábitos próprios de uma sociedade ansiosa por partilhar dos sabores do desenvolvimento. Conforme informa Washington Novaes (2004), com base no *Relatório Estado do Mundo 2004*, produzido pelo

⁴No ano de 1968, Edgar Morin apresentou essa compreensão no texto *A publicidade*, publicado como prefácio ao livro de autoria de A. Cadet e B. Catelat, intitulado *La Publicité*, lançado pela editora francesa *Payot*. Mais tarde, no ano de 1984, esse emblemático texto integraria o livro *Sociologie* de Edgar Morin, publicado pela Editora Francesa *Librairie Arthème Fayard*. Finalmente, em 1998, a Editora Europa-América publica em português o livro *Sociologia* no qual se encontra o texto.

Worldwatch Institute, o Brasil é o sétimo maior consumidor do mundo por possuir 57 milhões e 800 mil pessoas inseridas no mercado. Segundo este relatório, o Brasil é o segundo maior consumidor mundial de carne bovina e o quinto maior consumidor de petróleo no mundo, tornando-se responsável pela emissão de 1 milhão e 800 mil toneladas de dióxido de carbono por pessoa a cada ano.

Em completa simbiose com a lógica do consumismo encontra-se o fenômeno da publicidade. Morin (1998: 231), num texto publicado há quarenta anos no qual ele identifica a condição de sujeito e objeto assumida pelos indivíduos na sociedade industrial, assim define a natureza da publicidade: “sua finalidade consiste em suscitar desejos, desviá-los para o consumo de produtos e enraizar esses desejos em necessidades”. Nos dias atuais, confirmando a premissa esboçada por Morin, Oliviero Toscani, ao revelar que a “publicidade é um cadáver que nos sorri”, destaca a função assumida pelo mercado publicitário.

A publicidade nos ensina como nos comportar na sociedade de consumo. Ela propõe um modelo social: compro, logo sou. Quanto mais nos aproximamos do modelo mais encarnaremos a suma do êxito moderno. Essa formação se constitui sem que o saibamos, de modo inconsciente, ela impõe os seus critérios, sua normalidade, ela molda os nossos gostos, nossos reflexos. Tornamos-nos todos filhos da publicidade. (TOSCANI, 1996: 168 apud SILVA, 2001: 80).

Humberto Gessinger, compositor e vocalista da banda de *rock* Engenheiros do Hawaii, fazendo da arte musical um instrumento de contraposição aos malefícios gerados pelo desenvolvimento, sintetiza o espírito que move o mercado publicitário. Na canção *A promessa*, Gessinger argutamente, percebendo a íntima relação existente entre os meios de comunicação, publicidade e consumo, explicita o caráter da publicidade.

Propaganda é a arma do negócio / No nosso peito bate um alvo muito fácil / Mira a laser... miragem de consumo / Latas e litros de paz teleguiada / Estou ligado a cabo a tudo que eles tem pra oferecer...

Com a incorporação de vastos segmentos sociais ao mundo do consumo propagam-se os serviços de publicidade, através dos meios de comunicação de massa, como o rádio, o jornal, a revista e, especialmente, a televisão. Através destes, e de outros meios de comunicação, a sociedade brasileira tem sido fortemente influenciada pelas mensagens oriundas do mercado publicitário. A publicidade, como salientam Novais e Mello:

Destrói rapidamente o valor da vida sóbria e sem ostentação. Numa sociedade onde a grande maioria é constituída de pobres, passa a fabricar ininterruptamente falsas necessidades, promove uma corrida ao consumo que não acaba nunca, mantém o consumidor perpetuamente insatisfeito, intranquilo, ansioso. (NOVAIS; MELLO, 1998: 641).

Especialmente na televisão, aparelho que integra som, imagem e movimento, as propagandas ocupam lugar de destaque na programação, inclusive dentro dos programas e novelas exibidos diariamente. Na canção intitulada *3ª do plural*, ao abordar esta temática, Humberto Gessinger explicita o entendimento de que o maior objetivo do mercado é manter os seres humanos enredados na teia do consumismo. Gessinger, ao tecer crítica à lógica mercantil predominante na sociedade moderna, identifica as ilimitadas ligações existentes entre as indústrias de automóvel, medicamentos, cigarros, bebidas e a indústria produtora do esporte espetáculo, dentre outras, cujo objetivo supremo é o lucro.

Corrida pra vender cigarro / Cigarro pra vender remédio / Remédio pra curar a tosse / Tossir, cuspir, jogar pra fora

Corrida pra vender os carros / Pneu, cerveja e gasolina / Cabeça pra usar boné / E professar a fé de quem patrocina

Eles querem te vender... / Eles querem te comprar... / Querem te matar (de rir) / Eles querem te sedar!

Quem são eles? / Quem eles pensam que são? / Quem são eles? / Quem eles pensam que são? / Quem são eles? / Quem são eles?

Corrida contra o relógio / Silicone contra a gravidade / Dedo no gatilho, velocidade / Quem mente antes, diz a verdade / Satisfação garantida / Obsolescência programada / Eles ganham a corrida / Antes mesmo da largada

Eles querem te vender... / Eles querem te comprar... / Querem te matar (a sede) / Querem te fazer chorar

Quem são eles? / Quem eles pensam que são? / Quem são eles? / Quem eles pensam que são? / Quem são eles? / Quem são eles?

Entre as incontáveis e diversificadas campanhas publicitárias difundidas através da televisão são encontradas propagandas de comidas, automóveis, remédios, bebidas e, até, propagandas de alimentos pouco recomendáveis para crianças. Comprometidas com a rentabilidade monetária, agências de publicidade, apoiadas no poder econômico das indústrias alimentícias, produzem freqüentemente inúmeras propagandas garantidoras da venda de guloseimas e refrigerantes responsáveis pela potencialização da obesidade infantil. Como revela a matéria publicada pelo *Blog Comunicação de Interesse Público*, pesquisas realizadas por professores da Universidade de São Paulo confirmam a influência da publicidade no crescimento do fenômeno da obesidade entre as crianças brasileiras.

No estudo realizado em 2004 pela equipe de Nutrologia, ligada ao Departamento de Pediatria da UNIFESP, foi constatado que a cada 10 minutos de publicidade veiculada, um minuto foi dedicado ao consumo de produtos alimentícios. De acordo com a Organização Mundial de Saúde, apenas 30 segundos de propaganda já são suficientes para exercer forte influência sobre as crianças. No estudo brasileiro, dos 600 minutos gravados, 5 minutos e 3 segundos promoviam a venda de produtos alimentícios em horários de audiência infantil. A outra pesquisa da UNIFESP, que investigou o efeito da publicidade nos hábitos alimentares das crianças, identificou que bolacha recheada e salgadinhos são sinônimos de refeição para as crianças. Os dois itens estiveram presentes em 50% das lancheiras dos pesquisados. (MENDES, 2007).

Na sociedade de consumo, na qual o valor da pessoa é medido pelo que ela possui e ostenta, o fenômeno do individualismo assume grande relevância. Impulsionados pela lógica competitiva, os indivíduos manifestam comportamentos egoístas que se desdobram no não reconhecimento do valor do outro. Assim, como explicita Martin Buber (2003), a relação *eu-tu* fundada na alteridade e na reciprocidade, é sobrepujada pelo relacionamento *eu-isso* no qual o outro é transformado num objeto qualquer. Confirmando a atualidade das reflexões de Buber, o psicanalista Jurandir Freire Costa afirma:

No individualismo contemporâneo, a impessoalidade converteu-se em indiferença, e os elos afetivos da intimidade foram cercados de medo, reserva, reticência e desejo de auto proteção. Pouco a pouco desaprendemos a gostar de gente [...]. Voltamos as costas ao mundo e construímos barricadas em torno do idealizado valor da nossa intimidade...sozinhos em nossas descrenças suplicamos proteção aos economistas, policiais, especuladores e investidores estrangeiros, como se algum deles pudesse restituir a esperança 'no próximo' que a lógica da mercadoria devorou. (COSTA, 1996: 5. apud SILVA, 2001: 81).

Crítico da sociedade de consumo, Marcelo Yuka, após ter sofrido um assalto que o deixou paraplégico, continua transformando a criação artística numa estratégia de pensamento denunciadora dos males do individualismo moderno. Compositor, letrista, percussionista, poeta, artista, ativista e, sobretudo, gente que ri e chora, Marcelo Yuka faz da música uma grande *tutora de resiliência*. De acordo com Boris Cyrulnik:

Resiliência é um termo emprestado da física que designa propriedade que certos corpos têm de absorver trabalho ou energia elasticamente, ou seja, a capacidade de voltar à forma anterior depois de sofrerem uma deformação. (CYRULNIK, 2004).

Ao procurar absorver e se recuperar do grave dano sofrido, Marcelo Yuka segue confirmando o princípio de que a “dor e a beleza nascem no mesmo momento, no mesmo movimento, no fogo da criação”, como diz Cyrulnik (2004: 189). Detonando poeticamente a sociabilidade gerada pela sociedade de consumo, ao compor a letra de *Ego City*, Yuka expõe o anti-acolhimento

propiciado pela disseminação do individualismo potencializado pelo desenvolvimento.

Carros à prova de bala, com vidros à prova de gente / Cor fumê da indiferença / E vão lambendo os cartões de crédito / Comprando de quase tudo; do orgulho à cocaína / De dólares a meninas / Passando em frente à réplica da Estátua da Liberdade / Que nos prende ao consumo siliconizado e farpado urgente / Que diz: Bem-vindo a Ego City

Lutadores sem filosofia, crianças sem esquinas / Realidade da portaria, mas só se for pela porta dos fundos / De frente pro mar, de costas pro mundo / Perderam o governo, mas ainda seguram os trunfos / Quando cair, delete o meu nome dos seus computadores / Se você insistir, o meu descanso será seu pesadelo

Lembre-se do mistério de PC, dono do Avião Negro / Porque o terno e o uniforme ainda / São os disfarces mais usados pelo crime / Tráfico de influência, tráfico de vaidade, tráfico pra ocupar / Melhor lugar na corte.

Por outro lado, o individualismo tem contribuído para a transformação das relações amorosas em relações mediadas fundamentalmente por interesses financeiros. No início da década de 80, Vital Farias, além de denunciar a devastação da Amazônia e a espoliação das populações sertanejas, contrapõe-se à submissão das relações entre homens e mulheres à lógica mercantil. Ao dizer *o que você precisa não se pode comprar*, Vital Farias, na canção *Pra você gostar de mim*, revela sua indignação com a penetração dos mesquinhos interesses materiais nas relações humanas.

Vou comprar dois automóveis / Um pra mim outro pra ti / Vou comprar mais dois imóveis / Um pra mim outro pra ti / Mas isso não constrói nada / Porque o que você precisa / Não se pode comprar / Porque o que você precisa / Não se encontra num bar / Porque o que você precisa / É muito sim, é muito singular

Eu sou teimoso eu vou comprar / Dois automóveis / Um pra mim outro pra ti / Vou comprar mais dois imóveis / Um pra mim outro pra ti / Vou jogar toda esperança / Numa conta de poupança / Pra você gostar de mim / Mais isso não constrói ... / Vou levar você pra copa / Vou lhe mostrar toda Europa / Pra você gostar de mim.

Em sua reflexão acerca dos valores projetados pela sociedade de consumo, onde quase tudo se transforma em mercadoria, o compositor Zeca Baleiro retrata o perfil dos relacionamentos fundados na existência do cheque especial e dos cartões de crédito. Em *Você só pensa em grana*, Zeca Baleiro, ao identificar o encanto exercido pelo poder do dinheiro, destaca o desinteresse manifestado por muitas mulheres frente aos sublimes aspectos da vida que quase não possuem, ou não possuem nenhum, valor mercantil.

Você só pensa em grana meu amor / Você só quer saber / Quanto custou a minha roupa / Custou a minha roupa / Você só quer saber quando que eu vou / Trocar meu carro novo / Por um novo carro novo / Um novo carro novo meu amor / Você rasga os poemas que eu te dou / Mas nunca vi você rasgar dinheiro / Você vai me jurar eterno amor / Se eu comprar um dia o mundo inteiro

Quando eu nasci um anjo só baixou / Falou que eu seria um executivo / E desde então eu vivo com meu banjo / Executando os rocks do meu livro / Pisando em falso com meus panos quentes / Enquanto você ri no seu conforto / Enquanto você me fala entre dentes / Poeta bom meu bem poeta morto / Poeta bom meu bem poeta morto / Poeta bom meu bem poeta morto.

Aqui tudo pirou, tudo tá mudado

Em conformidade com o processo de expansão da sociedade de consumo, acentua-se nas últimas décadas a intensa incorporação de muitos hábitos e

comportamentos derivados do *American Way of Life*. Como destaca Antonio Pedro Tota, ao refletir acerca da americanização do Brasil durante a Segunda Guerra Mundial:

Algumas palavras adquiriram um significado mítico na ideologia do americanismo: progresso, ciência, tecnologia, abundância, racionalidade, eficiência, gerenciamento científico e padrão americano de vida. (TOTA, 2000: 20).

Protásio Pinheiro de Mello, escritor natalense, contemporâneo da presença americana em sua cidade durante a Segunda Guerra Mundial, descreve detalhadamente a influência norte-americana na língua e nos costumes do povo de Natal, cidade que possuía aproximadamente 40 mil habitantes no início da década de 40 do século XX. No âmbito da língua, diversas foram as palavras e expressões inglesas, difundidas através de múltiplas formas, que progressivamente ocuparam espaço no vocabulário falado pelos brasileiros: *ok, my friend, blackout, milkshake, all right, money, cowboy, thank you, drink show, big, screen, star, gangster, bang-bang, farwest, trailer, short, close-up, background, baby, sheriff, sex-appeal, jazz, swing, blues, rock, twist, madison, long-play, sax, night-club, pick-up, stress, check-in, pedigree, poney, golf, bridge, tennis, bull-dog, doberman, , hall, living, record, best-sellers, slides, leader, glamour, bob, black-tie, rush, happy-hour, stand, mister, jersey, rayban, slogan, play-boy, test, halloween, motel, café-society, gentleman, States, cock-tail, smoking, sandwich, basket, volley, playground, snooker*. No final do século XX, ao escrever o livro *Contribuição norte-americana à vida natalense*, Protásio Melo expõe o caráter da influência norte americana na sociedade brasileira.

A influência do linguajar do Tio Sam, hoje em dia é fortíssima e inexorável devidos aos americanos com a guerra, os turistas de todo dia, o cinema falado, o rádio, a TV, as revistas e os jornais brasileiros e também estrangeiras como Time e Reader's Digest aqui vendidas. (MELO, 1993: 57).

Com a expansão do sistema de telecomunicações ocorrida na época da ditadura militar, a influência norte-americana passa a ter um crescimento vertiginoso gerando mudanças nos comportamentos, hábitos e costumes de

consideráveis parcelas da população brasileira. O filme *Bye Bye Brasil*, dirigido por Cacá Diegues, é revelador dessa influência ao narrar a história de uma caravana de artistas de circo que, sofrendo a concorrência da televisão, viaja pelo território brasileiro fazendo suas apresentações. Esse filme explicita a penetração da cultura dos Estados Unidos da América no interior do Brasil, ao demonstrar a existência de casas noturnas embaladas pelo som da música norte-americana em plena floresta amazônica e ao estampar, entre outros aspectos, a imagem de um índio ouvindo rádio de pilha e bebendo coca-cola. Chico Buarque e Roberto Menescal, compositores da música tema do filme, descrevem com nitidez a influência da cultura de consumo e do modo de vida norte-americano sobre os habitantes do mundo rural.

No Tocantins / O chefe dos Parintintins / Vidrou na minha calça Lee / Eu vi uns patins pra você / Eu vi um Brasil na TV / Capaz de cair um toró / Estou me sentindo tão só.

Oh, tenha dó de mim / Pintou uma chance legal / Um lance lá na capital / Nem tem que ter ginásial / Meu amor / No Tabariz / O som é que nem os Bee Gees / Dancei com uma dona infeliz / Que tem um tufão nos quadris / Tem um japonês trás de mim.

Eu vou dar um pulo em Manaus / Aqui tá quarenta e dois graus / O sol nunca mais vai se pôr / Eu tenho saudades da nossa canção / Saudades de roça e sertão / Bom mesmo é ter um caminhão / Meu amor.

Caminhando numa direção oposta ao *American Way of Life*, Zé Geraldo reflete acerca da influência da cultura norte-americana no Brasil propiciada pela expansão do acesso à televisão. Em *Uai bichinho*, ele evidencia o espanto de muitos migrantes que ao visitarem sua terra natal, quase sempre nas festas de final de ano ou durante as festas juninas, encontram muitos dos seus conterrâneos assimilando a linguagem oriunda da cultura norte-americana. Nessa canção, ao mesmo tempo em que se surpreende com as

exógenas influências, Zé Geraldo aponta a necessidade da preservação das raízes culturais brasileiras.

Uma temporada meu parceiro foi passear na terra dele / Voltou aperreado porque os meninos de lá / Tavam falando gírias de Copacabana / Eu disse pra ele, / Fique frio, parceiro, não se avexe não / Isso aí é reflexo da televisão em rede, uai / Afinal de contas / Pra quê curtir o nosso sotaque / O nosso folclore / Se logo logo a gente vai ter uma linguagem só / Padronizada / É um tal de oxente my love / Bah, my friend / É muito you pro meu uai, sô! / Já faz muito tempo que eu tô nesta terra / Muita coisa já ficou pra trás / Meu corpo cansado já não compra briga / Mas a alma ainda pede paz / Meu companheiro de pensão até hoje fala / Oxente bichinho cabra da peste/ E eu continuo falando/ Uai uai.

Não são apenas os compositores vinculados ao *rock* ou à MPB que constroem discursos poeticamente críticos à larga influência da cultura norte-americana na sociedade brasileira. Escancarando suas críticas, Genival Lacerda e Jorge de Altinho, ao cantarem *Americanizado*, descrevem forrozeiramente essa presença:

Aqui tudo pirou / Tudo tá mudado / Aqui tudo pirou, tudo mudou / Tá tudo americanizado

Até logo é tchau e rapaz é boy / Eu não entendo o que se fala por aqui / Na lanchonete só se serve sandwich / Só se veste Stone Washed, Jeans e calça Lee / Até no rádio o locutor só fala inglês / só se ouve som pauleira e rock'n roll / um tal de love quer dizer amor / até Paulo de Quitéria mudou o nome pra Paul

Aqui tudo pirou / Tudo tá mudado / Aqui tudo pirou, tudo mudou / Tá tudo americanizado.

Dando continuidade à contraposição ao processo de supervalorização da cultura norte-americana, assumida por diversos segmentos sociais,

Juraildes da Cruz compõe *Nóis é Jeca mais é jóia*. Defendendo a preservação da diversidade cultural existente entre as populações rurais, em *Nóis é jeca mais é jóia*, Juraildes da Cruz critica veementemente a propagação dos valores norte-americanos por parte das elites econômicas e políticas do país.

Se farinha fosse americana / Mandioca importada / Banquete de bacana / Era farinhada

Andam falando qui nóis é caipira / Qui a nossa onda é andar a cavalo / Qui a nossa calça é amarrada com imbira / Qui a nossa valsa é briga de galo / Andam falando qui nós é butina / Mais nóis num gosta de tramóia / Nóis gosta é das minina / Nós é jeca mais é jóia

Se farinha fosse americana / Mandioca importada / Banquete de bacana / Era farinhada

Andam falando qui nóis é caipira / Qui nóis tem cara de milho de pipoca / Qui nosso roque é dançar catira / Qui nossa flauta é feita de taboca / Nóis gosta é de pescar traíra / Ver as bichinha gemendo na vara / Nóis num gosta de mintira / Nóis tem vergonha na cara

Se farinha fosse americana / Mandioca importada / Banquete de bacana / Era farinhada

Andam falando qui nóis é caipora / Qui nóis tem que aprender ingrês / Qui nóis tem que fazer xuxéxu fóra / Deixe de bestáge / Nóis nem sabe o português / Nóis somo é caipira pop / nóis entra na chuva e nem móia / Meu ailoviú / Nóis é jeca mais é jóia.

Se farinha fosse americana / Mandioca importada / Banquete de bacana / Era farinhada...

Mania de peitão, mania de peitão

Convergentemente com os valores difundidos pela sociedade de consumo, nas últimas décadas emerge nos países ocidentais o fenômeno do culto ao corpo. Nancy Etcoof (1999) sublinha que, nas diversas civilizações ao longo da história da humanidade, sempre houve o cuidado com a beleza como algo inerente à natureza humana. Porém, capturado pelo consumismo, a busca do corpo perfeito transforma-se numa verdadeira obsessão. Nestas últimas décadas, devido à transformação do corpo em produto e em produtor da sociedade de consumo, proliferam no Brasil academias de ginástica, clínicas de estéticas, salões de beleza, *spas* e outros tantos espaços destinados aos rituais próprios dessa nova religião que é a *corpolatria*.

Gabriel O Pensador, Fernanda Abreu e Liminha, atentos às transformações comportamentais derivadas da expansão do culto ao corpo, constroem um verdadeiro manifesto, expresso na canção *Nádegas a declarar*, contra os riscos de imbecialização presentes no avanço da idolatria do corpo. Insatisfeitos com a supremacia alcançada por uma parte do corpo, a região glútea, sobre outras partes importantes, como a cabeça e o coração, eles denunciam essa excrescência comportamental.

Ordem e progresso, sua bunda é um sucesso / Nádegas a declarar, nádegas a declarar / Ordem e progresso, sua bunda é um sucesso / Nádegas a declarar / Você tira até retrato três por quatro de costas

Pensa com a bunda e quando abre a boca só sai bosta / Talvez você nem seja tão piranha / Mas qualquer concurso miss bumbum que tem, você se assanha / A-aha! e tira foto fazendo pose de garupa de moto / A-aha! vai sair na revista e o povo vai dizer que você é / Artista

Porque agora bunda é arte, é cultura, é esporte / É até filosofia, quase uma religião / E se você tiver sorte pode ser seu passaporte para fama / Ou pra cama, pode ser seu ganha-pão / Bunda conhecida, bunda milionária /

Bonitinha mas ordinária / Que nem otária na TV, de perna aberta / Queima o filme das mulheres e se acha muito esperta / Vai, vai lá! vai entrar na dança, vai usar a poupança / Vai ficar orgulhosa sem saber o mau exemplo que tá dando pras crianças / Adolescentes, adultas e adultos retardados / Que idolatram um simples rebolado / Bando de bundão!! Aplaudindo a atração / Não pelas idéias, mas pelo bundão.

Num contexto, no qual a busca do corpo perfeito configura-se como uma “nova utopia” substitutiva às utopias “perdidas ou inacessíveis”, como diz Ana Márcia Silva (2001: 54), o Brasil ocupa o segundo lugar no *ranking* mundial em cirurgias plásticas. Sintonizados com essas transformações geradoras de um profundo vazio acerca do sentido da vida, os compositores Seu Jorge e Bento Amorim, em *Mania de Peitão*, contrapõem à crescente tentativa de fabricação do corpo perfeito. Ao demonstrarem a artificialidade projetada nos corpos, através dos implantes de silicones garantidores da alta lucratividade de uma indústria voraz, Seu Jorge e Bento Amorim avisam: *a musa do ano 2000 é armação de silicone...*

Ela tem um rebolado / Por demais sensual / Domina os olhos da gente / Com seu corpo escultural / Na praia é uma delícia, com sua cor de jambo / Deixa muita mulher recalçada / E tudo que é homem babando

A noite ela é uma estrela / Ofusca o brilho da lua / Não há beleza na Terra / Que se compare com a sua / Mas o que o povo desconhece / É que este tremendo ciclone / Musa da geração 2000 / É armação de silicone

Mania de peitão / Mania de peitão / Mania de peitão / É armação de silicone.

No que diz respeito ao consumo de cosméticos, alimentadores do eterno sonho de juventude, ocorre uma substancial expansão. Hidratação, relaxamento, escova “inteligente”, luzes, *megahair*, escova progressiva, coloração, chapinha, *permanente*, *massagem*, *rinsagem*, *reflexo* e *outras cositas más*, fazem parte do cotidiano de milhares de mulheres do Oiapoque ao Chuí. Zeca Baleiro, ao defender o argumento de que a beleza interior pode

ser sempre mais bela do que a beleza produzida por qualquer salão, tece críticas à louca e inalcançável busca da perfeição estética. Na canção *Salão de beleza*, Zeca Baleiro aposta na verdadeira beleza que nunca é alcançada com a aplicação de hidróxido de guanidina, formol, hidróxido de sódio, lítio, hidróxido de amônia e tantos outros produtos químicos que enriquecem as indústrias de cosméticos, sem jamais garantir a superação da pobreza espiritual de suas consumidoras.

Vem você me dizer que vai a um salão de beleza / Fazer permanente, massagem, rinsagem / Reflexo e otras cositas más / Baby você não precisa de um salão de beleza / Há menos beleza num salão de beleza / A sua beleza é bem maior do que qualquer beleza de qualquer salão.

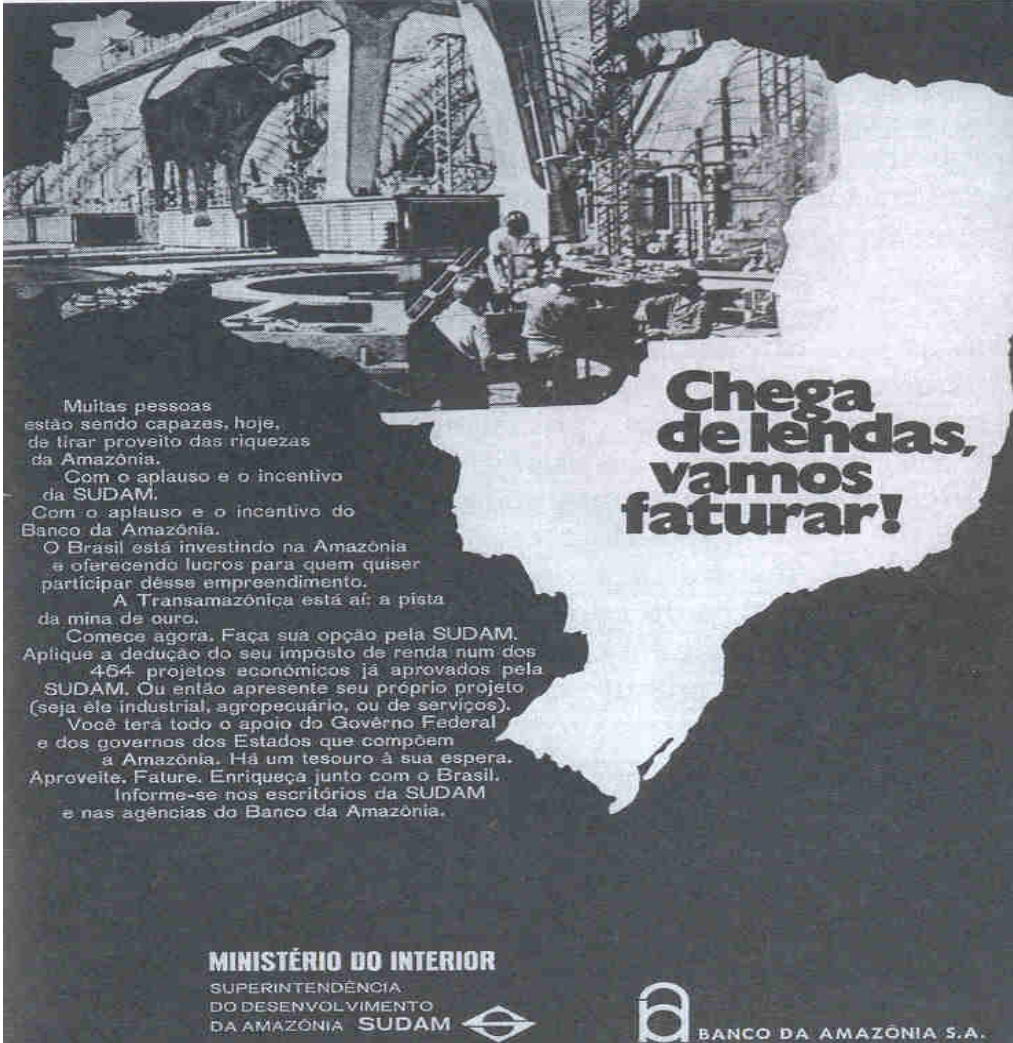
Mundo velho e decadente mundo / Ainda não aprendeu a admirar a beleza / A verdadeira beleza / A beleza que põe mesa / E que deita na cama / A beleza de quem come / A beleza de quem ama / A beleza do erro puro do engano da imperfeição.

Salões de beleza, clínicas de estética, academias de ginástica e *spas*, não são os únicos espaços ocupados com a busca da fabricação do corpo perfeito. Como diz Almeida, acerca da vida excessivamente protética, no interior das residências também essa fabricação é perseguida em razão da existência de verdadeiros arsenais de porções responsáveis por nos manter vivos e em forma.

Num certo lugar de nossas casas uma mini-farmácia estoca medicamentos reais e necessários, porque sugeridos por nossos médicos, e também porções virtuais de fabricação de outro ser, outra pele, outra dinâmica, outro ritmo do corpo. Quase tudo é protético na dinâmica biológica do frankenstein moderno: há remédios para acordar e para dormir, energéticos para nos manter ativos, ansiolíticos para nos manter calmos, vitaminas e complementos alimentares. Numa palavra, pílulas para induzir felicidade e para curar a infelicidade. Pobre espécie humana que esqueceu como ser feliz por suas próprias mãos com a ajuda de legiões de fadas que habitam seu espírito! (ALMEIDA, 2003b: 297).

Este patológico culto ao corpo, o encantamento com valores exógenos e a sede de consumo revelam permanentemente a trágica ilusão projetada pelo desenvolvimento ocidental.

TÃO TE MALTRANDO POR DINHEIRO



Muitas pessoas estão sendo capazes, hoje, de tirar proveito das riquezas da Amazônia.

Com o aplauso e o incentivo da SUDAM.

Com o aplauso e o incentivo do Banco da Amazônia.

O Brasil está investindo na Amazônia e oferecendo lucros para quem quiser participar desse empreendimento.

A Transamazônica está aí: a pista da mina de ouro.

Comece agora. Faça sua opção pela SUDAM. Aplique a dedução do seu imposto de renda num dos 464 projetos econômicos já aprovados pela SUDAM. Ou então apresente seu próprio projeto (seja ele industrial, agropecuário, ou de serviços).

Você terá todo o apoio do Governo Federal e dos governos dos Estados que compõem a Amazônia. Há um tesouro à sua espera. Aproveite. Fature. Enriqueça junto com o Brasil.

Informe-se nos escritórios da SUDAM e nas agências do Banco da Amazônia.

Chega de lendas, vamos faturar!

MINISTÉRIO DO INTERIOR
SUPERINTENDÊNCIA
DO DESENVOLVIMENTO
DA AMAZÔNIA SUDAM

BANCO DA AMAZÔNIA S.A.

É porque o homem não pensa
Não raciocina bem
Toca fogo na floresta
Não pergunta a ninguém
Ele não consulta nada
Se ali pertence a alguém.

Maria Iêda da Silva Medeiros - Dadi

Olhe agora o estrago que está

Encantados com a suposta supremacia da cultura sobre a natureza, os povos ocidentais têm colocado em risco a sobrevivência da própria espécie. Em uma reflexão ousada, cuja centralidade é a explicitação de que *jamaís fomos modernos* por convivermos permanentemente com a hibridez existente entre o natural e o cultural, Bruno Latour define o paradoxo do tempo presente:

Multidões que deveriam ser salvas da morte caem aos milhões na miséria; as naturezas que deveriam ser dominadas de forma absoluta nos dominam igualmente de forma global, ameaçando a todos. Estranha dialética esta que faz do escravo dominado o mestre e o dono do homem, e que subitamente nos informa que inventamos os ecocídios e ao mesmo tempo a fome em larga escala. (LATOUR, 1994: 14).

Problemas ambientais fazem parte da história da humanidade desde os primórdios. Nos últimos dois séculos, entretanto, esses problemas foram ampliados consideravelmente devido ao desenvolvimento de economias baseadas fundamentalmente na produção industrial. Impulsionada por uma ampla divisão do trabalho e pela eficiência técnica propiciada pela crescente

utilização de equipamentos mecânicos, a partir da Revolução Industrial a produção de bens materiais cresce vertiginosamente. Simultaneamente à expansão do industrialismo triunfa a concepção mecanicista, gestada no século XVII, que, conforme salienta Nicolescu (1999: 61), “concebe a Natureza não como um organismo, mas como uma máquina, a qual basta desmontar peça por peça para possuí-la inteiramente”. Dessacralizada, por uma concepção consoante com a busca do aumento do bem-estar material, como afirma Shiva (2000: 300), a natureza termina sendo transfigurada em “repositório de matérias primas que aguardam sua transformação em insumos para a produção de mercadorias”.

No século XX, com a expansão do industrialismo moderno e da sociedade de consumo, o meio ambiente sofre mais agressões do que em todos os séculos anteriores somados. Nesse século, o homem, na sua incessante busca de desenvolvimento, foi capaz de esvaziar um mar. Em 1918, na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, o governo bolchevique, recém-vitorioso, decretou que as águas dos afluentes do mar de Aral fossem desviadas para servir à causa revolucionária com a irrigação de gigantescas plantações de algodão. Trinta anos depois, ocorre o desastre: o mar começa a esvaziar e o que antes era água transforma-se num deserto salgado. Como resultado, diversas espécies de peixes desaparecem e as inversões climáticas, com invernos gélidos e verões infernais, abatem-se sobre milhões de habitantes daquela região. Como destaca Morin (2000b: 44), ao referir-se à tragédia do Mar de Aral, essa é mais uma demonstração de que “a falsa racionalidade, isto é, a racionalização abstrata e unidimensional, triunfa sobre as terras”.

Um dos maiores impactos causados ao ambiente origina-se na Revolução Verde, ocorrida na segunda metade do século XX, cujo objetivo era o aumento significativo da produção agrícola no mundo, através da criação e multiplicação de sementes de alta produtividade. Com a utilização maciça de fungicidas, inseticidas, herbicidas e fertilizantes, o ambiente passa a receber, a partir daquele momento, grande carga de produtos químicos que

contribuem para a poluição de rios e lençóis freáticos e para a destruição de cadeias biológicas de microorganismos e de insetos necessárias à reprodução da vida nos diversos ecossistemas. A ampla utilização desses insumos agrícolas, além de possibilitar a contaminação de alimentos e a intoxicação dos humanos e dos outros seres vivos, acelera “a marcha em direção à destruição da diversidade vegetal e animal”, conforme destaca Morin no livro *Diálogo sobre a Natureza Humana* escrito em parceria com Cyrulnik.

Vanessa da Mata, na canção intitulada *Absurdo*, explicita as conseqüências da ilusão antropocêntrica. Ao indagar “auto-destrutivos, falsas vítimas nocivas?”, Vanessa com leveza poética desmistifica a crença da superioridade humana sobre os outros seres vivos. Embriagados com os seus falsos bens, como questiona Vanessa, os homens ocidentais desnudam-se como nocivos seres, cujo desastrado desejo do controle da natureza revela o paradoxal caráter destrutivo de sua própria espécie.

Havia tanto pra lhe contar / A natureza / Mudava a forma o estado e o lugar / Era absurdo

Havia tanto pra lhe mostrar / Era tão belo / Mas olhe agora o estrago em que está

Tapetes fartos de folhas e flores / O chão do mundo se varre aqui / Essa idéia do natural ser sujo / Do inorgânico não se faz

Destruição é reflexo do humano / Se a ambição desumana o Ser / Essa imagem de infértil deserto / Nunca pensei que chegasse aqui

Auto-destrutivos / Falsas vítimas nocivas?

Havia tanto pra aproveitar / Sem poderio / Tantas histórias, tantos sabores / Capins dourados

Havia tanto pra respirar / Era tão fino / Naqueles rios a gente banhava

*Desmatam tudo e reclamam do tempo / Que ironia conflitante ser /
Desequilíbrio que alimenta as pragas / Alterado grão, alterado pão*

*Sujamos rios, dependemos das águas / Tanto faz os meios violentos / Luxúria
é ética do perverso vivo / Morto por dinheiro*

*Cores, tantas cores / Tais belezas / Foram-se / Versos e estrelas / Tantas
fadas que eu não vi*

*Falsos bens, progresso? / Com a mãe, ingratidão / Deram o galinheiro / Pra
raposa vigiar.*

Mas o dragão continua a floresta devorar

Integrado à dinâmica da ocidentalização, o desenvolvimento existente no Brasil alicerça-se na predatória exploração da natureza. Mundialmente conhecido por suas belezas naturais, o Brasil, ao ser seduzido pela lógica desenvolvimentista, experimenta um intenso processo de destruição das suas exuberantes florestas e matas seculares.

Gerador de múltiplos e inter-relacionados impactos socioambientais, o desenvolvimento traz consigo densenraizamentos culturais das populações nativas e a intensificação dos conflitos entre distintos segmentos sociais. Vital Farias, ao narrar a *Saga da Amazônia*, denuncia os problemas multidimensionais derivados da predatória exploração da floresta amazônica. Contrapondo-se à destruição da floresta e à exploração dos seus povos pelos patrocinadores da devastação, ele conclama a todas as pessoas que têm *memória, muita crença e muito amor*, para urgentemente defenderem *o que ainda resta sem rodeio, sem aresta*.

Era uma vez na Amazônia a mais bonita floresta / Mata verde, céu azul, a mais imensa floresta / No fundo d'água as Iaras, caboclo lendas e mágoas / E os rios puxando as águas

Papagaios, periquitos, cuidavam de suas cores / Os peixes singrando os rios, curumins cheios de amores / Sorria o jurupari, uirapuru, seu porvir / Era: fauna, flora, frutos e flores / Toda mata tem caipora para a mata vigiar / Veio caipora de fora para a mata definhar / E trouxe dragão-de-ferro, prá comer muita madeira / E trouxe em estilo gigante, prá acabar com a capoeira

Fizeram logo o projeto sem ninguém testemunhar / Prá o dragão cortar madeira e toda mata derrubar / Se a floresta meu amigo, tivesse pé prá andar / Eu garanto, meu amigo, com o perigo não tinha ficado lá

O que se corta em segundos gasta tempo prá vingar / E o fruto que dá no cacho prá gente se alimentar? / Depois tem o passarinho, tem o ninho, tem o ar / Igarapé, rio abaixo, tem riacho e esse rio que é um mar

Mas o dragão continua a floresta devorar / E quem habita essa mata, prá onde vai se mudar??? / Corre índio, seringueiro, preguiça, tamanduá / Tartaruga: pé ligeiro, corre-corre tribo dos Kamaiura

No lugar que havia mata, hoje há perseguição / Grileiro mata posseiro só prá lhe roubar seu chão / Castanheiro, seringueiro já viraram até peão / Afora os que já morreram como ave-de-arribação / Zé de Nana tá de prova, naquele lugar tem cova / Gente enterrada no chão:

Pois mataram índio que matou grileiro que matou posseiro / Disse um castanheiro para um seringueiro que um estrangeiro / Roubou seu lugar

Foi então que um violeiro chegando na região / Ficou tão penalizado que escreveu essa canção / E talvez, desesperado com tanta devastação / Pegou a primeira estrada, sem rumo, sem direção / Com os olhos cheios de água, sumiu levando essa mágoa / Dentro do seu coração

*Aqui termina essa história para gente de valor / Pra gente que tem memória,
muita crença, muito amor / Pra defender o que ainda resta sem rodeio, sem
aresta / Era uma vez uma floresta na linha do Equador.*

No início da década de 70, manipulando com destreza ideológica a opção desenvolvimentista, o governo militar, através da Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia, entusiasticamente concede a senha para os desmatamentos, ao inculcar que “muitas pessoas estão sendo capazes, hoje, de tirar proveito das riquezas da Amazônia”. Portanto, a ordem é: “Chega de lendas - aproveite, fature, enriqueça junto como o Brasil”. Augusto Jatobá, ao refletir acerca da insensata opção brasileira, na canção *Matança*, denuncia a drástica redução da nossa diversidade vegetal. Reconhecendo o parentesco existente entre a espécie humana e os outros seres vivos, condição essa negada pela ilusão antropocêntrica, ele afirma: *que triste sina teve o cedro nosso primo / desde menino que eu nem gosto de falar*. Anunciando a possibilidade da extinção de incontáveis espécies, ao afirmar que *quem hoje é vivo corre perigo*, Jatobá insurge-se contra os desmatamentos nessa triste-bela canção.

*Cipó caboclo tá subindo na virola / Chegou a hora do pinheiro balançar /
Sentir o cheiro do mato, da imburana / Descansar, morrer de sono na sombra
da barriguda / De nada vale tanto esforço do meu canto / Pra nosso espanto
tanta mata haja vão matar / Tal mata atlântica e a próxima amazônica /
Arvoredos seculares impossível replantar*

*Que triste sina teve o cedro nosso primo / Desde menino que eu nem gosto de
falar / Depois de tanto sofrimento seu destino / Virou tamborete, mesa,
cadeira, balcão de bar*

*Quem por acaso ouviu falar da sucupira / Parece até mentira que o
jacarandá / Antes de virar poltrona, porta, armário / Morar no dicionário,
vida-eterna, milenar*

Quem hoje é vivo corre perigo / E os inimigos do verde, da sombra o ar / Que se respira / E a clorofila das matas virgens / Destruídas vão lembrar / Que quando chegar a hora / É certo que não demora / Não chame Nossa Senhora / Só quem pode nos salvar

É caviúna, cerejeira, baraúna / Imbuia, pau-d'arco, solva / Juazeiro, jatobá / Gonçalo-alves, Paraíba, itaúba / Louro, ipê, paracaúba / Peroba, massaranduba / Carvalho, mogno, canela, imbuzeiro / Catuaba, janaúba, arueira, araribá / Pau-ferro, angico, amargoso, gameleira / Andiroba, copaíba, pau-brasil, jequitibá

Quem hoje é vivo corre perigo...

A Mata Atlântica, o Cerrado e a Floresta Amazônica, espaços caracterizados pela abundante diversidade animal e vegetal, progressivamente vão sendo transformadas em fazendas de criação de gado, em áreas dedicadas à produção agrícola monocultural e em *terras sem lei* onde madeireiros cortam *em segundos o que gasta tempo pra vingar*. Papalo Monteiro, ao cantar *Cemitério Ecológico*, contrapõe-se a uma das conseqüências dessa brutal exploração que é a redução da diversidade da fauna desencadeada, como diz Michel Serres (2005: 2003), pelo animal humano: “O Exterminador. A espécie que não somente caça para comer, mas que mata desbaratadamente a ponto de destruir não somente indivíduos, mas espécies inteiras”.

Passarinho era cantor, igualzinho gente / Violeiro dos ares / Habitantes das matas, hoje é antepassado / Pois o homem parente das covas / Sempre inventa uma guerra nova / E eles, amigos, primos e netos / Alguém bem mais distante dos bisavós aos fetos / Já não vingam mais / Morrem no choco, lhe roubaram a paz / Vivem urbanos em cativeiros / Antigos companheiros lentamente assassinados

Era três potes, alma-de-gato, chorró, custipio, jabu / Araponga, chorão, corredeira, araquã / Juriti, zabelê, azulão, rouxinol, sofrê / Lavandeira,

andorinha, coqui, anum / Papagaio, martim-pescador, passarina, galo, curió / Tico-tico, cardeal, beija-flor, assanhaço / Cancão, fogo-pagô

Quando eu lembro oh meu cantor / Das penas que tu perdeste / Passarinho uma saudade fere no peito meu / O homem se tornou um flagelo ecológico / E mais de uma geração não ouve / O martelar do galo na campina / Cantadores dos arvoredos, abacateiros / Beira-de-rios, vales e mares, lagos e fios / Já não vingam mais / Morrem no choco, lhe roubaram a paz / Vivem urbanos em cativeiros / Antigos companheiros lentamente assassinados.

Nesse contexto, as lutas ecológicas no Brasil têm sua dimensão ampliada com a atuação do líder seringueiro Chico Mendes. Defensor da criação das Reservas Extrativistas na Amazônia e portador de um profundo compromisso com os humanos e com os outros seres vivos habitantes da floresta, como destaca Carlos Walter Porto Gonçalves, Chico Mendes:

Conseguiu educar uma boa parcela de ambientalistas, inclusive do primeiro mundo, colocando uma perspectiva própria, original, para a problemática ambiental, uma perspectiva mais complexa em que a problemática social e do modo de vida (cultura) aparecem imbricadas à defesa da natureza. (GONÇALVES, 2002: 154).

Lutador incansável, capaz de construir parcerias com vários segmentos da sociedade, Chico Mendes consegue ser ouvido pelo governo brasileiro alcançando inclusive respeito internacional. Em 1987, como anfitrião da delegação da Organização das Nações Unidas em Xapuri, no Estado do Acre, denuncia o desmatamento da floresta amazônica. Também fala para o Senado dos Estados Unidos e para o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) tornando-se ganhador do Prêmio Global 500 da ONU, em Londres, naquele mesmo ano. Contrariando interesses das elites locais, madeireiros e fazendeiros, Chico Mendes é assassinado em dezembro de 1988, transformando-se num mártir internacional da defesa do meio ambiente. Almir Araújo e Marquinhos Lessa, um ano após o brutal assassinato desse exemplar líder socioambientalista, compõem *Um louvor a*

Chico Mendes que ecoa como um chamamento à ampliação da luta em defesa da vida.

Chico onde houver uma vida / Sua voz será ouvida / Como força de oração / Do amor pela terra / Que não se encerra num coração / Sou mais um nessa guerra / Quebrando a serra da devastação.

Não posso respirar, não posso mais nadar

O ambiente aquático brasileiro, preenchido por inúmeros rios, riachos, cacimbas, cachoeiras, lagos e mar, não fica imune aos malefícios resultantes da opção pelo desenvolvimento. Obcecado com a busca da expansão do progresso material, em meados da década de 70 do século passado, o governo brasileiro faz o sertão da Bahia *virar mar* com o desalojamento de milhares de habitantes de Remanso, Sento Sé, Pilão Arcado, Sobradinho, Casa Nova, cidades que são inundadas pelas águas da represa construída pela Companhia Hidroelétrica do São Francisco (CHESF). Ao relembrem a profecia de Antonio Conselheiro que, no final século XIX, dizia que o sertão iria virar mar, Sá e Guarabira, na canção *Sobradinho*, alertam para os riscos contidos nas insensatas tentativas de manipulação da natureza por parte de uma de suas espécies, a espécie humana. Demonstrando descrença frente às ilusórias promessas do desenvolvimento, ao dizerem *dá no coração o medo que algum dia o mar também vire sertão*, eles manifestam profundo descontentamento com a construção desse “símbolo do progresso” que é a hidroelétrica.

O homem chega e já desfaz a natureza / Tira a gente põe represa, diz que tudo vai mudar / O São Francisco lá prá cima da Bahia / Diz que dia menos dia vai subir bem devagar / E passo a passo vai cumprindo a profecia / Do beato que dizia que o sertão ia alagar / O sertão vai virar mar / Dá no coração / O medo que algum dia / O mar também vire sertão

Vai virar mar / Dá no coração / O medo que algum dia / O mar também vire sertão

Adeus Remanso, Casa Nova, Sento-Sé / Adeus Pilão Arcado vem o rio te engolir / Debaixo d'água lá se vai a vida inteira / Por cima da cachoeira o Gaiola vai sumir / Vai ter barragem no salto do Sobradinho / E o povo vai se embora com medo de se afogar / O sertão vai virar mar / Dá no coração / O medo que algum dia / O mar também vire sertão / Vai virar mar / Dá no coração / O medo que algum dia / O mar também vire sertão.

Nosso litoral, transformado em espaço de despejo dos dejetos industriais, constituiu, dentre outros mares, em lugar privilegiado à caça da baleia para fins industriais. Sintonizados com os objetivos dos movimentos ambientalistas combatentes pelo fim da mortandade do maior mamífero do planeta, cinco anos antes de o presidente da República sancionar a lei que proibia a caça desse grande animal no Brasil, Roberto Carlos e Erasmo Carlos compõem *As baleias*, canção na qual registram seus protestos contra a captura do importante animal marinho.

Não é possível que você suporte a barra / De olhar nos olhos do que morre em suas mãos / E ver no mar se debater o sofrimento / E até sentir-se um vencedor nesse momento

Não é possível que no fundo do seu peito / Seu coração não tenha lágrimas guardadas / Pra derramar sobre o vermelho derramado / No azul das águas que você deixou manchadas

Seus netos vão te perguntar em poucos anos / Pelas baleias que cruzavam oceanos / Que eles viram em velhos livros / Ou nos filmes dos arquivos / Dos programas vespertinos de televisão.

Impactados pela morte do ambientalista Chico Mendes, Aguinaldo Batista e Luiz Gonzaga denunciam a poluição das terras e das águas gerada pelos despejos de nocivas substâncias tóxicas. Ao questionarem a devoração da

flora, da fauna e do próprio homem, patrocinada pelos empreendimentos agroindustriais, eles cantam o *Xote ecológico* contrapondo-se à degradação dos ambientes indispensáveis à reprodução da vida.

Não posso respirar, não posso mais nadar / A Terra tá morrendo, não dá mais pra plantar / Se planta não nasce se nasce não dá / Até pinga da boa é difícil de encontrar

Cadê a flor que estava ali? / Poluição comeu / E o peixe que é do mar? / Poluição comeu / E o verde onde que está? / Poluição comeu / Nem o Chico Mendes sobreviveu.

Poluições das águas, poluição do ar, desmatamentos, assoreamento dos rios, redução da diversidade vegetal e animal, fenômenos visceralmente vinculados à desenfreada urbanização, à sociedade de consumo e à exclusão social, demonstram o caráter tragicamente ilusório da opção pelo desenvolvimento. Felizmente, “perder uma ilusão nos torna mais sábios do que encontrar uma verdade”...

ENTÃO SEGUIREI CANTAROLANDO



De pés descalços
Despreocupado
Sou menino, sou guri
Tupi-guarani dourado.
Juraildes da Cruz (*Luz dourada*)

Somos um grão de sal no mar do céu

A superação do desenvolvimento, o mal da civilização, tanto no Brasil quanto planetariamente, constitui o maior desafio do tempo presente. Morin, instigante pensador que faz do pensamento complexo uma importante ferramenta na luta contra a autodestruição da humanidade, ao refletir acerca da atual crise civilizacional, indica-nos a necessidade de “romper com o desenvolvimento”. Apostando na possibilidade da gestação de caminhos civilizatórios possibilitadores da construção de “um mundo melhor”, diferente do ilusório “melhor dos mundos” prometido pelas utopias políticas modernas, Morin expõe argumentos consoantes com a superação do desenvolvimento e com a abertura de caminhos possibilitadores da emergência de uma *política de civilização*.

Isto deve inicialmente nos levar a nos desfazermos do termo desenvolvimento, mesmo que tenha sido corrigido ou convertido em desenvolvimento durável, sustentável ou humano. [...] O desenvolvimento sustentável não faz mais do que atenuar o desenvolvimento, considerando o contexto ecológico, mas sem por em questão os seus princípios; no desenvolvimento humano, a palavra humano é esvaziada de qualquer substância, a não ser o fato de remeter ao modelo humano ocidental, que certamente comporta traços

essencialmente positivos, mas também, repetimos, traços essencialmente negativos.[...] O termo desenvolvimento durável ou sustentável pode retardar ou atenuar, mas não pode modificar esse curso destrutor. Trata-se agora, não mais de retardar ou atenuar, mas de conceber um novo ponto de partida. (MORIN, 2004b: 13 -14).

Ao refletir acerca do fenômeno do aquecimento global, Lovelock, um dos autores da *hipótese gaia*, cujas conclusões revelaram que Terra é um organismo vivo e auto-regulável, destaca que “não há mais tempo para nenhum tipo de desenvolvimento” em razão dos irreversíveis danos causados à Terra e à própria humanidade. Contrapondo-se à ilusão do desenvolvimento, Lovelock alerta que nem os segmentos político-sociais comprometidos em deixar as coisas como estão tampouco os defensores do desenvolvimento sustentável enfrentam satisfatoriamente a crise planetária.

O erro que compartilham é a crença de que mais desenvolvimento é possível e a Terra continuará mais ou menos como agora pelo menos durante a primeira metade desse século. Duzentos anos atrás quando a mudança era lenta ou nem sequer existia, talvez tivéssemos tempo para estabelecer o desenvolvimento sustentável ou mesmo continuar por algum tempo deixando as coisas como estão, mas agora é tarde: o dano foi cometido. Esperar que o desenvolvimento sustentável ou a confiança em deixar as coisas como estão sejam políticas viáveis é esperar que uma vítima de câncer no pulmão seja curada parando de fumar. Ambas as medidas negam a existência da doença da Terra, a febre acarretada por uma praga humana. Apesar de suas diferenças, elas advêm de crenças religiosas e humanistas que acham que a Terra existe para ser explorada em prol da humanidade. Quando éramos apenas I bilhão, em 1800, essas políticas ignorantes eram aceitáveis, porque causavam pouco dano. Agora percorrem duas estradas diferentes que logo se juntarão em um caminho rochoso rumo a uma existência de Idade de Pedra em um planeta doente, onde poucos de nós sobreviverão em meio aos escombros de nossa Terra outrora diversa. (LOVELOCK: 2006: 17).

Integrante do Movimento Antiutilitarista nas Ciências Sociais, Latouche, ao anunciar a sua crítica radical ao desenvolvimento, aponta a necessidade da superação da crença no progresso como sinônimo de aumento da riqueza material. Defensor do *decrescimento*, slogan tradutor do abandono da fé no crescimento econômico, Latouche, em sintonia com Morin e Lovelock, afirma

que “o desenvolvimento é insustentável”. Explicitando sua crítica à ocidentalização do mundo possibilitada pela expansão do desenvolvimento, Latouche enfatiza a necessidade da descolonização do imaginário dos diversos povos habitantes do planeta Terra.

O desenvolvimento é um conceito-armadilha. O conceito consegue realizar admiravelmente o trabalho de ilusão ideológica dos «cães de guarda» (Nizan) ou das «lavadeiras do império» (Brecht), que consiste em criar um consenso entre partes antagônicas graças a um obscurecimento do julgamento e à anestesia do senso crítico das vítimas, quando, na verdade, as expressões acumulação de capital, exploração da força de trabalho, imperialismo ocidental ou dominação planetária descrevem melhor o desenvolvimento e a globalização, e provocariam, genuinamente, um reflexo de rejeição por parte daqueles que estão do lado errado da luta de classes e da guerra econômica mundiais. A obra-prima desta arte da mistificação é, incontestavelmente, o ‘desenvolvimento sustentável’. E, precisamente, por esta razão, que o desenvolvimento é um conceito perverso. Pode-se, portanto, dizer que, ao juntar ao conceito de desenvolvimento o adjetivo sustentável, consegue-se confundir ainda mais as coisas. É mais do que duvidoso que isso seja suficiente para se resolver os problemas. [...] O desenvolvimento sustentável tira de nós toda e qualquer perspectiva de saída, ele nos promete desenvolvimento por toda a eternidade. Felizmente, o desenvolvimento não é nem sustentável, nem durável! (LATOUCHE, 2004: 3).

Mobilizado por essas consistentes reflexões e convencido de que “podemos e devemos sair fora da linha, inventar novos caminhos, anunciar conhecimentos proibidos, discutir hipóteses não plausíveis, idéias inacabadas”, conforme sugere Almeida (2004: 83), apresento a noção de DESdesenvolvimento como um operador cognitivo potencializador da descolonização do imaginário descortinada pelas diversas canções presentes nesta tese.

A emergência da noção de DESdesenvolvimento, no atual contexto marcado pela profunda agonia planetária, está relacionado com a exigência da construção de compreensões multidimensionalmente ampliadas capazes de contribuir na sedimentação de caminhos éticos e estéticos possibilitadores do enfrentamento dos imensos desafios civilizacionais. Preconizando a

superação da fé cega na tecnociência, a noção de DESdesenvolvimento não rejeita nem a ciência nem a tecnologia ocidental porque, como diz Morin (2004: 60), “superar não é esquecer, não é destruir. É integrar”. A aposta na noção de DESdesenvolvimento não prescinde, por exemplo, dos avanços da ciência médica, muito menos das potencialidades possibilitadas pelas novas tecnologias de comunicação. Entretanto, se essa noção não traduz rejeição à ciência e à tecnologia ocidental, assumi-la exige uma atitude ética capaz de relativizar a importância dos artefatos tecnocientíficos no mundo da vida.

Entendendo que, assim como “é preciso depois de ver, desver para que o real se realize”, como diz Afonso Romano de Sant’Anna (2004), considero ser fundamental apostarmos na emergência de um imaginário DESdesenvolvido. Diferentemente do desenvolvimento que nada mais é do que uma fórmula geradora de crescimento econômico e progresso material, a noção de DESdesenvolvimento, cujo compromisso maior é o cuidado com a vida em suas múltiplas dimensões, é preenchida pelos seguintes princípios e apostas fundamentais:

1. Repensar o conceito de tempo histórico – As concepções predominantes acerca do tempo histórico no Ocidente delimitam o início da história a partir da invenção da escrita. Segundo essas concepções o período entre a emergência do homem e o aparecimento da escrita faz parte de uma *pré-história*. A trajetória do cosmos, da Terra e de outros entes não humanos, quase sempre, sequer é vislumbrada como parte da história. Penso que devemos repensar o conceito de tempo histórico concebendo o incerto período que inicia com o surgimento do universo como período histórico. Como destaca Morin (2000c), o universo surgiu há aproximadamente 7 bilhões de anos, a Terra há 5 bilhões, a vida há 2 bilhões e os hominídeos há 4 milhões de anos. Mesmo que possa não existir registros acerca da história do universo antes do surgimento dos hominídeos, sabemos que aconteceram desordens, ordens, vidas, mortes, conflitos, complementaridades e organizações configuradoras de uma grande

história. Então, como destaca Ilya Prigogine (2002: 26), precisamos reconhecer a existência de várias histórias porque “há uma história cosmológica, no interior da qual há uma história da matéria, no interior da qual há uma história da vida, na qual há finalmente nossa própria história”.

Em razão dos humanos serem tributários de uma história anterior ao seu surgimento e considerando que “a natureza, como tal, não conhece nenhuma catástrofe”, como afirma Hans Jonas (2006: 301), revelam-se falsas as convicções que atestam a capacidade de destruição da Terra e o extermínio da vida nela existente por parte da espécie humana. Assim, desmorona a ingênua e presunçosa afirmação largamente difundida nos dias atuais: “Proteja a natureza: o futuro do planeta está em suas mãos”. Mesmo que essa convicção esteja fundada em preocupações com o planeta Terra, ela não reconhece a grandiosidade e tampouco a capacidade de resiliência que a Terra possui frente às agressões empreendidas pelos humanos. Portanto, ao assumirmos que estamos apenas maltratando a Terra e não a destruindo, devemos incorporar ações preenchidas pelo egoísmo inteligente que se alicerça no sincero princípio de que o cuidado com Terra e os outros seres vivos no atual contexto significa apenas uma tentativa, talvez vã, de cuidarmos de nós mesmos.

2. Cultivar a ética cosmocêntrica – Ao repensarmos o conceito de tempo histórico, simultaneamente devemos romper com a visão antropocêntrica incorporando o cosmocentrismo como matriz ética. Conforme destaca Daniel Quinn (1998: 53), através das palavras do principal personagem do seu romance, o macaco Ismael, a premissa de que “o mundo foi feito para o homem” constitui-se fator primordial para a compreensão da atual crise civilizatória. Transformado em história em razão da crença nele devotada pelos povos ocidentais, esse mito, instituído pela concepção judaico-cristã, foi incorporado ao pensamento científico moderno.

Agora, necessitamos introjetar a concepção de que *esse mundo não é meu, esse mundo não é seu*, como dizem Arnaldo Antunes e Branco Mello na

canção *Eu não sou da sua rua*. Como esse mundo não é nosso, devemos humildemente incorporar como um mantra as palavras de Moska que, ao cantar *A idade do céu*, define o lugar do humano no cosmos dizendo: *não somos mais / que um punhado de mar / uma piada de Deus / ou um capricho do sol*. Se não somos os donos do mundo, mas *um breve pulsar num silêncio antigo*, devemos assumir que o homem “não transpôs nenhuma muralha da China que separasse a sua parte humana da sua parte animal”, conforme diz Morin (2000: 8). Por sermos tão naturais quanto uma borboleta e tão culturais quanto uma obra de arte, ao assumirmos o cosmocentrismo, estamos contrapondo à falsa separação existente entre o natural e o cultural difundida pela ciência moderna, com a afirmação de que somos simultaneamente 100% natureza, 100% cultura !!!

Ao reconhecermos que somos, sempre, naturais e culturais, insurgimos contra a obsessão antropocêntrica da ciência ocidental que tudo procura investigar, decifrar, dissecar, analisar. Consoantemente com a ética cosmocêntrica, devemos fazer coro com Morin (2008b: 232) quando afirma que o “objetivo do conhecimento não é descobrir o segredo do mundo. O objetivo é dialogar com o mistério do mundo”. Então acolhamos a sugestão apresentada por Bell Marques e Wadinho Marques que, cantando *Que força é essa*, dizem: *responder / todo mistério da vida / pra quê / de onde vem essa força / por quê / se o importante é viver*.

3. Redimensionar a relação com o passado, o presente e o futuro - A modernidade, com as suas múltiplas promessas, incita-nos a acreditar que o futuro é algo que pode ser determinado. Diante de um cenário recortado por múltiplas incertezas, faz-se necessário estabelecer novas relações com o passado, o presente e o futuro. Ao mesmo tempo em que devemos superar a nostalgia do passado, precisamos dialogicamente incorporar todas as experiências ancestrais portadoras de sentido. Por outro lado, por ser incerto e indeterminado, devemos nos despreocupar com o futuro e nos comprometer com o presente que se configura como uma grande dádiva. Como *no início da vida abriu-se o tempo / tempo que não vai retornar* e já que

o futuro é o presente, não nega o passado, conforme diz Juraildes da Cruz ao cantar *A porta do tempo*, é fundamental exercitarmos aqui e agora o “modo de ser cuidado” porque, como destaca Leonardo Boff (1999: 95) “pelo cuidado não vemos a natureza e tudo que nela existe como objetos. A relação não é sujeito-objeto, mas sujeito-sujeito”.

Então, se “enquanto se espera viver a vida passa”, como afirmava Sêneca, cuidemos dos humanos, dos outros seres vivos e da Terra no instante presente assumindo a instigante sugestão da roqueira Pitty que, ao cantar a canção *Semana que vem*, sentencia uma exigência do nosso tempo: *não deixe nada pra depois, não deixe o tempo passar / não deixe nada pra semana que vem / porque semana que vem pode não chegar*.

4. Tecer vivências utopicamente realistas - Na modernidade há a propagação de projetos utópicos anunciadores da construção de um mundo perfeito e harmonioso, forjado através das ações empreendidas pela própria humanidade. Esse mundo, preenchido pelo progresso material e felicidade plena seria a materialização do desejo de completa emancipação da humanidade.

Ao projetar a construção do paraíso na Terra, cuja tradução é a sociedade comunista, o marxismo, destacando-se entre as utopias políticas modernas, revela-se como uma autêntica mitologia. Conforme explicita George Steiner (2003: 14), por possuir a “pretensão de explicar tudo, textos canônicos trazidos pelo gênio fundador, ortodoxia opondo-se à heresia e metáforas, gestos e símbolos cruciais”, o marxismo configura-se como uma verdadeira *teologia substituta* às religiões prometedoras da salvação celestial.

Diante da grave crise civilizatória, evidenciadora da impossibilidade da construção de um mundo perfeitamente moldado pelo homem, é fundamental assumirmos que “não há salvação terrestre, como prometeu a religião comunista, ou seja, uma solução social em que a vida de cada um e

de todos se veria livre da infelicidade, do acaso e da tragédia”, como destaca Morin (2002: 164). Ao rompermos com as ilusões utópicas recortadas pelos dualismos, devemos forjar ações e vivências que estejam assentadas na dialógica união entre dimensões julgadas irreconciliáveis pela ciência e as utopias modernas. Devemos incorporar a conflituosa unidade entre utopia e realismo, perfeição e imperfeição, competição e solidariedade, liberdade e determinismo, bom e ruim porque *erra / quem sonha com a paz mas sem a guerra / o céu existe, pois existe a terra / assim também, nessa vida real / não há o bem sem o mal*, como dizem Pedro Luís e Carlos Rennó no *Samba de amor e ódio*.

Na dinâmica da tessitura de vivências utopicamente realistas devemos insurgir contra a exclusão social a que estão submetidos incontáveis seres humanos. Ao questionarmos a fórmula que aponta para o encorajamento da “abundância e o desenvolvimento pessoal” que é incapaz de “suscitar ao mesmo tempo, sem dilaceramentos a participação e fraternidade” como diz Pascal Bruckner (1997: 77), devemos lutar pela erradicação da pobreza por ser plenamente possível garantir que o essencial à vida seja acessível a todos os humanos.

A vivência baseada na *simplicidade voluntária* constitui-se numa outra ação compatível com a busca da unidade entre utopia e realismo. Conforme destaca Duane Elgin (1981: 22) simplicidade voluntária é uma “maneira de viver que é exteriormente mais simples e interiormente mais rica”. Viver com simplicidade significa não se sucumbir às ilusórias promessas de felicidade estampadas pela sociedade de consumo e não transformar desejos materiais, quase sempre fabricados através dos apelos midiáticos, em necessidades inadiáveis. Viver com simplicidade significa contrapor-se à lógica da acumulação de bens materiais e apostar na disseminação dos modos de vida preenchidos pela frugalidade e pela parcimônia porque, como ensina Henry David Thoreau (1985: 27), “a maioria dos luxos e dos chamados confortos da vida, não são só dispensáveis como constitui até obstáculo à elevação da

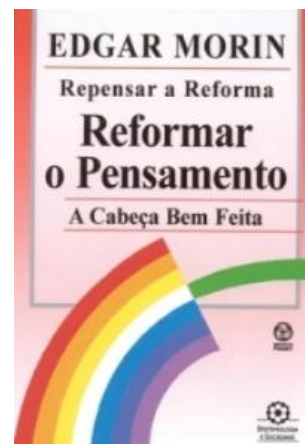
humanidade”. Enfim, como diz Ana Carolina na canção *É isso aí: a vida tão simples é boa, quase sempre*. Então, tentemos...

Outra ação utopicamente realista vincula-se à valorização dos saberes da tradição. Ao integrarem os vários sentidos – olfato, tato, audição, paladar e visão – no processo de compreensão dos fenômenos biológicos, físicos, sociais e culturais, os intelectuais da tradição – índios, mateiros, sertanejos, ribeirinhos – constroem perto da natureza um saber vivo e comprometido com a vida. Ao reconhecermos que, além da ciência, “existem outras produções de conhecimento, outras formas de conhecer que se perdem no tempo e no anonimato porque não encontram espaços e oportunidades de expressão”, conforme sublinha Almeida, (2006b: 107), devemos preservar e incorporar os saberes ancestrais possibilitadores de uma maior harmonia, nunca isenta de conflitos, entre os humanos, os outros seres vivos e o misterioso universo.

Penso que a difusão desses princípios e apostas que configuram a essência do DESdesenvolvimento, além de potencializar a crítica descortinada pelos compositores aos sintomas do mal da civilização, contribui para a emergência do profundo envolvimento dos humanos consigo próprios, com os outros seres vivos e com o cosmos.

Ao finalizar essa tese, preenchida pelo inacabamento, quero sublinhar a urgência de tentarmos, como afirma Morin “assemelhar-nos com nossas idéias” e procurarmos, como diz Ana Pereira, “falar menos e fazer mais”. Se o futuro *não tem tempo, nem piedade, nem tem hora de chegar*, como cantam Toquinho e os seus parceiros na canção *Aquarela*, agindo dessa forma estaremos educando para a descolonização do imaginário e tecendo, aqui e agora, a incerta história do DESdesenvolvimento. Façamos, então, as nossas apostas! Certamente, esse pode ser um bom recomeço...

MINHAS ESCOLAS DE VIDA



[Uma canção] e um livro importante revelam-nos uma verdade ignorada, escondida, profunda, sem forma que trazemos em nós, e causa um duplo encantamento, o da descoberta de nossa própria verdade na descoberta de uma verdade exterior a nós, e o da descoberta de nós mesmos em personagens diferentes de nós.

Edgar Morin

Palavras e sons

ALMEIDA, Maria da Conceição de. Biologia social das emoções. In: **Complejidad**: Revista do Programa de Animación Permanente de Redes del Pensamiento Complejo en América Latina y Caribe. Buenos Aires, v. 1, n. 1, 1999.

ALMEIDA, Maria da Conceição de. **Complexidade e cosmologias da tradição**. Belém: EDUEPA; UFRN/PPGCS, 2001.

ALMEIDA, Maria da Conceição de. Por uma ciência que sonha. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex; SILVA, Josimey Costa da. (Org.). **Complexidade à flor da pele**: ensaios sobre ciência, cultura e comunicação. São Paulo: Cortez, 2003a.

ALMEIDA, Maria da Conceição de. Ciência, tecnologia e globalização: novos cenários para velhos problemas. In: CARVALHO, Edgar de Assis; MENDONÇA, Terezinha. (Org.). **Ensaio de Complexidade 2**. Porto Alegre: Sulina, 2003b.

ALMEIDA, Maria da Conceição de. As artes da nova ciência. In: ALMEIDA, Ângela; ALMEIDA, Maria da Conceição de; KNOBB, Margarida. (Org.). **Polifônicas idéias**: por uma ciência aberta. Porto Alegre: Sulina, 2003c.

ALMEIDA, Maria da Conceição de. A ciência como bifurcação: uma homenagem a Ilya Prigogine. In: **Famecos**: Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da PUC-RS. Porto Alegre, n. 23. abr. 2004.

ALMEIDA, Maria da Conceição de. Narrativas de uma ciência da inteireza. In: SOUZA, Elizeu Clementino de. (Org.). **Autobiografias, histórias de vida e formação:** pesquisa e ensino. Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2006a.

ALMEIDA, Maria da Conceição de. Uma ciência perto da natureza. In: ALMEIDA, Maria da Conceição de; PEREIRA, Wani Fernandes. (Org.). **Lagoa do Piató:** fragmentos de uma história. 2. ed. rev. e ampl. Natal, RN: 2006b.

ALMEIDA, Maria da Conceição de; KNOBBE, Margarida Maria. **Ciclos e metamorfoses.** Porto Alegre: Sulina, 2003.

ANTUNES, Arnaldo. **40 escritos.** São Paulo: Iluminuras, 2000.

ANTUNES, Arnaldo; MELLO, Branco. *Eu não sou da sua rua.* In: ANTUNES, Arnaldo. **Ao vivo no estúdio.** Rio de Janeiro: Biscoito fino, 2008. 1 CD. Faixa 11.

ARAÚJO, Almir; LESSA, Marquinhos. *Louvor a Chico Mendes.* In: **SIMONE.** Rio de Janeiro: CBS, 1989. 1 LP. Lado B, faixa 1.

BALEIRO, Zeca. *Salão de beleza.* In: BALEIRO, Zeca. **Por onde andarã Sthepen Fry?** Rio de Janeiro: MZA / Universal Music, 1997. 1 CD. Faixa 4.

BALEIRO, Zeca. *Você só pensa em grana.* In: BALEIRO, Zeca. **Líricas.** Rio de Janeiro: MZA / Universal Music, 2000. 1 CD. Faixa 9.

BARROS, Dão. *Paraíso ilustrado* In: BARROS, Dão. **Esculpindo canções.** Vitória da Conquista: Produção Independente, 2007. 1 CD. Faixa 12.

BAUMAN, Zygmunt. **Vidas desperdiçadas.** Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar.** Petrópolis: Vozes, 1999.

BOHM, David; PEAT, F. David. **Ciência, ordem e criatividade.** Tradução de Jorge da Silva Branco. Lisboa: Gradiva, 1989.

BRASIL. **Plano de Aceleração do Crescimento - 2007-2010.** Governo Federal. Brasília, jan 2007. Disponível em: <<http://www.agenciabrasil.gov.br/media/arquivos/>>. Acesso em: 25 jan. 2007.

BRUCKNER, Pascal. **A tentação da inocência.** Tradução de Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

BUARQUE, Cristovam. **O que é apartação:** o apartheid social no Brasil. 7. reimp. São Paulo: Brasiliense, 2003.

BUARQUE, Chico. *A televisão*. In: BUARQUE, Chico. **Volume 2**. São Paulo: RGE, 1967. 1 LP. Lado B, faixa 3.

BUARQUE Chico; MENESCAL, Roberto. *Bye bye Brasil*. In: BUARQUE, Chico. **Vida**. Rio de Janeiro: Philips, 1980. 1 LP. Lado B, faixa 5.

BUBER, Martin. **Eu e tu**. 6. ed. Introdução e tradução de Newton Aquiles von Zuben. São Paulo: Centauro, 2003.

CAROLINA, Ana (versão); RICE, Damien (composição). *É isso aí (The blower's daughter)*. In: ANA & JORGE. **Ao Vivo**. Rio de Janeiro: SONY-BMG, 2005. 1 CD. Faixa 7.

CANTORAL, Roberto; ROSSI, Mário. *Aquece-me esta noite*. In: ALBERTO, Carlos. **20 supersucessos remasterizados**. Rio de Janeiro: Polidisc, 1993. 1 CD. Faixa 11.

CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**. 18. ed. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1995.

CARLOS, Roberto; CARLOS, Erasmo. *O divã*. In: **Roberto Carlos**. São Paulo: CBS, 1972. 1 LP. Lado B, faixa 05.

CARLOS, Roberto; CARLOS, Erasmo. *As baleias*. In: **Roberto Carlos**. São Paulo: CBS, 1981. 1 LP. Lado A, faixa 3.

CARVALHO, Edgard de Assis. **Virado do avesso**. São Paulo: Selecta Editorial, 2005.

CAYMMI, Dorival. *Saudade da Bahia* In. CAYMMI, Dorival. **Eu vou para Maracangalha**. Rio de Janeiro: Odeon, 1957. 1 LP. Lado A, faixa 3.

CONTREIRAS, Hélio; MACAMBIRA, Val. *Três Passarinhos* In: **II FESTIVAL DE INVERNO DA BAHIA**. Vitória da Conquista: Jornal o Radar, 1985. 1 LP. Lado A, faixa 3.

COSTA, Emília Viotti da. **Da Monarquia à República: momentos decisivos**. 7. ed. São Paulo: UNESP. 1997.

CYRULNIK, Boris. **Os patinhos feios**. Tradução de Mônica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CRUZ, Juraildes da. *Nóis é Jeca mais é jóia*. In: CRUZ, Juraildes da. **Lugar seguro**. São Paulo: Devil Discos, 1998. 1 CD. Faixa 14.

CRUZ, Juraildes da. *Luz dourada*. In: XANGAI E QUINTETO DA PARAÍBA. **Brasilerança**. Rio de Janeiro: Kuarup, 2001. 1 CD. Faixa 3.

CRUZ, Juraildes da. *A porta do tempo*. In: CRUZ, Juraildes da; XANGAI. **Nóis é Jeca mais é jóia**. Rio de Janeiro: Kuarup, 2004. 1 CD. Faixa 3.

DESCARTES, René. **Discurso do método**. Tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ELGIN, Duane, **Simplicidade voluntária**. Tradução de Eidi Baltrusis Cardoso Gomes, São Paulo: Cultrix. 1998.

ELOMAR. *O violeiro*. In: ELOMAR. **...Das barrancas do Rio Gavião**. Rio de Janeiro: Philips, 1973. 1 LP. Lado A, faixa 1.

ELOMAR. *Chula no terreiro*. In: ELOMAR. Na quadrada das águas perdidas. São Paulo: Rio Gavião, 1979. 2 LPs. Disco 1. Lado B, faixa 1.

ELOMAR. *Curvas do rio*. In: ELOMAR. Na quadrada das águas perdidas. São Paulo: Rio Gavião, 1979. 2 LPs. Disco 2. Lado B, faixa 3.

ESTEVA, Gustavo. Desenvolvimento. In: SACHS, Wolfgang. (Org.). **Dicionário do desenvolvimento**: guia para o conhecimento como poder. Tradução Vera Lúcia M. Joscelyne, Susana de Gyalokay e Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 2000.

ETCOFF, Nancy. **A lei do mais belo**. Tradução de Ana Luiza Borges de Barros. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

FAGUNDES, Iolando. *Seres urbanos*. In: **CANTA BAHIA**: Seletiva do Sudoeste 95. Vitória da Conquista: TV Sudoeste, 1995. 1 CD. Faixa 10.

FARIAS, Vital. *Pra você gostar de mim*. In: FARIAS, Vital. **Taperoá**. Rio de Janeiro: Epic, 1980. 1 LP. Lado A, faixa 1.

FARIAS, Vital. *Saga da Amazônia*. In: FARIAS, Vital. **Sagas brasileiras**. Rio de Janeiro: Lança / Polygram, 1982. 1 LP. Lado B, faixa 1.

FARIAS, Vital. *Saga de Severinin*. In: FARIAS, Vital. **Sagas brasileiras**. Rio de Janeiro: Lança / Polygram, 1982. 1 LP. Lado A, faixa 5.

FORTES, Luís Roberto. **O Iluminismo e os reis filósofos**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **O feudalismo**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

FROMM, Erich. **Ter ou ser?** 4. ed. Tradução de Nathanael C. Caixeiro. São Paulo: LTC, 1987.

GABRIEL O PENSADOR. *O resto do mundo*. In: **Gabriel O Pensador**. Rio de Janeiro: Sony Music, 1993. 1 CD. Faixa 10.

GABRIEL O PENSADOR; ABREU, Fernanda; LIMINHA. *Nádegas a declarar*. In: GABRIEL, O PENSADOR. **Nádegas a declarar**. Rio de Janeiro: Sony Music, 1999. 1 CD. Faixa 4.

GABRIEL O PENSADOR et al. *Palavras repetidas*. In: GABRIEL O PENSADOR. **Cavaleiro andante**. Rio de Janeiro: Sony / BMG, 2005. 1 CD. Faixa 5.

GERALDO, Zé. *Uai bichinho*. In: GERALDO, Zé. **Caminho de Minas**. Rio de Janeiro: Copacabana, 1983. 1 LP. Lado A, Faixa 3.

GESSINGER, Humberto. *A promessa*. In: ENGENHEIROS DO HAWAII. **Simples de coração**. Rio de Janeiro: BMG, 1995. 1 CD. Faixa 5.

GESSINGER, Humberto. *3ª do plural*. In: ENGENHEIROS DO HAWAII. **Surfando karmas & DNA**. Rio de Janeiro: Universal Music, 2002. 1 CD. Faixa 2.

GIL, Gilberto. *Quanta*. In: GIL, Gilberto. **Quanta**. Rio de Janeiro: Warner Music, 1997. 2 CDs. CD 1, faixa 1.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Meio ambiente, ciência e poder**: diálogo de diferentes matrizes de racionalidade. In: SORRENTINO, Marcos. (Coord.). *Ambientalismo e participação na contemporaneidade*. São Paulo: EDUC-FAPESP, 2002.

GONZAGUINHA. *O que é, o que é?* In: GONZAGUINHA. **Caminhos do coração**. Rio de Janeiro: EMI-Odeon, 1982. 1 LP. Lado A, faixa 1.

GUEDES, Beto; BASTOS, Ronaldo. *O sal da Terra*. In: GUEDES, Beto. **Contos da lua vaga**. Rio de Janeiro: EMI / ODEON, 1981. 1 LP. Lado A, faixa 1.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. *Conceito de Iluminismo*. In: **Os pensadores**: XLVIII. São Paulo: Abril Cultural, 1975.

HUNT, E. K; SHERMAN, Howard J. **História do pensamento econômico**. 3. ed. Tradução de Jaime Larry Benchimol. Petrópolis: Vozes, 1982.

IANNI, Octávio. **O colapso do populismo no Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

JATOBÁ, Augusto. *Matança*. In: XANGAI. **Qué qui tu tem canário**. Rio de Janeiro: Estúdio de Invenções, 1981. 1 LP. Lado B, faixa 2.

JONAS, Hans. **O princípio responsabilidade**. Tradução de Marijane Lisboa e Luís Barros Montez. Rio de Janeiro: Contraponto – PUC / Rio, 2006.

LACERDA, Genival; ALTINHO, Jorge de. *Americanizado*. In: LACERDA Genival. **Hot-dog baiano**. São Paulo: RCA, 1986. 1 LP. Lado B, faixa 1.

LATOUCHE, Serge. **A ocidentalização do mundo**. 2. ed. Tradução Celso Mauro Pacionirk. Petrópolis: Vozes, 1996.

LATOUCHE, Serge. **Os perigos do mercado planetário**. Tradução de Nuno Romano Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

LATOUCHE, Serge. O desenvolvimento é insustentável. In: **IHU On Line**: como salvar o planeta e a humanidade? - decrescimento ou desenvolvimento sustentável? São Leopoldo, edição n. 100, 10 maio 2004. Disponível em: <<http://www.unisinos.br/ihuonline>>. Acesso em: 28 nov. 2004.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

LENINE; RENNÓ, Carlos. *É fogo*. In: LENINE. **Labiata**. Rio de Janeiro: Universal Music, 2008. 1 CD. Faixa 7.

LOVELOCK, James. **A vingança de gaia**. Tradução Ivo Korytowski. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2006.

LUÍS, Pedro; RENNÓ, Carlos. *Samba de amor e ódio*. In: SÁ, Roberta. **Que belo estranho dia pra se ter alegria**. Rio de Janeiro: Universal Music, 2008. 1 CD. Faixa 10.

MACEDO, Paulo. *Viola festeira*. In: **Canta Bahia**: Seletiva do Sudoeste 95. Vitória da Conquista: TV Sudoeste, 1995. 1 CD. Faixa 7.

MACEDO, Paulo. *Música*. In: MACEDO, Paulo. **Pindorama**. Vitória da Conquista: Produção Independente, 1998. 1 CD. Faixa 1.

MACEDO, Paulo. *América*. In: **II Festival Uesb de Música**. Vitória da Conquista: UESB, 2005. 1 CD. Faixa 5.

MARICATO, Erminia. **Brasil, cidades**: alternativa para a crise urbana. Petrópolis: Vozes, 2001.

MARQUES, Bell; MARQUES, Wadinho. *Que força é essa*. In: CHICLETE COM BANANA. **Fé brasileira**. Rio de Janeiro: Continental, 1988. 1 LP. Lado A, Faixa 3.

MATA, Vanessa da. Absurdo. In: MATA, Vanessa da. **Sim**. Rio de Janeiro: SONY / BMG, 2008. 1 CD. Faixa 8.

MATOS, Olgária. Desejo de vidência, desejo de evidência: Walter Benjamim. In: NOVAES, Aduato. (Org.). **O desejo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

MATTOS, Sérgio. **A televisão no Brasil: 50 anos de história (1950-2000)**. Salvador: PAS / Ianamá, 2000.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. 4. reimp. Tradução de José Fernando Campos Fortes. Belo Horizonte: UFMG. 2005.

MEADOWS, Dennis et al. **Limites do crescimento: um relatório para o projeto do Clube de Roma sobre o dilema da humanidade**. Tradução de Inês M. F. Litto. São Paulo: Perspectiva, 1973.

MEDEIROS Maria Iêda da Silva, **Flor de mucambo**. Organização de Wani Fernandes Pereira. Natal: Flecha do Tempo, 2006.

MELO, Protásio Pinheiro de. **Contribuição norte-americana à vida natalense**. Brasília, 1993.

MELLO, João Manuel Cardoso de; NOVAIS, Fernando Antonio. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: SCHWARCZ, Lilia. (Org.). **História da vida privada no Brasil 4: contrastes da intimidade contemporânea** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MELLO E SOUZA, Nelson. **Modernidade: a estratégia do abismo**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999.

MENDES, Karla. UNIFESP: publicidade é vilã da obesidade infantil. **Comunicação de interesse público**. São Paulo, 12 mar. 2007. Disponível em: <<http://cip.blog.ig.com.br/>>. Acesso em: 12 mar. 2007.

MICELI, Paulo. **O feudalismo**. São Paulo: Atual Editora; Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

MONTEIRO, Papalo; MACEDO; Paulo. *Miserê*. In: MONTEIRO, Papalo. **Os Anéis e os dedos**. Vitória da Conquista: Produção Independente, 2001. 1 CD. Faixa 4.

MONTEIRO, Papalo. *Meu nome é Brasil*. In: MONTEIRO, Papalo. **Os anéis e os dedos**. Vitória da Conquista: Produção Independente, 2001. 1 CD. Faixa 10.

MONTEIRO, Papalo. *Cemitério ecológico*. In: MONTEIRO, Papalo. **Canção, violão e voz**. Vitória da Conquista: Produção Independente, 2003. 1 CD. Faixa 7.

MONTENEGRO, Oswaldo; MONGOL. *Intuição*. In: MONTENEGRO, Oswaldo. **Ao Vivo**. Rio de Janeiro: Som Livre, 1988. 1 LP. Lado A, faixa 1.

MORE, Thomas. **A utopia**. Tradução de Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2006.

MORIN, Edgar. Não se conhece a canção. In: MOLES, Abraham et al. (Org.). **Linguagem da cultura de massas: televisão e canção**. Tradução de Sebastião Velasco e Cruz e Hilda Fagundes. Petrópolis: Vozes, 1973.

MORIN, Edgar. Abertura. In: ALMEIDA, Maria da Conceição de; CARVALHO, Edgard de Assis; CASTRO, Gustavo de. (Org.). **Ensaio de Complexidade**. Porto Alegre: Sulina, 1997.

MORIN, Edgar. **Sociologia: a sociologia do microssocial ao macroplanetário**. Tradução de Maria Gabriela de Bragança e Maria da Conceição Coelho. Lisboa: Europa-América, 1998.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas nos século XX: necrose**. 3. ed. Tradução de Agenor Soares Santos. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999a.

MORIN, Edgar. **O método 3: o conhecimento do conhecimento**. 2. ed. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 1999b.

MORIN, Edgar. **Meus demônios**. 2. ed. Tradução de Leneide Duarte e Clarice Meireles. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000a.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F, da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000b.

MORIN, Edgar. **O paradigma perdido: a natureza humana**. 6. ed. Tradução de Hermano Neves. Lisboa: Europa-América, 2000c.

MORIN, Edgar. A televisão pode ser educativa? In: PENA-VEGA, Alfredo; ALMEIDA, Cleide R. S de; PETRAGLIA Izabel. (Org.). **Edgar Morin: ética, cultura e educação**. São Paulo: Cortez, 2001.

MORIN, Edgar. **O método 4: as idéias**. 3. ed. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2002a.

MORIN, Edgar. **O método 5: a humanidade da humanidade**. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2002b.

MORIN, Edgar. A articulação dos saberes. In: ALMEIDA, Maria da Conceição de; CARVALHO, Edgard de Assis. (Org.). **Educação e Complexidade: os sete saberes e outros ensaios**. São Paulo: Cortez, 2002c.

MORIN, Edgar. Caminhos marxianos. In: CARVALHO, Edgard de Assis; RODRIGUES, Maria Lucia. (Org.). **Edgar Morin - em busca dos fundamentos perdidos**: textos sobre o marxismo. Porto Alegre: Sulina, 2002d.

MORIN, Edgar. A História. In: MORIN, Edgar. (Dir.). **A religião dos saberes**: o desafio do século XXI. 4. ed. Tradução de Flávia Nascimento, Rio de Janeiro Bertrand Brasil: 2004a.

MORIN, Edgar. Para além da globalização: sociedade mundo ou império mundo. In: CARVALHO, Edgard de Assis; MENDONÇA, Terezinha. (Org.). **Ensaio de Complexidade 2**. Porto Alegre: Sulina, 2004b.

MORIN, Edgar. **Amor, poesia e sabedoria**. 7. ed. Tradução de Edgard de Assis Carvalho. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005a.

MORIN, Edgar. Para além do iluminismo. In: **Famecos**: Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da PUC-RS. Porto Alegre, n. 26, abr. 2005b.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 11. ed. Tradução de Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005c.

MORIN, Edgar. **O método 6**: ética. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2005d.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX**: neurose. 9. ed. Tradução de Maura Ribeiro Sardinha. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

MORIN, Edgar. Estamos numa aventura perigosa no navio Terra. **A Tarde**. Salvador, 5 nov. 2. cad. p. 3. 2008a.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. 11. ed. Tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008b.

MORIN, Edgar; KERN, Anne Brigitte. **Terra-Pátria**. 3. ed. Tradução de Paulo Neves, Porto Alegre: Sulina, 2002.

MORIN, Edgar; CYRULNIK Boris. **Diálogo sobre a natureza humana**. Lisboa: Portugal, Instituto Piaget, 2004.

MORIN, Edgar; NICOLESCU, Basarab; FREITAS, Lima de. Carta da Transdisciplinaridade. In: NICOLESCU, Basarab. **O manifesto da transdisciplinaridade**. Tradução de Lucia Pereira de Souza. São Paulo: Triom, 1999.

MOSKA (versão); DREXLER, Jorge (composição). *A idade do céu*. In: MOSKA. **Tudo novo de novo**. Rio de Janeiro: Som Livre, 2003. 1 CD. Faixa 6.

MOTTA, Domingo, Raúl. **Filosofía, complejidad y educación en la era planetaria**: ensayos. San Nicolas de los Garza, N.L. : UANL, 2008.

NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do; PENA-VEGA, Alfredo (Org.). **O pensar complexo**: Edgar Morin e a crise da modernidade. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

NICOLESCU, Basarab. **O manifesto da transdisciplinaridade**. Tradução de Lucia Pereira de Souza. São Paulo: TRIOM, 1999.

NIETZSCHE, Friedrich. **O nascimento da tragédia**. Tradução de Heloisa da Graça Burati. São Paulo: Rideel.

NOVAES, Washington. Em busca do caminho das pedras. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 23 jan. 2004. Disponível em: <<http://www.comitepaz.org.br/WNovaes.htm>>. Acesso em: 12 nov. 2004.

OLIVEIRA, Rosemberg. *O mundo cidade*. In: **Canta Bahia**: Seletiva do Sudoeste 95. Vitória da Conquista: TV Sudoeste, 1995. 1 CD. Faixa 13.

PÁDUA, José Augusto. O nascimento da política verde no Brasil: fatores exógenos e endógenos. In: LEIS, Héctor Ricardo (Org.). **Ecologia e política mundial**. Petrópolis: Vozes, 1991.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. Transição política e não-estado de direito na República. In: SACHS, Ignacy; WILHEIM, Jorge; PINHEIRO, Paulo Sérgio. (Org.). **Brasil**: um século de transformações. São Paulo: Companhia das Letras. 2001.

PITTY. *Semana que vem*. In: PITTY. **{Des}Concerto Ao Vivo**. São Paulo: Deckdisc, 2007. 1 CD. Faixa 3.

PRIGOGINE, Ilya. **Do ser ao devir**. Tradução de Maria Leonor F. R. Loureiro. São Paulo: UNESP; Belém: UEPA, 2002.

QUINN, Daniel. **Ismael**: um romance da condição humana. 3. reimp. Tradução de Thelma Médice Nóbrega. São Paulo: Peirópolis, 2007.

RIBEIRO, Renato Janine. Razão e sensibilidade. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 18 fev. 2007. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mas/fs1802200707.htm>>. Acesso em: 18 fev. 2007.

RUSSO, Renato; VILLA-LOBOS, Dado; BONFÁ, Marcelo. *Pais e filhos*. In: LEGIÃO URBANA. **As quatro estações**. Rio de Janeiro: EMI, 1989. 1 LP. Lado A, faixa 2.

SÁ; GUARABIRA. *Sobradinho*. In: SÁ; GUARABIRA. **Pirão de peixe com pimenta**. São Paulo: Som Livre, 1977. 1 LP. Lado A, faixa 1.

SADER, Emir. **A transição no Brasil**: da ditadura à democracia. 4. ed. São Paulo: Atual, 1993.

SANT'ANNA, Afonso Romano de. O saber e a cegueira. **O Globo**. 20 nov. 2004. Disponível em: <<http://www.bancodeescola.com/romano.htm>>. Acesso em: 14 mar. 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência. São Paulo: Editora Cortez, 2000.

SANTOS, Lulu. *A cura*. In: SANTOS, Lulu. **Toda forma de amor** São Paulo: BMG-Ariola, 1988. 1 LP. Lado B, Faixa 2.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Metafísica do belo**. Tradução, apresentação e notas de Jair Barbosa. São Paulo: UNESP, 2001a.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e representação**. Tradução de M. F. Sá Correia. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001b.

SEIXAS, Raul. *Metamorfose ambulante* In: SEIXAS Raul. **Krig-ga bandolo**. Rio de Janeiro: Philips, 1973. 1 LP. Lado A, faixa 3.

SERRES, Michel. **O incandescente**. Tradução de Edgard de Assis Carvalho e Maria Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

SEVCENKO, Nicolau. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: SEVCENKO, Nicolau. (Org.). **História da vida privada no Brasil 3**: República, da *belle époque* à era do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SEU JORGE; AMORIM, Bento. *Mania de peitão*. In: SEU JORGE. **Cru**. São Paulo: ST2 Music, 2004. 1 CD. Faixa 2.

SHIVA, Vandana. Recursos Naturais. In: SACHS, Wolfgang. (Org.). **Dicionário do desenvolvimento**: guia para o conhecimento como poder. Tradução de Vera Lúcia M. Joscelyne, Susana de Gyalokay e Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 2000.

SHIVA, Vandana. **Monoculturas da mente**. Tradução de Dinali de Abreu Azevedo. São Paulo: Gaia, 2003.

SILVA, Ana Márcia Silva. **Corpo, ciência e mercado**: reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo de felicidade. Campinas: Autores Associados, 2001.

SILVA, Carlos Alberto Pereira. Razão e educação no ocaso do milênio. In: **História e Ensino**: Revista do Laboratório de Ensino de História da Universidade Estadual de Londrina. Londrina, v. 1, n. 5, out. 1999.

SILVA, Carlos Alberto Pereira. Sustentabilidade e transição paradigmática. In: OLIVEIRA, Marília Flores Seixas de; OLIVEIRA, Orlando J. R. de. (Org.). **De olho na mata**: fotografia, educação ambiental e sustentabilidade. Vitória da Conquista, BA: Edições Uesb; São Paulo: Unisol, 2003.

SILVA, Juremir Machado da. Da impossibilidade do método. In: **Cronos**: Revista do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da UFRN. Natal, v. 2, n. 2, jul. / dez. 2001.

SILVA, Juremir Machado da. Para além da pureza do método. In: ALMEIDA, Maria da Conceição de; KNOBBE, Margarida; ALMEIDA, Ângela Maria de (Org.). **Polifônicas idéias**: por uma ciência aberta. Porto Alegre: Sulina, 2003.

STÉDILE, João Pedro. **Questão agrária no Brasil**. 4. ed. São Paulo: Atual, 1998.

TATAU. *Protesto Olodum (E lá vou eu)*. In: BAMDAMEL. **E lá vou eu**. São Paulo: Continental, 1988. 1 LP. Lado A, faixa 1.

THOREAU, Henry David. **Walden ou a vida nos bosques**. 3. ed. Tradução de Astrid Cabral. São Paulo: Global, 1985.

TOQUINHO, et al. *Aquarela*. In: TOQUINHO. **Aquarela**. Rio de Janeiro: Ariola, 1983. 1 LP. Lado B, faixa 1.

TOTA, Antonio Pedro. **O imperialismo sedutor**: a americanização do Brasil na época da segunda guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

VAINFAS, Ronaldo. **Ideologia e escravidão**. Petrópolis: Vozes, 1986.

VELOSO, Caetano; LARA, Dona Ivone. *Força da imaginação*. In: CARVALHO, Bete. **Traço de união**. Rio de Janeiro: RCA Victor, 1982. 1 LP. Lado A, faixa 1.

VENTURINI, Flávio; BORGES, Márcio. *Linda juventude*. In: 14 BIS. **Além paraíso**. Rio de Janeiro: EMI / Odeon, 1982. 1 LP. Lado A, faixa 1.

VIÁFORA, Celso; BARRETO Vicente. *A cara do Brasil*. In: MATOGROSSO, Ney. **Vivo**. Rio de Janeiro: Universal Music, 1999. 1 CD. Faixa 14.

YUKA, Marcelo (letra), YUKA, Marcelo et al. (música). *Ego City*. In: F.U.R.TO. **Sangueaudiência**. Rio de Janeiro: Sony Music, 2005. 1 CD. Faixa 2.

ZALUAR, Alba. Hipermasculinidade leva jovem ao mundo do crime. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 12 jul. 2004. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1207200423.htm>>. Acesso em: 12 jul. 2004.